



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Centro de Educação Física e Desportos
Campus de Vitória – Espírito Santo

MARIA JULIA NUNES DE BRITTO

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR:
a temática étnico-racial**

VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO
2024



MARIA JULIA NUNES DE BRITTO

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: a temática étnico-racial

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade Federal do Espírito Santo e ao Núcleo de Educação à Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Ueberson Ribeiro Almeida

VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO

2024



Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

B862e Britto, Maria Julia, 1988-
Educação Física na perspectiva interdisciplinar : a temática
étnico-racial / Maria Julia Britto. - 2024.
135 f. : il.

Orientador: Ueberson Almeida.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em
Rede) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de
Educação Física e Desportos.

1. Educação Física. 2. ; interdisciplinaridade. 3. educação
antirracista. 4. escola. I. Almeida, Ueberson. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos.
III. Título.

CDU: 796

MARIA JULIA NUNES DE BRITTO

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: a temática étnico-racial

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Data da defesa: 12/08/24.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Ueberson Ribeiro Almeida
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

Membro Titular: Profa. Dra. Rosianny Campos Berto
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

Membro Titular: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Local: Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos
Ufes – Campus de Goiabeiras, Vitória – ES

Dedico esta dissertação a todos os professores e alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo, que tornaram possível o projeto interdisciplinar “A África nas brasilidades”, contribuindo para uma educação antirracista e decolonial.

Dedico também às minhas filhas Ester, Elis e Jasmin. Vocês me enchem de força, inspiração e amor diariamente.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer e reconhecer a importância de todos aqueles que contribuíram para realização deste trabalho, que estiveram ao meu lado nos momentos de alegrias, de descobertas, de realizações, de medos, de desânimos, de preocupações e sobretudo de aprendizagens. Esta dissertação é fruto de um projeto construído por muitas mãos, que aceitaram se entrelaçar e caminhar unidas, confiantes numa educação interdisciplinar, transformadora e antirracista. Por isso, registro aqui minha sincera gratidão e imenso respeito a vocês!

Tenho fé, creio em Deus bondoso e misericordioso que escutou minhas orações, choros, pedidos de força e sabedoria para conseguir concluir o mestrado. Chegou então o momento de dar graças a Ele por mais essa vitória. Agradeço, meu Senhor, por tanto!

Minha querida mãe Luzimar, você sempre foi luz e esperança por onde passa. Muito obrigada por acreditar em mim, por me escolher como sua filha e me amar incondicionalmente! Peço desculpas porque o mestrado e outras demandas me fizeram estar ausente no momento em que mais precisou.

Ao meu esposo Julmar, agradeço pela paciência, pelo amor e pela ajuda incondicional. Obrigada pelos sacrifícios diários que fez para possibilitar que eu continuasse no mestrado. Essa vitória é nossa!

Ao professor Ueberson Ribeiro Almeida, sou grata pela orientação, ajuda e parceria. Seus ensinamentos ficarão para a vida! Obrigada pela compreensão, paciência, dedicação e pelas palavras que me incentivaram a acreditar neste trabalho.

Ao professor Tarcísio Mauro Vago e à professora Rosianny Campos Berto por aceitarem compor a banca examinadora desta dissertação e pelas valiosas contribuições que deram para este trabalho. Vocês fizeram parte da jornada que trilhei desde a graduação até aqui, auxiliaram minha formação e me ensinaram como ser uma professora de Educação Física engajada, crítica e comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos.

Aos meus colegas da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo, professores que tive a imensa alegria de conhecer melhor através do nosso projeto interdisciplinar. Vocês auxiliaram no meu crescimento profissional e pessoal. Ficam aqui meus sinceros agradecimentos, porque este trabalho não seria possível sem vocês, sem as trocas de olhares e saberes, sem a parceria, a cooperação, o diálogo e a cumplicidade que tivemos.

Alunos das turmas de 4º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo, vocês não só fizeram este trabalho acontecer, como também deram beleza e “vida” a ele. Obrigada por mostrar as nossas falhas como docentes, por nos permitir atuar como mediadores nesse processo, por nos ensinar a juntos construir conhecimentos e nos dar força para prosseguir. O agradecimento se estende às suas famílias, que acreditaram no trabalho e autorizaram a participação de vocês.

Aos estudantes da turma 3 do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), polo Universidade Federal do Espírito Santo. Foram dois anos de parceria e ajuda mútua. Juntos compartilhamos os saberes, as dores, as alegrias, as conquistas e a crença numa Educação Física cultural, com potencial transformador e libertador.

Aos professores do ProEF por formarem e acreditarem nos profissionais que se dedicam todos os dias à Educação Física escolar, por contribuírem para melhoria das nossas práticas educacionais e por ampliar nossos conhecimentos acerca desse universo complexo que é a educação, que, apesar das dificuldades, ainda é a esperança para uma sociedade mais justa e igualitária.

BRITTO, Maria Julia Nunes de. **Educação Física na perspectiva interdisciplinar: a temática étnico-racial**. Orientador: Prof. Dr. Ueberson Ribeiro Almeida. 2024. 135 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

RESUMO

Este trabalho aponta as possibilidades e as limitações que envolvem o planejamento de Educação Física numa ótica interdisciplinar, a partir da construção de um projeto escolar, envolvendo as disciplinas de Educação Física, Arte, História, Ensino Religioso e Aprofundamento em Leitura e Escrita. O estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo, localizada no município da Serra/ES, durante os meses de abril a novembro de 2023, e contou com a participação de 90 estudantes das turmas de 4º ano do Ensino Fundamental da respectiva unidade escolar. Os dados foram coletados por meio de registros em diário de campo, portfólios, questionários diagnósticos, trabalhos produzidos pelos estudantes, fotografias e videogravações. A pesquisa abordou a temática étnico-racial num viés interdisciplinar, oportunizando vivências e experiências novas com o saber, facilitando a aquisição de conhecimentos acerca da história e cultura africana e afro-brasileira. Desenvolveram-se práticas pedagógicas que dessem visibilidade às diversidades, às diferenças, às crenças e às culturas marginalizadas, rumo a uma educação e a uma Educação Física antirracista.

Palavras-chave: Educação Física; interdisciplinaridade; educação antirracista; escola.

BRITTO, Maria Julia Nunes de. **Educação Física na perspectiva interdisciplinar: a temática étnico-racial**. Orientador: Prof. Dr. Ueberson Ribeiro Almeida. 2024. 135 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

RESUMEN

Este estudio examina las posibilidades y limitaciones que implica la planificación de la Educación Física desde una perspectiva interdisciplinaria, a partir de la construcción de un proyecto escolar que involucra las disciplinas de Educación Física, Arte, Historia, Educación Religiosa y Ampliación de Lectura y Escritura (ALE). El estudio se llevó a cabo en la EEEFM María Penedo, ubicada en el municipio de Serra/ES, entre abril y noviembre de 2023 y contó con la participación de 90 alumnos de 4º de primaria de la escuela. Los datos fueron recogidos a través de diarios de campo, portafolios, cuestionarios de diagnóstico, trabajos de los alumnos, fotografías y grabaciones de vídeo. Esta investigación abordó el tema étnico-racial desde una perspectiva interdisciplinaria, proporcionando nuevas experiencias con el conocimiento y facilitando la adquisición de conocimientos sobre la historia y la cultura africana y afrobrasileña. Desarrollando así prácticas pedagógicas que den visibilidad a la diversidad, a las diferencias, a las creencias y a las culturas marginadas, hacia una educación y una Educación Física antirracistas.

Palabras claves: Educación Física; interdisciplinariedad; educación antirracista; escuela.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Entrada principal da escola	31
Imagem 2 – Acessos ao portão principal	31
Imagem 3 – Campo de areia	32
Imagem 4 – Pátio e quadra poliesportiva	32
Imagem 5 – Pátio externo com <i>playground</i>	32
Imagem 6 – Pátio externo com <i>playground</i>	32
Imagem 7 – Jardins da escola.....	33
Imagem 8 – Sala de aula.....	33
Imagem 9 – Sala de aula.....	33
Imagem 10 – Conhecendo o continente africano	67
Imagem 11 – Os quilomboss.....	69
Imagem 12 – Os quilombos.....	69
Imagem 13 – Brincadeira Resistência.....	69
Imagem 14 – Cartilha desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação da Serra	73
Imagem 15 – Assistindo ao vídeo sobre a brincadeira Guerreiros	74
Imagem 16 – Vivência da brincadeira Guerreiros Nagô.....	75
Imagem 17 – Vivência da brincadeira Guerreiros Nagô.....	75
Imagem 18 – Registro avaliativo: ilustração da brincadeira Guerreiros Nagô	76
Imagem 19 – Questão discursiva sobre a brincadeira Guerreiros Nagô	76
Imagem 20 – Brincadeira Labirinto.....	79
Imagem 21– Brincadeira Matacuzana.....	79
Imagem 22 – Vivência da brincadeira Amarelinha africana	80
Imagem 23 – Estudantes do 4ºM02 assistindo ao vídeo sobre Mancala	81
Imagem 24 – Tabuleiro do jogo Mancala confeccionado pelos alunos	82
Imagem 25 – Tabuleiro do jogo Mancala confeccionado pelos alunos	82
Imagem 26 – Assistindo à reportagem sobre os ataques racistas contra o jogador Vinicius Junior	87
Imagem 27 – Assistindo à reportagem sobre os ataques racista contra o jogador Vinicius Junior	87
Imagem 28 – Questionário avaliativo sobre racismo nos esportes	88
Imagem 29 – Questionário avaliativo sobre racismo nos esportes	88

Imagem 30 – Trabalho de Educação Física sobre racismo nos esportes	89
Imagem 31 – Trabalho de Educação Física sobre racismo nos esportes	89
Imagem 32 – Teste de imagem (o que você vê?): atividade de disciplina de Arte....	90
Imagem 33 – Teste de imagem (o que você vê?): atividade de disciplina de Arte....	90
Imagem 34 – Releitura da capa do livro <i>Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!</i> : atividade de ALE	91
Imagem 35 – Releitura da capa do livro <i>Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!</i> : atividade de ALE	91
Imagem 36 – Vídeo sobre o racismo.....	92
Imagem 37 – Redação acerca do que entenderam	92
Imagem 38 – Corrida do privilégio.....	93
Imagem 39 – Confeção do jogo da memória.....	98
Imagem 40 – Confeção do jogo da memória.....	98
Imagem 41 – Alunos brincando com o jogo da memória	98
Imagem 42 – Cartas do jogo da memória	98
Imagem 43 – Confeção de livros sobre a temática racial	99
Imagem 44 – Confeção de livros sobre a temática racial	99
Imagem 45 – Livros confeccionados pelos alunos	100
Imagem 46 – Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos durante o projeto interdisciplinar <i>A África nas brasilidades</i>	101
Imagem 47 – Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos durante o projeto interdisciplinar <i>A África nas brasilidades</i>	101
Imagem 48 – Visita ao Museu Capixaba do Negro	102
Imagem 49 – Visita ao Museu Capixaba do Negro	102
Imagem 50 – Docentes participantes do projeto interdisciplinar <i>A África nas brasilidades</i> (Raquel, Lilian, Maria Julia e Julmar)	103
Imagem 51 – Resposta dos alunos à pergunta: Você gostou do projeto <i>A África nas brasilidades?</i> Por quê?	111
Imagem 52 – Resposta dos alunos à pergunta: Você gostou do projeto <i>A África nas brasilidades?</i> Por quê?	111
Imagem 53 – Resposta dos alunos à pergunta: Você gostou do projeto <i>A África nas brasilidades?</i> Por quê?	112
Imagem 54 – Resposta dos alunos à pergunta: Você gostou do projeto <i>A África nas brasilidades?</i> Por quê?	112

Imagem 55 – Resposta dos alunos à pergunta: Você gostou do projeto *A África nas
brasilidades?* Por quê? 112

Imagem 56 – Resposta dos alunos à pergunta: Você gostou do projeto *A África nas
brasilidades?* Por quê? 112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quantidade de alunos por turma matriculados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo no ano de 2023.....	29
Quadro 2 – Cronograma dos planejamentos coletivos (de abril a junho).....	41
Quadro 3 – Sugestões de materiais para as aulas de Arte	53
Quadro 4 – Sugestões de materiais para as aulas de Educação Física	53
Quadro 5 – Sugestões de obras literárias para as aulas de ALE	55
Quadro 6 – Sugestões de materiais para as aulas de História.....	56
Quadro 7 – Intervenções pedagógicas interdisciplinares de Educação Física.....	57
Quadro 8 – Intervenções pedagógicas das demais disciplinas envolvidas no projeto interdisciplinar	60

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento educacional especializado
ALE	Aprofundamento em leitura e escrita
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EEEFM	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
ES	Espírito Santo
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
JPP	Jornada de Planejamento Pedagógico
Lesef	Laboratório de Estudos em Educação Física
MEC	Ministério da Educação
Mucane	Museu Capixaba do Negro
PFA	Programa de Fortalecimento da Aprendizagem
Pibid	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
ProEF	Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
PPP	Projeto Político-Pedagógico
Sedu	Secretaria Estadual de Educação
Tale	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do Menor
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA.....	15
1.2	O DESPERTAR PARA A INTERDISCIPLINARIDADE	18
2	METODOLOGIA	22
2.1	CAMINHOS METODOLÓGICOS: RUMO À PESQUISA-ENSINO.....	22
3	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO MARIA PENEDO	28
3.1	ESTRUTURA FÍSICA DA EEEFM MARIA PENEDO	30
3.2	A ESCOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA SOB O PONTO DE VISTA DOS ESTUDANTES DO 4º ANO	34
4	A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO: CAMINHANDO JUNTOS PARA IR MAIS LONGE	40
4.1	A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO: OBSTÁCULOS NO CAMINHO	46
5	PROJETO INTERDISCIPLINAR: A ÁFRICA NAS BRASILIDADES	50
5.1	OBJETIVOS	52
5.2	CONTRIBUIÇÕES DAS DISCIPLINAS.....	52
6	QUEBRA-CABEÇA INTERDISCIPLINAR: O TODO E AS PARTES	57
7	AS “ÁFRICAS” NO BRASIL: O COMEÇO MARCADO POR LUTA E RESISTÊNCIA	65
7.1	POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA AFROCÊNTRICA: AS AFRICANIDADES QUE EXISTEM EM NÓS.....	77
8	OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DA INTERDISCIPLINARIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	84
8.1	A ÁFRICA NAS BRASILIDADES SOB O PONTO DE VISTA DA INTERDISCIPLINARIDADE	97
8.2	A ÁFRICA NAS BRASILIDADES SOB OS OLHARES DE SEUS PROTAGONISTAS.....	102
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	118
	APÊNDICE A – BILHETE ENTREGUE À COMUNIDADE SOBRE O PROJETO INTERDISCIPLINAR “A ÁFRICA NAS BRASILIDADES”	125

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS RESPONSÁVEIS PELOS ESTUDANTES DOS 4º ANOS	126
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS DOCENTES DA EEEFM MARIA PENEDO	128
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	131
ANEXO B – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA SEDU	134

1 INTRODUÇÃO

1.1 A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

[...] o meu palpite é que, se se fizer uma pesquisa entre as crianças e os adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles terão muito que falar sobre a amizade e o companheirismo entre eles, mas pouquíssimas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender (Alves, 1994, p. 11-12).

Considero importante começar este memorial com as lembranças e as marcas que a escola deixou na minha vida. Estudei todo meu Ensino Fundamental na rede pública de Vitória e simplesmente adorava ir à escola. Confesso que não era muito por causa das aulas, mas sim devido a amizades construídas e a alguns professores que são inspiração para mim até os dias de hoje. O que ficou da minha Educação Básica foram os amigos, os projetos interdisciplinares, as gincanas, os passeios, as festas temáticas e as aulas de professores que tinham um olhar mais sensível e reflexivo acerca de todo o processo educativo, que olhavam para nós como seres pensantes e não como seres que executavam e decoravam mecanicamente o conteúdo. Essa breve contextualização será a ponte para o que direi mais adiante sobre a minha atuação docente.

Formei-me em Biblioteconomia na Universidade Federal do Espírito Santo no ano de 2010. Atuei pouco tempo na profissão, pois não me identifiquei com o ramo. Em seguida, no ano de 2011, comecei o curso de Educação Física por sentir afinidade com a área de jogos, brincadeiras e danças, além de gostar muito de trabalhar com crianças e poder adentrar esse universo lúdico que a disciplina possibilita. Ao contrário da primeira graduação, encarei a formação com mais maturidade, seriedade, responsabilidade e comprometimento. Fui monitora nas disciplinas: Introdução à Educação Física e Educação Física, Corpo e Movimento. Participei do Laboratório de Estudos em Educação Física (Lesef) e passei grande parte da graduação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Isso foi de grande valia para minha formação e atuação docente. Conclui a graduação em 2015, passei no concurso da rede estadual do Espírito Santo e comecei trabalhar na área em 2016.

Em 2016, dei aulas para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Foi um momento muito conturbado e difícil, pois não tinha experiência com a parte burocrática, com a

gestão, com os acordos internos, com os regimentos e as pautas da rede, tampouco com a quantidade de alunos descomprometidos, indisciplinados e desrespeitosos. Iniciei com muita vontade e expectativa para ensinar, mas esse e outros problemas me desanimaram, me entristeceram, cheguei a adoecer por conta do estresse e embates que tinha diariamente dentro da escola. Presenciei brigas sérias de alunos, ofensas a funcionários, professores sendo constrangidos e ameaçados de terem seus contratos cessados, obrigados a fazer o que a gestão queria; pais de alunos causando tumulto e confusão, denúncias, prisão de professores, roubos e furtos. Enfim, uma lista que só colaborou para não querer frequentar aquele lugar, mas o fato de ser concursada e ter estabilidade de vínculo empregatício me “forçou” a prosseguir. O cenário só começou a melhorar após um ano e meio aproximadamente, depois que consegui encarar e agir legalmente diante das situações que vivenciei, inclusive recorrendo a instâncias maiores e à justiça. Para aqueles que estão sofrendo e desanimados com a educação, assim como eu um dia estive, deixo aqui as sábias palavras de Saviani (1999, p. 6), como incentivo e manifestação de esperança para um futuro diferente:

Efetivamente, se as condições se tornaram adversas, esse fato, em lugar de nos levar ao desânimo como infelizmente tende a acontecer, deve nos conduzir a ampliar a nossa capacidade de luta, organizando-nos mais fortemente e atuando decisivamente no interior das escolas e junto ao Estado no sentido de transformar em verdade prática a consciência, já consensual, da importância estratégica da educação e da urgência da resolução de seus problemas.

Agora estou em um momento e local mais saudável de trabalho, conquistei meu espaço com a equipe escolar, com a comunidade e com os alunos. Tenho uma boa relação com os outros professores, principalmente de Arte/Música, Português, Ensino Religioso e Aprofundamento em leitura e escrita (ALE). Foi dessa interação que surgiram trabalhos interdisciplinares, projetos que enriqueceram imensamente minha trajetória docente. Isso resultou em eventos de culminância emocionante, festas e momentos inesquecíveis. Nunca me senti tão reconhecida e abraçada por meus alunos. Já encontrei alguns deles anos depois que diziam e lembravam o quanto as aulas de Educação Física foram significativas e importantes nas suas jornadas. Pela primeira vez, estava me sentindo no mesmo patamar daqueles professores que me marcaram e fizeram a diferença na minha história. Elaborei projetos junto ao professor de Arte, intitulados: “Quem brinca e dança seus males espanta”, utilizando como base

o DVD e os livros do grupo Palavra Cantada (brincadeiras musicais), além das músicas do grupo Triii e Barbatuques. Outro trabalho foi “Bola, bolinha, bolão: vamos jogar bola?”, uma crítica àqueles que usam a frase para reduzir o jogar bola ao praticar futebol, vôlei ou queimada. Nosso objetivo foi o de ampliar o olhar dos alunos para os inúmeros jogos e as variadas brincadeiras com bola que existem, bem como permitir-lhes conhecer a diversidade de bolas existentes. Houve ainda o projeto interdisciplinar “Reinventando o brincar”, traçando novas possibilidades para o brincar num contexto pandêmico. No ano de 2022, finalizei o projeto “É brincando que se aprende”, desenvolvido em parceria com os professores de Arte, Português e de Alfabetização do programa “Tempo de aprender”, tendo como tema os jogos de raciocínio

Atualmente trabalho apenas no Ensino Fundamental I, do 2º ao 5º ano. Sou uma professora muito preocupada com a questão dos valores desenvolvidos na escola, bem como com os comportamentos e os pensamentos que circundam toda a equipe. Ainda perdura um modelo arcaico de educação tradicional, voltado apenas para o aspecto cognitivo, para a mensuração da aprendizagem através de provas escritas e notas para “passar de ano”, indo na direção de uma forma mecanicista de aprender e ensinar.

Desse modo, acredito que o respeito é o pressuposto necessário para a educação e para a vida, penso também que o professor e os demais atores educacionais não devem se enxergar como concorrentes, mas como atores que agem cooperativamente a fim de lutar por uma escola socialmente justa, um local onde “[...] a finalidade máxima seja o desenvolvimento de todas as dimensões do ser humano naquilo que ele tem de universal, cuja realização no ensino implica considerar a diversidade sociocultural dos alunos”(Libâneo; Silva, 2020, p. 834).

Com base nessa trajetória profissional, surgiu meu interesse em estudar o potencial dos trabalhos interdisciplinares na escola e a importância da Educação Física nesse contexto, pois considero que isso é pouco explorado nas instituições de ensino. Tal interesse emergiu das práticas que estou realizando na escola em que atuo, pois considero necessário reavaliá-las, transformá-las e inová-las a fim de alcançar melhorias no processo de ensino-aprendizagem. Acredito que o início da mudança seja através de parceria, interação e colaboração entre os sujeitos que compõem a escola, “[...] na superação de práticas pedagógicas repetitivas, fragmentárias,

individualistas, não democráticas e pouco significativas para o alunado” (Garrido, 2010, p. 110). Nesse sentido, vejo um grande potencial nos trabalhos interdisciplinares, uma vez que podem ajudar a romper com essa lógica nas instituições de ensino.

1.2 O DESPERTAR PARA A INTERDISCIPLINARIDADE

O presente trabalho desenvolveu uma proposta de interdisciplinaridade, buscando entender como acontecem esses projetos nas escolas e como a Educação Física está inserida nesse processo. Tendo em vista que os projetos interdisciplinares são exigidos tanto nos documentos norteadores da educação quanto nos documentos internos das instituições escolares, como o projeto político-pedagógico, por exemplo, torna-se imprescindível pensar em práticas educacionais que agregam, que se complementam, que se unem em prol de um processo de ensino aprendizagem mais significativo e colaborativo. Observa-se que a dicotomia corpo e mente continua enraizada no chão da escola através de currículos tradicionais e conservadores. Nesse contexto, o aspecto cognitivo torna-se adversário do corporal, e o desenvolvimento integral do aluno fica em segundo plano ou desaparece.

É possível ver que, em algumas instituições de ensino, os professores são concorrentes uns dos outros, nota-se também a hierarquização dos saberes, distinguindo aqueles mais importantes e os menos importantes segundo uma lógica cognitivista. Somos lançados numa direção disciplinadora excessiva, que impede as trocas, o intercâmbio de ideias e gera uma cegueira diante da totalidade. As disciplinas encontram-se estratificadas, cada uma precisa dar conta do “seu saber”, como se fosse possível aprisioná-los e levá-los ao isolamento. “Quanto mais o conhecimento passa a ser especializado, restrito, fragmentado, segregado colocam-se limites, fronteiras entre as disciplinas com obstáculos difíceis de transpassar” (Trindade, 2008, p. 67).

A hierarquização dos saberes também aparece nos projetos interdisciplinares, em que muitas vezes a participação da Educação Física restringe-se a auxiliar no aprendizado das disciplinas consideradas “mais cognitivas”, para que alcancem seus objetivos. Contrariando esse pensamento, Freire (2011) afirma que as relações existentes entre

os conteúdos de Educação Física e das demais disciplinas reside na identificação de pontos comuns do conhecimento.

Assim, pensar a Educação Física numa perspectiva interdisciplinar não é achar que ela servirá de “muleta” para que as outras disciplinas atinjam seus objetivos, mas que haverá uma ação conjunta e colaborativa de todos os envolvidos no processo, sem se afastar de seus objetos de conhecimento; ao contrário, acham-se os pontos de interseção entre eles, possibilitando que os alunos visualizem e entendam esses “encontros dos saberes”, sem aprendizagem mecânica e na direção de uma aprendizagem significativa. É importante ressaltar que não existe apenas uma definição acerca da interdisciplinaridade. Neste estudo, abordamos o conceito de interdisciplinaridade proposto por Ivani Catarina Fazenda, a saber:

Interdisciplinaridade é um termo utilizado para caracterizar a colaboração existente entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência (exemplo: Psicologia e seus diferentes setores: Personalidade, Desenvolvimento Social etc.). Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando a um enriquecimento mútuo (Fazenda, p. 73, 2011).

Desse modo, pensar a união entre disciplinas não se reduz a eliminar as barreiras entre elas, mas principalmente retirar as barreiras entre as pessoas, de modo que os profissionais da escola busquem alternativas para se conhecerem mais e melhor, troquem experiências entre si, sejam humildes diante da limitação do próprio saber, envolvam-se e comprometam-se em projetos comuns, voltados para uma prática de trabalho científico, profissional, de construção coletiva do conhecimento (Fazenda, 1994 *apud* Libâneo, 2011).

A partir da análise dos documentos que norteiam a educação, como o Currículo do Estado do Espírito Santo e o projeto político-pedagógico (PPP) da escola onde atuo, verifica-se que há uma grande aposta nos projetos interdisciplinares e temas transversais, mas é preciso perguntar: como desenvolver uma organização escolar interdisciplinar nas atuais condições de trabalho em educação, em que os docentes possuem pouco tempo para conversar e planejar juntos? Qual a visão dos professores acerca da interdisciplinaridade? Como a Educação Física pode participar e colaborar nesses projetos? Cabe fazer uma reflexão acerca dessas indagações:

A organização escolar interdisciplinar é um modo de efetivar a atitude interdisciplinar e se expressa na elaboração coletiva do projeto pedagógico e nas práticas de organização e gestão da escola. Começa, portanto, com a integração dos professores das várias disciplinas e especialistas num sistema de atitudes e valores que garantam a unidade do trabalho educativo e se viabiliza por um sistema de organização e gestão negociado. É uma prática organizacional nova que possibilitará a intercomunicação de saberes, atitudes, valores, fulcro da interdisciplinaridade (Libâneo, 2011, p. 33).

Logo, está claro que a interdisciplinaridade exige a participação coletiva no projeto político-pedagógico, bem como nas práticas de organização e gestão das escolas. Isso refletirá nos planos de ensino de cada professor e conseqüentemente nas suas práticas docentes, já que, havendo essa colaboração desde o princípio, será possível ampliar e facilitar o diálogo e a interação entre as disciplinas, permitindo a elaboração de projetos de trabalho institucionais coerentes, eficientes e significativos.

Desse modo, é possível desenvolver práticas de ensino que ajudem os alunos a aprenderem a pensar, a entender que o conhecimento não precisa ser mecânico e compartimentalizado (Libâneo, 2011). Nesse sentido, de acordo com Libâneo (2011, p.34), “[...] a atitude interdisciplinar requer uma mudança conceitual no pensamento e na prática docente, pois seus alunos não conseguirão pensar interdisciplinarmente se o professor lhes oferecer um saber fragmentado e descontextualizado”.

A Educação Física, como componente curricular obrigatório da Educação Básica, precisa dar conta de sua responsabilidade educativa, pois deve contribuir na empreitada de atingir os objetivos formativos que constam no projeto político-pedagógico e no seu planejamento (Bagnara; Fensterseifer, 2019). Para realizar tal feito, o professor de Educação Física pode seguir sozinho e assegurar que o conhecimento acerca da cultura corporal de movimento seja garantido aos estudantes ou seguir de mãos dadas com aqueles que compartilham uma visão de educação para além da “compartimentalização dos saberes”, que acreditam que essa união contribui para uma aprendizagem mais significativa acerca da complexidade da vida, da formação humana e da sociedade.

Buscando romper os modelos de currículos tradicionais baseados na hierarquização dos saberes, Soares *et al.* (2016, p. 37) apresenta a concepção de currículo ampliado, que é “[...] capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tendo como eixo a constatação, a

interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social”, para que haja o conhecimento crítico acerca dela a fim de transformá-la. A partir dessa lógica,

[...] cada matéria ou disciplina deve ser considerada na escola como um componente curricular que só tem sentido pedagógico à medida que seu objeto se articula aos diferentes objetos dos outros componentes do currículo (Línguas, Geografia, Matemática, História, Educação Física etc.). Pode-se afirmar que uma disciplina é legítima ou relevante para essa perspectiva de currículo quando a presença do seu objeto de estudo é fundamental para a reflexão pedagógica do aluno e a sua ausência compromete a perspectiva de totalidade dessa reflexão (Soares *et al.*, 2016, p. 37-38).

Portanto, acredito em currículo e práticas pedagógicas que proporcionem uma visão de complexidade do conhecimento ao aluno, sendo construído “[...] à medida que ele faz uma síntese, no seu pensamento, da contribuição das diferentes ciências para a explicação da realidade” (Soares *et al.*, 2016, p.37).

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral apontar as possibilidades e as limitações que envolvem o planejamento de Educação Física numa ótica interdisciplinar, a partir da construção de um projeto escolar, envolvendo as disciplinas de Educação Física, Arte, História, Ensino Religioso, Aprofundamento em Leitura e Escrita (ALE). Para tanto, os objetivos específicos são: a) compreender as dificuldades enfrentadas por uma docente da área de Educação Física para planejar suas aulas numa perspectiva interdisciplinar; b) traçar caminhos que viabilizem o planejamento interdisciplinar dos professores de Educação Física dentro das escolas; c) desenvolver uma proposta de projeto interdisciplinar no Ensino Fundamental I e avaliar os efeitos desse trabalho para os professores, as disciplinas e os alunos envolvidos.

2 METODOLOGIA

2.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS: RUMO À PESQUISA-ENSINO

A pesquisa ensino [...] é realizada pelo professor pesquisador do Ensino básico, ao longo do seu exercício docente e junto com seus alunos, na modalidade de formação continuada docente, resultando em uma transformação de sua prática, tendo por meta a qualificação do processo de ensino-aprendizagem (Penteado, 2010, p. 49).

Ao refletir sobre os caminhos a percorrer para iniciar a pesquisa e torná-la possível, bem como fundamentá-la, debrucei-me a estudar sobre a pesquisa-ação, especificamente a modalidade relacionada à pesquisa-ensino. À medida que me aprofundava no tema, observei muitas potencialidades nesse tipo de pesquisa: o desejo de transformação da prática docente, a superação de um ensino fragmentado, a interação e a parceria entre professores e alunos, a busca por práticas pedagógicas inovadoras, além de ser um rico processo de formação continuada (Penteado, 2010). Diante disso, fiz a escolha por utilizar os recursos e instrumentos oferecidos pela pesquisa-ensino, visto que pretendo refletir e analisar criticamente minha prática docente a fim de transformá-la visando a melhoria do processo de ensino-aprendizagem na escola onde atuo. Assim, “a prática deixa de ser rotina, a ação docente deixa de ser pragmática. Transforma-se em reflexão, pesquisa e fonte de aprendizado” (Garrido, 2010, p. 110).

Desse modo, a presente pesquisa construiu caminhos metodológicos para alcançar os objetivos propostos e apontar diretrizes que visam a elaboração de projetos curriculares integrados, com a participação ativa de professores e alunos, norteados por diálogos, parceria e colaboração. Num primeiro momento, houve uma reunião coletiva a fim de explicar o projeto aos professores, gestores e demais funcionários da escola nos dias destinados à Jornada de Planejamento Pedagógico (JPP). Esse exercício foi fundamental para o andamento das fases seguintes, pois um trabalho de qualidade exige o conhecimento, o envolvimento e a colaboração de todos aqueles que participarão direta ou indiretamente da pesquisa. Durante o diálogo, fiz um levantamento das disciplinas que se mostraram interessadas em compor o projeto interdisciplinar, dando prioridade àquelas que constituem a área de Linguagens do Currículo do Estado do Espírito Santo, na qual a Educação Física está inserida. Tal

preferência reside no fato de haver um dia de planejamento comum às disciplinas de cada área, o que favorece a interação, a reflexão conjunta e as discussões entre os docentes. Segundo Fraga e Gonzáles (2012, p. 21),

[...] a organização curricular em vigor na grande maioria das escolas não possibilita hoje a plena integração entre os componentes curriculares, nem prevê o espaço e o tempo para discussões pedagógicas amplas e aprofundadas para viabilizar a reflexão conjunta.

Mais adiante, conversei com professores e gestores da escola para traçar caminhos que viabilizassem a elaboração dos planejamentos coletivos. Também pensamos sobre temas, objetivos, avaliações e turmas para as intervenções. Durante o diálogo, achamos pertinente inserir o projeto interdisciplinar no plano de ação da instituição quando fosse finalizado. De um modo geral, a maioria dos profissionais não demonstraram interesse em participar do projeto. Aderiram à proposta os profissionais do AEE (atendimento educacional especializado), o professor de Arte, o de História, a professora de ALE (Aprofundamento em Leitura e Escrita) e o de Ensino Religioso. As justificativas para a não participação foram: a falta de tempo para interação e diálogos que o projeto demanda; a dificuldade em trabalhar de maneira colaborativa com outros docentes, sendo mais fácil organizar e planejar atividades individualmente; as grandes demandas avaliativas e de conteúdos que o sistema de educação impõe para as professoras formadas em pedagogia. Acrescenta-se o fato que elas precisam ministrar muitas disciplinas sozinhas, o que acaba sendo um facilitador para fazer atividades interdisciplinares sem necessitar da participação de outros professores.

É possível notar em alguns desses discursos que os obstáculos também são colocados pelos próprios profissionais. Nesse sentido, compreendo os argumentos apontados pelos docentes e reconheço que, de fato, existem muitas dificuldades a serem enfrentadas para consolidação de trabalhos interdisciplinares, porém é preciso tomar cuidado para que isso não vire motivo para acomodação e estagnação das práticas pedagógicas. Assim, de acordo com Gusdorf (*apud* Fazenda, 2011, p. 90) “[...] o que impede a eliminação das barreiras entre as disciplinas é basicamente o “comodismo”, pois é mais fácil trabalhar sob a forma parcelada do que discutir as ideias alheias ou colocar em discussão as próprias ideias”. Destaco que os empecilhos não estão reduzidos a isso, já que muitos currículos e sistemas educacionais também corroboram e têm interesse em manter essas barreiras.

Em seguida, no mês de abril, foi organizado um cronograma para os planejamentos colaborativos junto aos demais professores envolvidos no trabalho interdisciplinar. Esses momentos tiveram como objetivo a construção do projeto educacional constando suas propostas e finalidades. Os encontros aconteceram semanal ou quinzenalmente, às quintas feiras, dia de planejamento das disciplinas da área de Linguagens. Ressalta-se que professor de História não conseguiu participar nesses dias e com ele os debates ocorreram através de mensagens eletrônicas e às terças-feiras, quando foi possível. O grupo de docentes envolvidos no planejamento conjunto criou uma pasta compartilhada por *e-mail* para inserção de livros, artigos, vídeos e outros materiais pertinentes ao projeto.

Durante essas reuniões, escolhemos o 4^o ano para realização das ações interdisciplinares, porque são turmas que todos os professores conhecem e já ministram aulas há dois anos para elas. Pensamos também nos possíveis temas que contemplariam todas as disciplinas e seus objetos de conhecimento, entre os quais o folclore brasileiro, a preservação do meio ambiente, as manifestações culturais nas diferentes regiões do Brasil, a história e a cultura afro-brasileira e africana. Cabe ressaltar que esses momentos foram construtivos e produtivos, pois serviram para repensar nossa relação com o saber e a nossa prática docente a fim de buscar juntos alternativas pedagógicas diferenciadas e inovadoras.

Nesse processo, ficou claro que não se consegue responder as perguntas formuladas sem uma visão global e abrangente dos problemas que envolvem conhecimentos de várias disciplinas de maneira integrada. A apresentação de conhecimentos curriculares desintegrados entre si e desvinculados de situações concretas não raro nos coloca diante de questionamentos legítimos dos alunos a respeito da utilidade da escola. Alcançamos assim, um entendimento conjunto de que vale a pena o esforço para superarmos a educação enciclopédica, separada por disciplinas que acumulam informações, para nos pautarmos por uma abordagem interdisciplinar [...] (Fraga; Gonzáles, 2012, p. 19).

A escrita do projeto interdisciplinar foi finalizada em junho de 2023, sendo intitulado: *A África nas brasilidades*, cujo tema central é a história e a cultura afro-brasileira e africana. Dentro dessa perspectiva, a Educação Física partiu do ensino de jogos e brincadeiras de matriz africana, destacando seu significado e sua importância para a cultura do nosso país. Houve ainda atividades lúdicas relacionadas com as aulas dos demais docentes, visando à integração dos conteúdos trabalhados. O racismo e outras formas de preconceito também tornaram-se temas das aulas de Educação

Física, principalmente aqueles sofridos por atletas negros e mulheres em diversas modalidades esportivas, a fim de promover uma educação antirracista, em que sejam valorizadas e respeitadas as diferenças, quer sejam elas raciais e étnicas, quer sejam de gênero. As contribuições das demais disciplinas estão descritas e apresentadas adiante na seção 5.

Num outro momento, fez-se um diagnóstico com as turmas envolvidas no projeto a fim de entender o lugar que a Educação Física ocupa nas suas vivências e experiências escolares. Pretendendo assim versar sobre a hegemonia do esporte ainda presente nas aulas desta disciplina, bem como esclarecer e desvelar a gama de possibilidades que a cultura corporal tem a oferecer no âmbito educacional através da Educação Física.

Concomitante a isso, tivemos a pretensão de elucidar o modo como os alunos enxergam os jogos e as brincadeiras de matriz africana, que lugares ocupam nas suas experiências lúdicas, seus interesses e anseios acerca dessas práticas na Educação Física. Tal tarefa faz-se necessária, pois é de suma importância considerar, acolher e ouvir as manifestações culturais africanas e afro-brasileiras no universo das práticas corporais. A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, existe há 20 anos e, desse modo, é urgente que a disciplina assuma seu papel dentro desse contexto. Escolhemos os jogos e as brincadeiras de matriz africana como um possível caminho para alcançar essa meta. Vago (2022, p.5) chama atenção para a importância de dar visibilidade a todas as “culturas corporais”

[...] porque a Educação Física tem uma dívida com todas essas culturas: invisibilizadas e solenemente ignoradas, pouco ou nada (para não dizer: nunca) consideradas dignas de compor seu programa de ensino, seja nas licenciaturas que formam seus/suas docentes, seja em seu ensino na Educação Básica. Não só na Educação Física, invisibilizadas também na história do país e nos programas de ensino de tantas outras disciplinas.

Findada essa etapa, partimos para o desenvolvimento das aulas com as turmas escolhidas no período de julho a novembro de 2023. As intervenções docentes foram registradas através de diários, fotos e vídeos. Já as produções dos alunos durante as aulas de Educação Física foram avaliadas processualmente em portfólio, sendo

[...] uma coleção de suas produções [do aluno], as quais apresentam as evidências de sua aprendizagem. É organizado por ele próprio para que ele e o professor, em conjunto, possam acompanhar seu progresso. O portfólio

é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliar seu progresso. Eles são, portanto, participantes ativos da avaliação, selecionando as melhores amostras de seu trabalho para incluí-las no portfólio (Villas Boas, 2004, p. 38).

Nessa etapa, é importante frisar que documentamos, organizamos e datamos esses registros, para serem retomados e estudados posteriormente, uma vez que, para Garrido (2010., p. 113), “[...] constituem as fontes cujo exame permitirá esclarecer a trajetória das mudanças, os momentos e ações mais profícuos ou aqueles que se mostraram críticos e conflituosos”.

As intervenções docentes foram avaliadas, problematizadas e replanejadas durante as reuniões quinzenais às quintas feiras, havendo ainda uma apresentação do trabalho durante a Jornada de Planejamento Pedagógico em setembro, a fim de entender as percepções e as análises de toda equipe escolar sobre o projeto. A etapa constituiu um momento importante de ação-reflexão-ação e tornou-se imprescindível para repensar e reconstruir as práticas pedagógicas seguintes. De acordo com Garrido (2010), esses momentos contribuem para que professores saiam do isolamento de suas aulas e elaborem projetos comuns, usando o espaço das reuniões no horário escolar para discutir o andamento das experiências, corrigindo-as e aperfeiçoando-as, ressignificando assim suas práticas. Além disso,

[...] nos momentos de reunião conjunta, os professores partilham a diversidade de estratégias utilizadas pelos colegas em suas classes, avaliam aquelas que se mostraram mais adequadas, analisam as dificuldades encontradas e propõem alternativas de ação. Nesse processo, os professores ganham melhor entendimento sobre suas práticas e sobre seus alunos. Aprendem uns com os outros. Aprendem sobre o ensino transformando-o. Aprendem sobre práticas participativas e colaborativas no exercício de vivenciá-las. Aprendem a deliberar melhor, deliberando. Ação e reflexão se completam. Ensinar passa a ser concomitantemente um ato de experimentar e de investigar a prática (Garrido, 2010, p. 112).

A etapa final consistiu na construção do Material Curricular como produto gerado a partir das intervenções pedagógicas. Tal documento é composto pelas sequências didáticas trabalhadas, fotos dos trabalhos realizados pelos alunos e professores, além dos relatos das experiências vividas durante o projeto.

Todos os sujeitos mencionados foram imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa, portanto respeitamos e seguimos integralmente o que diz a Resolução CNS nº 466/12. Segundo essa resolução, toda pesquisa com seres humanos envolve

riscos, podendo ocorrer a divulgação de informações, invasão de privacidade, divulgação de dados confidenciais, interferência na vida e na rotina dos sujeitos, desconforto, constrangimento ou alteração de comportamento durante as gravações de áudio e vídeo, além de medo, vergonha, estresse, risco relacionados a divulgação de imagem ou quebra de anonimato e riscos físicos.

Entre os meios adotados para amenizar possíveis incômodos, optamos por dialogar constantemente de modo a considerar as opiniões, os interesses e as expectativas em relação à participação de alunos, professores e equipe de gestão da escola. Mesmo os participantes que aceitaram fazer parte da pesquisa poderiam voltar atrás na decisão e retirar sua autorização de participação a qualquer momento, sem quaisquer danos ou sanções. Também foi garantido o sigilo em relação às suas respostas, as quais serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas para fins estritamente acadêmicos e científicos. A fim de preservar as identidades dos docentes participantes, estudantes e outros colaboradores deste trabalho, escolhemos designar uma letra do alfabeto como pseudônimo para cada um. Reiterou-se ainda o compromisso em divulgar os resultados do estudo para os participantes da pesquisa e as instituições onde os dados foram produzidos.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO MARIA PENEDO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Maria Penedo foi fundada em 29 de novembro de 1988. Seu nome é uma homenagem à professora e musicista Maria Penedo, que nasceu em 1903 na cidade de Cachoeiro de Itapemirim/ES e morreu em 1974. Ela foi uma das mais importantes educadoras da Escola Técnica Federal do Espírito Santo, sendo considerada a precursora da educação musical no estado. A musicista também ajudou a fundar a Escola de Música do Espírito Santo.

A EEEFM Maria Penedo está localizada no bairro Valparaíso, no município da Serra, situada na Avenida Guarapari. Atualmente tem como público-alvo pessoas de seis a 60 anos de idade, que moram em bairros vizinhos, a saber: Jardim Limoeiro, Parque Residencial Laranjeiras, Manguinhos, José de Anchieta, Chácara Parreiral, Colina de Laranjeiras, Alterosas, entre outros. O bairro em que a instituição está inserida fica bem próximo de importantes pontos turísticos culturais e comerciais da região, como o Parque da Cidade, a Biblioteca e Centro Cultural Carlos Correa Loyola e a Avenida Central em Laranjeiras. O bairro Valparaíso foi fundado na década de 80, é um local que possui ótima estrutura física, sendo formado por muitos condomínios de prédios e conjunto de casas, além de ter lojas comerciais, praças, supermercados e escolas públicas e privadas (A GAZETA, 2006).

A escola funciona das 7 às 22 horas, de segunda a sexta-feira, e possui 15 turmas no turno matutino (do 1º ao 5º ano), 15 turmas no turno vespertino (do 5º ao 9º ano) e três turmas no noturno direcionadas ao Ensino de Jovens e Adultos (EJA) (1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio). A instituição possui um total de 85 professores, entre os quais 13 compõem o quadro da equipe de AEE, 11 cuidadores, quatro seguranças, sete auxiliares de serviço gerais, sete profissionais técnico-administrativos que atuam na secretaria, cinco coordenadores, cinco pedagogos e um coordenador pedagógico. Além disso, no ano de 2023, 1045 alunos foram matriculados na escola, divididos da seguinte forma: 420 no turno matutino, 535 no turno vespertino e 90 alunos no noturno. O Quadro 1 mostra a quantidade de alunos matriculados por turma em 2023:

Quadro 1 – Quantidade de alunos por turma matriculados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo no ano de 2023

ETAPA/MODALIDADE	ANO/SÉRIE	Nº DE TURMAS	Nº DE ALUNOS
Ensino fundamental I	1º ANO	3	75
Ensino Fundamental I	2º ano	3	81
Ensino Fundamental I	3º ano	3	85
Ensino Fundamental I	4º ano	3	89
Ensino Fundamental I	5º ano	5	150
Ensino Fundamental II	6º ano	3	113
Ensino Fundamental II	7º ano	4	148
Ensino Fundamental II	8º ano	4	144
Ensino Fundamental II	9º ano	2	70
Ensino Médio	1º ano/ etapa	1	21
Ensino Médio	2º ano/ etapa	1	39
Ensino Médio	3º ano/etapa	1	30
TOTAL GERAL		33	1045

Fonte: Dados fornecidos pela Secretaria da EEEFM Maria Penedo (2023).

De acordo com o projeto político-pedagógico da instituição, os objetivos de ensino devem convergir para fins mais amplos da educação nacional, expressos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a saber: desenvolver o educando e assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e estudos posteriores.

A EEEFM Maria Penedo tem como missão promover uma educação de qualidade visando à formação do cidadão que vai agir e transformar a sociedade em que vive. Para isso, precisa assegurar o desenvolvimento de valores éticos e morais para o pleno exercício da cidadania. Outra missão é promover uma educação inclusiva respeitando todas as diferenças físicas, raciais, culturais ou sociais. A escola também assume o compromisso de garantir o desenvolvimento integral dos alunos através de metodologias de ensino diversificadas e inovadoras (Serra, 2022, p. 5).

Quanto ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), a escola apresenta bons resultados anuais, sendo que, em 2021, obteve a nota 6,5, ficando acima da média estadual (6,19) (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021). A EEEFM Maria Penedo estabelece uma relação estreita, de muito

diálogo e parceria com a comunidade em seu entorno, pois grande parte dos alunos vem do próprio bairro, moram nos prédios e nas casas vizinhas à escola. O conselho escolar é composto por moradores muito antigos do bairro, além de pais e familiares dos estudantes que sempre estão presentes, dando sugestões e opiniões para melhorias na instituição de ensino.

Apesar de ter uma grande área estimada em mais de quatro mil metros quadrados, os espaços da escola poderiam ser mais bem distribuídos e as construções mais horizontalizadas. Outro ponto negativo relaciona-se à falta de acessibilidade ao segundo andar, onde está a maioria das salas de aula e a biblioteca, sendo o acesso exclusivo por escadas, oferecendo riscos de acidentes e quedas, principalmente no horário da saída e recreio. Faltam ainda salas para os professores que atuam no Programa de Fortalecimento da Aprendizagem (PFA), pois eles não possuem um espaço para ministrar as aulas de reforço. A sala destinada à equipe da Educação Especial é pequena para a atuação dos profissionais e suas especialidades e fica no segundo andar, impossibilitando que alunos cadeirantes e com dificuldades de locomoção acessem o ambiente. O professor especializado em altas habilidades, que dá aulas de robótica, não tem um local apropriado para organização e montagem dos equipamentos necessários à disciplina.

Outro problema da escola é a localização da quadra de areia que fica numa área sob incidência de sol durante quase todo horário escolar diurno. O local não é limpo e higienizado, fica sujo e com muitas fezes de gatos, motivos pelos quais quase não é frequentado pelos alunos e professores. Destaca-se ainda a incidência de uma grande quantidade de pombos na área externa e na quadra poliesportiva. As aves fazem ninho nessas regiões, causando riscos à saúde de toda comunidade escolar. A sala de planejamento dos professores fica no mesmo local da cozinha, não possui cabines individuais e está próxima ao refeitório e pátio interno, tornando o ambiente barulhento nos horários em que há uma grande movimentação de pessoas, o que prejudica os estudos e o planejamentos de qualidade.

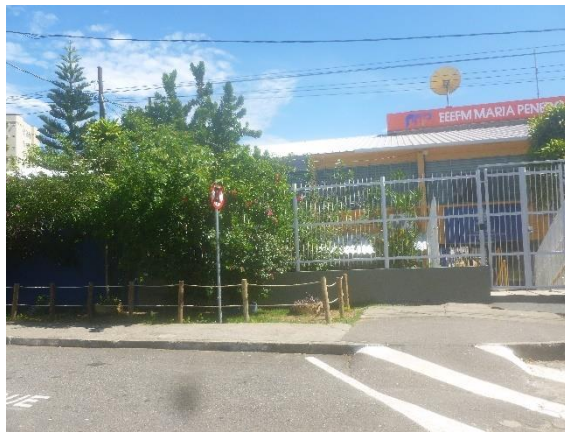
3.1 ESTRUTURA FÍSICA DA EEEFM MARIA PENEDO

A EEEFM Maria Penedo possui uma ótima estrutura física, composta por 15 salas de aula; um auditório; cinco banheiros, um dos quais adaptado para cadeirantes; uma

biblioteca; uma sala de pedagogo, uma sala de coordenador; uma sala de professores; um campo de areia; uma quadra poliesportiva; uma sala de materiais esportivos; um refeitório; dois pátios externos; três parques infantis; jardins; uma sala de recursos destinada à equipe de AEE. As fotos a seguir apresentam os espaços da EEEFM Maria Penedo.

As Imagens 1 e 2 mostram a entrada da escola, com rampas de acesso ao portão principal e à secretaria, além das escadas com degraus antiderrapantes. Em 2023, a escola fez muitas reformas, entre as quais pintura externa e interna, colocação de um letreiro maior, com destaque para o nome da instituição, além das decorações nas paredes com imagens dos alunos.

Imagem 1 – Entrada principal da escola



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 2 – Acessos ao portão principal



Fonte: Acervo da autora (2023).

As Imagens 3, 4, 5 e 6 são espaços muito utilizados nas aulas de Educação Física, no recreio e em confraternizações como piqueniques e festas promovidas pela escola. A quadra de areia, como mencionado anteriormente, raramente é usada. Solicitei uma limpeza e higienização para realizar aulas sobre frescobol e *beach tennis*, porém a areia esquentou bastante após as 10 horas, por isso tive que fazer algumas trocas de aulas para que todas as turmas tivessem uma vivência prática nesse local. Ressalto que gosto de dar aulas no entorno da quadra de areia, pois é uma área de terra com árvores e “barrancos” bem extensa, onde pratico corridas com os alunos, “pique alto”, “escorrega barranco”, torneios de bolinha de gude, arvorismo, entre outras atividades. A quadra poliesportiva e o pátio externo também são muito usados para a realização das aulas de Educação Física, inclusive a maioria dos alunos elegeram esses locais

como seus favoritos. Segundo eles, são lugares onde podem brincar, conversar, praticar esportes e se divertirem.

Imagem 3 – Campo de areia



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 4 – Pátio e quadra poliesportiva



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 5 – Pátio externo com *playground*



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 6 – Pátio externo com *playground*



Acervo da autora (2023).

Os jardins (Imagem 7) são espaços novos na escola, construídos nos meses de março e abril de 2023. Estão sendo utilizados nas aulas de Educação Física para debates e discussões das aulas, dinâmicas em grupo e realização de algumas brincadeiras. Além disso, são promovidas rodas de leitura, contação de história e trabalhos coletivos de outras disciplinas. Muitos alunos mencionaram os jardins como sendo lugares de que mais gostam da escola, porque são espaços de encontro e conversas com estudantes de outras turmas, onde também podem fazer piqueniques e ter aulas mais interessantes e divertidas.

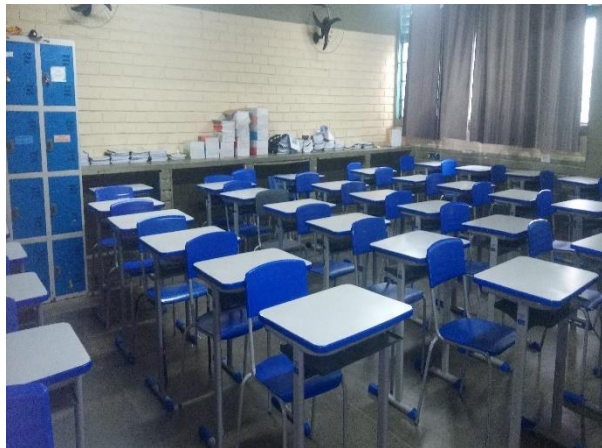
Imagem 7 – Jardins da escola



Fonte: Acervo da autora (2023).

As salas de aula possuem recursos tecnológicos como *datashow* e caixas de som, possibilitando diversificação e ampliação das metodologias adotadas nas aulas. Das 15 salas, oito possuem ar-condicionado e quatro contam com câmeras de vídeo monitoramento. Por outro lado, esses ambientes são pequenos para a quantidade de alunos que recebem, as cadeiras e as mesas sempre estão enfileiradas, sendo difícil organizá-las de outras formas, justamente por conta do pouco espaço e pelo quantitativo dos móveis escolares existentes em cada local.

Imagem 8 – Sala de aula



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 9 – Sala de aula



Fonte: Acervo da autora (2023).

3.2 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA SOB O PONTO DE VISTA DOS ESTUDANTES DO 4º ANO

A escola é um espaço de relações. Neste sentido, cada escola é única, fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes. Como lugar de pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais (Gadotti, 2007, p. 11).

A EEEFM Maria Penedo possui três turmas de 4º ano, compostas por aproximadamente 30 alunos cada. Os estudantes dessas turmas têm idade entre 9 e 11 anos, cerca de 85% deles moram com os pais e 15% com outros parentes como tias e avós. Após a leitura das fichas individuais preenchidas pelos responsáveis dos alunos, que estão arquivadas na secretaria, notei que eles pertencem à classe média baixa, com renda familiar de dois a cinco salários mínimos. O nível de escolarização dessas famílias corresponde ao ensino técnico ou ao superior completo. Além disso, mais de 90% dos alunos moram em bairros próximos à escola, como Colina de Laranjeiras, Valparaíso, Parque Residencial Laranjeiras e Jardim Limoeiro. No que diz respeito à raça, dos 89 estudantes matriculados nas turmas de 4º ano, 70 são declarados pardos, dez são declarados brancos e nove são declarados negros.

A partir de uma roda de conversa sobre a relação desses estudantes com a escola, notei que eles têm um afeto grande pela instituição, os locais de que mais gostam são a quadra poliesportiva e os pátios. Quando questionados sobre o que gostam de fazer na escola e que os deixam felizes nela, muitos responderam “brincar”, “a hora do recreio”, “estudar” e “encontrar os amigos”.

Os alunos enfatizaram as reformas que foram realizadas nas salas de aula, nos banheiros, corredores e pátios, pontuaram que isso deixou o local mais agradável, bonito e atrativo. Algumas falas retratam esse sentimento: *“Esta escola agora está melhor que escola particular”* (Estudante A), *“A escola Maria Penedo está linda, maravilhosa, perfeita!”* (Estudante B); *“Às vezes nem parece que estou na escola, principalmente quando fico no jardim e na área de fora”* (Estudante C). *“Os banheiros estão parecendo de Shopping”* (Estudante D) *“A escola é muito legal e bonita”* (Estudante C). Para além da beleza e de uma visão estética que as afirmações representam acerca da escola, é necessário que esse espaço seja pensado e

estruturado como “[...] ambientes que propiciem e favoreçam a troca de conhecimento e saberes de cunho social e cultural, assim como de experiências cognitivas e afetivas entre os seus participantes” (Andrade; Campos; Costa, 2021, p. 163). Logo, a escola deve ser mais que um prédio limpo, organizado e bonito, tem que ser lugar de bons encontros, pois aqueles que a habitam precisam se sentir bem ali, estar abertos ao conhecimento, com interesse e alegria para aprender (Brasil, 2006).

Esse diagnóstico inicial também apresentou elementos para reflexões sobre a aprendizagem no contexto educacional, pois as falas dos alunos reforçaram aspectos negativos relacionados às salas, às aulas com excesso de textos para copiar e as posturas docentes autoritárias. Isso ficou evidente em falas como: *“O que me deixa triste na escola é ter que copiar textos muito grandes”* (Estudante E); *“Fico triste quando não tenho aulas fora da sala”* (Estudante F), *“Se eu fosse professor não daria aulas chatas, com um monte de texto, sem deixar meus alunos falarem”* (Estudante G); *“Se eu fosse professor daria todas as aulas fora da sala”* (Estudante H); *“O que me deixa triste é quando o professor grita e manda calar a boca”* (Estudante I). Isso demonstra que as pedagogias tradicionais, centradas no professor como mero transmissor do conhecimento, numa lógica bancária (Freire, 2019), precisam urgentemente dar lugar a práticas pedagógicas inovadoras buscando caminhos metodológicos diferentes para alcançar uma aprendizagem significativa e prazerosa.

Como professora, parei para refletir sobre tudo que ouvi nesses momentos de diálogo, me recordei dos sentidos e significados que eu, quando era aluna, atribuí à escola na minha 4ª série do Ensino Fundamental. É curioso notar que, apesar do tempo que se passou, as respostas das crianças são bem semelhantes às minhas quando tinha a idade delas. Por que a sala de aula, apesar de ser o local que as crianças passam a maior parte do tempo, não foi praticamente mencionada como um dos melhores lugares? Por que a interação com os amigos, o recreio e o brincar é o que deixa os alunos mais felizes dentro da escola? De acordo com Alves (2004, p. 54) uma das missões da educação “[...] é criar condições possíveis para a experiência da alegria. Porque é para isso que vivemos. A escola deve ser um espaço em que isso acontece”.

Muitos locais da EEEFM Maria Penedo proporcionam alegria e bem-estar aos estudantes, mas essa alegria não é vivenciada dentro das salas de aula, no processo de ensino-aprendizagem que ocorre ali, nas relações professor-aluno. Portanto, é

importante criar condições para experimentar e despertar esse sentimento durante as aulas em sala também. Destaca-se que

[...] a sala de aula com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir (Hooks, 2017, p. 273).

Afinal, as escolas não podem ser gaiolas, mas sim asas (Alves, 2012) que ensinam a voar e a pensar, que colocam problemas, dialogam com as realidades de seus alunos, os escuta, instrui a argumentar e expressar seus sentimentos (Libâneo, 2011). Assim, de acordo com Miranda (2005, p. 642-643), é imprescindível que os estudantes na escola:

[...] disponham de tempo e de espaço para que possam desfrutar o que ela possa lhes oferecer, inclusive a oportunidade de adquirir conhecimentos, mas não apenas isso ou não fundamentalmente isso: que eles possam viver ali e agora uma experiência de cidadania, de convivência, de formação de valores sociais.

A reflexão proposta não pode, no entanto, recair num romantismo, em que a escola deve ser unicamente espaço de alegrias e aprendizados sem esforços, já que ela precisa cumprir seu papel social “[...] que confere terminalidade e prepara os estudantes para o trabalho e para a cidadania” (Chauí, 2023, p. 145). Essa instituição destina-se ainda à transmissão do saber sistematizado (Saviani, 1984) e, desse modo, demanda esforço, concentração para a aprendizagem, sem, no entanto, reduzir-se e estagnar aí.

Destaca-se que a alegria e o trabalho duro não precisam necessariamente serem opostos no processo de ensino aprendizagem. Sabemos que nem todos os momentos dentro da sala de aula serão prazerosos, pois aprender pode ser doloroso em certas ocasiões, mas isso não exclui a possibilidade da alegria, apenas mostra que nem toda dor é ruim (Hooks, 2017). A dor é danosa quando provoca desprazeres irreversíveis causados por uma pedagogia do controle, autoritária, monótona e opressora, em que só há espaço de fala para o professor e para o aprender mecânico.

No tocante à Educação Física, o diagnóstico foi um importante instrumento para compreender a visão dos alunos acerca do papel da disciplina dentro da EEEFM Maria

Penedo. Elaborei algumas questões e solicitei que os estudantes a respondessem por escrito, quais sejam: “o que a Educação Física ensina na escola?” “O que você mais gosta nas aulas de Educação Física?” “O que já aprendeu nas aulas de Educação Física?” “O que mudaria nas aulas de Educação Física?” “Quais conteúdos gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?” Tais questões foram um norte para direcionar, orientar e repensar minha prática pedagógica, já que a discussão permitiu ainda elucidar e esclarecer pontos pertinentes que ampliaram os olhares sobre o papel da Educação Física na escola.

Para os estudantes do 4º ano, a Educação Física é responsável pelo ensino dos jogos, esportes, brincadeiras e “atividades diferentes”, além de possibilitar a prática de exercícios físicos. Nota-se que o entendimento dos estudantes sobre a disciplina ainda está fortemente ligado às ideias do aprendizado esportivo e do desenvolvimento físico-corporal, o que corrobora a pesquisa de Schneider e Bueno (2005) quando observaram que, ao perguntar para os estudantes o que se fazia nas aulas de EF, vários deles “[...] percebiam a Educação Física como o espaço para brincar” (Schneider; Bueno, 2005, p. 26).

Percebi ainda que grande parte dos alunos respondeu aquilo que aprendeu recentemente nas aulas, como frescobol e jogos cooperativos, mencionando ainda conteúdos mais amplos como brincadeiras, esportes e jogos “diferentes”. Confesso que esperava ouvir respostas mais reflexivas, que contemplassem todos os processos das aulas, mas houve uma grande ênfase somente na prática. Compreendo que o jogar, o brincar, as vivências e as experiências práticas são pilares da disciplina, responsáveis por proporcionar aprendizagens diversas, contudo, para isso acontecer, o professor deve saber mediar o ensino de tal forma que o aluno consiga entender o porquê e o significado do que está fazendo (Nista-Piccolo; Moreira, 2012), participando do processo, aprendendo conceitos e valores, trazendo o conhecimento de suas comunidades e construindo outros novos.

Apesar de planejar aulas tendo como norte objetivos conceituais, procedimentais e atitudinais, relacionando as vivências das práticas corporais com o conhecimento sobre essas práticas, parece que os alunos desconsideraram isso nas suas respostas. No entanto, tal postura pode ser analisada sob a perspectiva de que “[...] quanto mais os saberes estiverem inscritos no corpo, mais difíceis serão os seus enunciados em

forma de linguagem verbal ou escrita” (Charlot, 2000 *apud* Schneider; Bueno, 2005, p. 40). Esse movimento me fez repensar as metodologias que trabalho nas aulas, pois o tempo para os diálogos nas rodas de conversa e em outras ocasiões acaba sendo bem reduzido ou deixado de lado em detrimento das vivências práticas e aulas expositivas. Infelizmente os 110 minutos de aula são insuficientes para aquilo que planejo, por isso acabo não oportunizando tempo suficiente para as discussões e as conversas acerca das atividades desenvolvidas. Logo, preciso melhorar esses planejamentos para garantir espaços que deem visibilidade aos diálogos e debates durante o processo de ensino aprendizagem.

Outro ponto que me chamou atenção foram as respostas sobre o que mudariam nas aulas de Educação Física. A maioria dos estudantes respondeu: “*Que a gente fosse para a quadra todo dia* (Estudante J); “*Eu mudaria os textos, eles seriam em folha para não copiar*” (Estudante K); “*Que ficássemos mais na quadra do que na sala*” (Estudante L); “*Colocaria mais aulas de Educação Física porque é muito pouco*” (Estudante M); “*Daria menos jogos e mais esportes como vôlei e futebol*” (Estudante M). Aqui, mais uma vez ressalto que preciso melhorar minhas metodologias pedagógicas, inserindo novas formas de trabalhar os conteúdos para além dos textos e das atividades escritas. Faço uso das mídias e tecnologias disponíveis para transmissão de vídeos que estejam relacionados à temática estudada, quando os alunos precisam seguir um roteiro orientador e responder aos questionamentos que coloco. No entanto, isso tem engessado e reduzido o tempo para discussões acerca do que foi trabalhado. Poderia ainda estudar e realizar formações direcionadas às metodologias ativas nas aulas, pois acredito que isso enriqueceria a minha prática e contribuiria para o melhor planejamento das aulas, possibilitando aprendizagens mais significativas.

No que diz respeito às escolhas do que gostariam de aprender nas aulas de Educação Física, os esportes como vôlei, futebol e basquete tiveram adesão de mais de 70% dos alunos. Na sequência, vieram as brincadeiras, os jogos populares e as Práticas Corporais de Aventura (PCA). Ao passo que uma pequena quantidade dos estudantes, aproximadamente 8%, optou pelos jogos de matriz africana. A constatação, até certo ponto óbvia, que os alunos sequer sabem da existência de jogos e brincadeiras de matriz africana não espanta aos olhos daqueles que estão

imersos na educação há um certo tempo. Por outro lado, é de se espantar a falta de interesse em querer conhecer e vivenciar tais práticas, o que evidencia e escancara a negligência e a marginalização dos conhecimentos acerca da história e cultura africana dentro das escolas durante séculos. Sabemos que tais escolhas e interesses não são neutros, mas sim consequências do racismo estrutural presentes na nossa sociedade.

É mesmo tempo de outras histórias: nenhum argumento sustentará doravante o silêncio, a ausência, o apagamento dessas tantas culturas. A história passada-presente-futura exige: confrontar o racismo e o epistemicídio que empobrecem o nosso trabalho de formação cultural dos sujeitos da Educação Física (Vago, 2022, p. 18).

Portanto, dada a seriedade da questão, o ponto de partida para tentar mudar esse cenário foi direcionado a um projeto mais amplo que trabalhou a temática étnico-racial sob múltiplos olhares, através da interdisciplinaridade. Destaco aqui o quanto esse diagnóstico foi imprescindível para uma análise mais ampla dos sentidos e significados da escola e da Educação Física para os estudantes. Para realização do trabalho pedagógico interdisciplinar, consideramos importante fazer esse exercício de escuta e leitura dos sujeitos da relação pedagógica a fim de compreendê-los em seus diferentes tempos e espaços escolares (Vago, 2012), pois “[...] dialogar com essas culturas, tomá-las como referenciais importantes para a prática pedagógica, fazer sua crítica são desafios da condição de ser professor” (Vago, 2012, p. 80).

4 A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO: CAMINHANDO JUNTOS PARA IR MAIS LONGE

Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo (Provérbio africano).

Antes de discorrer sobre a elaboração do projeto interdisciplinar na EEEFM Maria Penedo, acho pertinente frisar que todos os professores envolvidos neste trabalho possuem uma relação de diálogo, parceria e interação de longa data. Os professores de Arte, Ensino Religioso e Educação Física trabalham juntos há sete anos e atuamos com a professora de ALE há três anos. O professor de História trabalha na instituição desde o ano passado. Isso foi um aspecto facilitador e fundamental para o planejamento e concretização das etapas que o projeto exigiu.

Essa equipe de docentes possui experiências, formações e trajetórias diferentes: três são formados em Pedagogia, entre os quais dois já atuam como professores da Educação Básica há mais de 20 anos. Outros dois trabalham como professores há mais de dez anos. Eu me formei em Educação Física no ano de 2015 e, desde então, ministro aulas na rede estadual. O professor de Arte graduou-se em Música (licenciatura) na Universidade Federal do Espírito Santo no ano de 2009. Ele possui vínculo como professor efetivo da rede estadual e da Prefeitura da Serra desde 2013. Além disso, a equipe conta com um doutor em educação, um mestre na mesma área e outro mestrando. A diversidade de experiências e formações desses profissionais possibilitou diálogos e discussões profícuas, abrindo espaços privilegiados para trocas de saberes e reflexões sobre nossas práticas

A seguir apresento o cronograma do planejamento coletivo/colaborativo realizado entre os meses de abril e junho de 2023, que teve como objetivo discutir sobre os possíveis temas para a interdisciplinaridade, construir o projeto e organizar as intervenções pedagógicas.

Quadro 2 – Cronograma dos planejamentos coletivos (de abril a junho)

20/04/23	Discussão do diagnóstico feito os com os alunos do 4º ano acerca da escola.
27/04/23	Escolha dos temas integradores e dos conteúdos de cada disciplina relacionados a eles; análise do Currículo do Espírito Santo para o Ensino Fundamental (temas integradores).
12/05/23	Pesquisa de livros, artigos, vídeos e outros materiais para auxiliar na escrita do projeto e planejamento das aulas; criação de pasta compartilhada para inserção desses materiais; troca de professoras da disciplina de ALE.
25/05/23	Organização e início da escrita do projeto (inserido e compartilhado no <i>drive</i> para escrita e edição coletiva); definição das funções de cada professor nesse processo.
01/06/23	Continuação da escrita do projeto; análise, discussão e inserção dos conteúdos de cada disciplina no projeto.
15/06/23	Revisão coletiva e finalização do projeto interdisciplinar.

Fonte: Elaboração da autora (2023).

O primeiro encontro foi destinado a análise e discussão do diagnóstico que realizei com as turmas de 4º ano, destacando os olhares dos alunos acerca das aulas, suas preferências e aquilo que lhes proporciona alegria nos espaços escolares. Pude observar o espanto e a surpresa de alguns docentes, inclusive daqueles que não estavam participando do projeto, à medida que ia lendo as respostas dos estudantes. Ao passo que rebatiam: *“Tem criança que exagera nas coisas”* (Professor L); *“Claro que o recreio é a melhor parte: é o único momento que podem bagunçar e fazer o que quiserem”* (Professor M); outro completou: *“É também o único momento que não precisam estudar”* [risadas] (Professor C). Outros profissionais repreendiam e contestavam o que era dito, mostrando indignação e chamando atenção para o que existia por trás daquelas respostas, analisando quais fatores, no processo educacional, seriam responsáveis por causar “aversão ao estudar”. Um professor pontuou que as causas têm fatores internos e externos à escola, entre os quais citou a adequação da prática docente:

A começar pela própria postura do professor na sala, muitas vezes autoritária, arrogante e desrespeitosa, com metodologias ultrapassadas, sem o menor interesse em buscar novas práticas e formações a fim de melhorar sua experiência docente (Professor J, Diário de campo).

O objetivo inicial da proposta foi possibilitar uma reflexão conjunta sobre a educação que temos e a educação que podemos alcançar quando se permite o exercício da escuta sensível, do diálogo, da interação a fim de alcançar uma compreensão mais ampla das relações entre professores e alunos no processo de ensino aprendizagem. Não intencionamos aqui culpabilizar o professor por todos os males na educação, pois sabemos que existem inúmeras falhas, erros e problemas de ordem política,

macroestrutural e social que contribuem para impedir o avanço na qualidade do ensino do nosso país. Todavia, também não colocamos os docentes como vítimas passivas de tais estruturas que pressionam a educação pública, pois, como nos lembra Freire (2019), “[...] educar é um ato político” e, portanto, como professores e professoras, somos também corresponsáveis pela escola que desejamos e pelo que ela pode ser.

Outro ponto problematizado se relaciona aos ambientes de que os alunos mais gostam e suas propostas para mudanças nas aulas, enfatizando que gostariam de copiar menos textos, de estudar em outros espaços da escola, além de realizar atividades com mais diálogo e respeito entre as pessoas da sala. A reação de uma professora foi dizer que tem o maior respeito e carinho pelos alunos, que é inadmissível mandá-los calar a boca; outro mencionou que o respeito deveria ser a base de todas as relações dentro e fora da escola; um terceiro pontuou a dificuldade em trabalhar fora da sala de aula, uma vez que os alunos dispersam com facilidade, não prestam atenção e fazem bagunça, sendo cansativo e desgastante para ele. Entre as falas, também se pôde ouvir que os alunos só ficam quietos quando estão copiando, que não têm postura nem comportamento para estudar de outras maneiras, pois já estão condicionados e acostumados a copiar. Outra acrescentou que é preciso ensinar os alunos a dialogarem, pois nem isso sabem, justamente pelo costume em só ouvir e receber informações acriticamente.

Essa professora criticou a forma como tem ocorrido o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que muito se fala em “dar autonomia” aos alunos, colocá-los no centro do processo, construir conhecimento junto com eles, mas, de acordo com ela, não é o que geralmente acontece nas instituições de ensino onde trabalhou. Logo, acaba sendo mais cômodo para o professor copiar texto, seguir as receitas do livro didático e dar atividades prontas da internet. Segundo a docente, isso poupa tempo de planejamento, avaliação, análise e reflexão do que é ministrado em sala. Além disso, a docente pontuou que é urgente a adoção de metodologias de ensino que estimulem a argumentação, a criticidade e os questionamentos dos discentes. Caso contrário, continuaremos a reforçar uma educação bancária e a culpar meramente os estudantes pelo fracasso na aprendizagem, o que nos faz lembrar da música de Gabriel “O Pensador”, intitulada *Estudo Errado*:

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
 Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
 Decoreba: esse é o método de ensino
 Eles me tratam como ameba e assim eu num raciocino
 Não aprendo as causas e consequências só decoro os fatos
 Desse jeito até história fica chato
 Mas os velhos me disseram que o "porquê" é o segredo
 Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo
 Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente
 Eu sei que ainda num sou gente grande, mas eu já sou gente
 E sei que o estudo é uma coisa boa
 O problema é que sem motivação a gente enjoa
 O sistema bota um monte de abobrinha no programa
 Mas pra aprender a ser um ignorante
 Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)
 Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre
 Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste
 O que é corrupção? Pra que serve um deputado?
 Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!
 Ou que a minhoca é hermafrodita
 Ou sobre a tênia solitária
 Não me faça decorar as capitânicas hereditárias! (O Pensador, 1995).

A primeira reunião esteve repleta de trocas e interações bem pertinentes e promissoras para os passos que seriam dados adiante. Permitiu a reflexão coletiva de vários obstáculos relacionados à prática pedagógica que devem ser enfrentados e vencidos a fim de alcançar uma aprendizagem significativa. Fizemos o esforço para nos debruçarmos sobre os problemas existentes, através de proposições e análises coletivas pensando em maneiras de superá-los. Afinal,

[...] não há mudanças possíveis para melhorar o que não consideramos satisfatório se não nos debruçarmos sobre o problema, o que certamente envolve questões tanto administrativas quanto pedagógicas: estudo e reelaboração do currículo, planejamento da grade de horários da escola, previsão de reuniões sistemáticas de trabalho conjunto para planejamento e execução dos projetos pedagógicos, discussões interdisciplinares, análise e adequação do sistema de avaliação, esclarecimentos para a comunidade escolar, dentre outros (Fraga; Gonzáles, 2012, p. 21).

O encontro seguinte destinou-se ao debate e à escolha do eixo temático a ser desenvolvido no projeto, bem como os temas integradores e conteúdo de cada disciplina que poderia convergir com eles. Inicialmente tentei entender a visão de interdisciplinaridade existente no grupo e ressaltar aquela na qual pretendia embasar nossas intervenções. Meus colegas trouxeram experiências interdisciplinares anteriores que tiveram, principalmente no período pandêmico, quando houve uma imposição por parte da gestão escolar, exigindo que os professores pensassem em atividades coletivas e interdisciplinares, para reduzir a quantidade de tarefas e a

demanda de estudos em casa. Uma professora disse que, na outra escola onde trabalha, todos os docentes precisam elaborar duas questões dentro da sua disciplina sobre um tema pré-determinado pelos pedagogos. A partir disso, é construída uma prova para os alunos, constando as questões de todas as disciplinas e, ao final, cada professor lança a nota na pauta como trabalho interdisciplinar. Possivelmente nesse tipo de trabalho pode estar havendo uma integração, uma justaposição de conteúdos de disciplinas heterogêneas (Fazenda, 2011), pois segundo Fazenda (2011, p. 87)

[...] para que haja interdisciplinaridade deve haver uma “sintonia” e uma adesão recíproca, uma mudança de atitude diante de um fato a ser conhecido; enfim, o nível interdisciplinar exigiria uma “transformação”, ao passo que o nível de integrar exigiria apenas uma “acomodação” (Fazenda, 2011, p. 87).

A partir das colocações referentes à interdisciplinaridade e dos desafios para realizar um trabalho coletivo que compartilhasse essa visão interdisciplinar mais ampla, pensamos nos caminhos e nas intervenções necessárias em que fosse possível concretizar tais ações transformadoras. Para auxiliar nesse processo de escolha, recorreremos ao Currículo do Espírito Santo com objetivo de estudar os temas integradores presentes nele, pontuando aqueles que poderiam ser abordados no projeto interdisciplinar. Chegamos num consenso sobre os seguintes temas: Educação Ambiental (TI03), Diversidade Cultural, Religiosa e Étnica (TI13), Ética e Cidadania (TI15), Povos e Comunidades tradicionais (TI17), Diálogo intercultural e inter-religioso (TI19), Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena (TI07). Durante esse processo percebemos que os conhecimentos disciplinares se complementam e tocam-se em muitos aspectos, o que contribui para uma visão mais global e abrangente sobre eles. Assim também é a realidade que vivenciamos diariamente: multiforme, multifacetada e diversificada, em que os acontecimentos se atravessam a todo momento, não sendo possível analisá-los sob um único ângulo, através de uma só disciplina (Fazenda, 2011).

Por fim, o grupo decidiu como tema central do projeto interdisciplinar “A História e a Cultura Afro-brasileira e Africana”, por ser um tema pouco difundido e explorado no nosso contexto educacional. Além disso, acreditamos que ele tem um grande potencial para promover conexões e cruzamentos epistemológicos capazes de eliminar as barreiras entre as disciplinas, a fim de que , segundo Fazenda (2011, p.

92), “[..] cada um esteja impregnado de um espírito epistemológico suficientemente amplo, para que possa observar as relações de sua disciplina com as demais, sem negligenciar o terreno de sua especialidade”. Outro fator crucial para a escolha foi buscar a legitimidade desse ensino “esquecido”, visto que, mesmo após a existência da Lei nº 10.639/03, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas de Educação Básica do país, poucos passos pedagógicos foram dados rumo a uma educação antirracista, decolonial e aberta às diversidades e às diferenças existentes.

Em seguida, cada professor ficou responsável por pesquisar livros, artigos, vídeos e outros materiais pertinentes ao projeto, que auxiliassem no processo de escrita e nos planejamentos das aulas. Para isso, o professor de Arte sugeriu a criação de uma pasta compartilhada via *e-mail* para melhor organização desses materiais e posterior análise conjunta daquilo que seria utilizado. Nesse processo de pesquisa, encontramos muitos arquivos interessantes que enriqueceram e ampliaram nosso conhecimento acerca do tema. Um fato atrapalhou o andamento do trabalho: a saída repentina da professora de ALE (Aprofundamento em Leitura e Escrita), que precisou assumir a regência de uma turma e, por esse motivo, outra professora ocupou seu lugar.

Após o levantamento bibliográfico sobre o tema, seguimos para a escrita do projeto, que foi compartilhado via *Google Drive* para permitir uma edição coletiva. A fim de sistematizar e organizar o trabalho, cada um desempenhou uma função: eu, como professora de Educação Física, fiquei responsável pela escrita da introdução, dos conteúdos abordados na minha disciplina, dos objetivos gerais e também auxiliei os professores que tinham dificuldade nessa etapa. Com isso, acrescentei no projeto aquilo que seria desenvolvido nas disciplinas de ALE e Ensino Religioso. Os demais professores (Arte e História/Geografia) escreveram os conteúdos e objetivos de suas respectivas disciplinas. Considero que essa etapa foi menos colaborativa e exigiu um esforço maior da minha parte.

Findada a escrita do projeto, nos reunimos novamente para a sua leitura e revisão, todos gostaram do resultado e consideraram um desafio alcançar o que estava proposto no documento. Alguns colegas elogiaram bastante e tiveram falas semelhantes: “*Se conseguirem colocar em prática dá até para acreditar que a*

interdisciplinaridade aqui é possível” (Professor S, Diário de campo); “*Num ambiente de constantes disputas e conflitos, vocês mostraram que há espaço para parceria, amizade e colaboração: uma luz no fim do túnel*” (Professor T, Diário de campo).

4.1 A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO: OBSTÁCULOS NO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho [...]
(ANDRADE, 2022, p. 34)

Um primeiro obstáculo para realização do projeto partiu da gestão escolar, que deixou claro um posicionamento contrário ao ensino das manifestações culturais africanas sob o prisma religioso. Tal contrariedade justificou-se porque a comunidade que a escola atende é, em sua maioria, cristã, o que geraria problemas e até denúncias. Houve então um debate de ideias a fim de esclarecer que o objetivo dos educadores ali presentes não é doutrinar ou fazer com que os alunos seguissem uma religião de matriz africana, mas sim negar um viés ideológico perpetuado pelo cristianismo e enraizado no chão da escola, uma vez que o seu princípio é a laicidade, o que não ocorre de fato.

O professor de Arte disse que não há como falar de cultura africana sem contextualizá-la com seus costumes e crenças. Mencionou ainda que, nesse contexto, ele seria proibido de abordar livros, contos ou lendas de origem africana que versassem sobre os orixás presentes nesse universo. Finalizou o discurso afirmando que todos ali presentes tinham o dever moral e a função social de ensinar, deixando de lado suas vertentes religiosas, já que o objetivo não é doutrinar ou catequizar, mas sim ensinar, mediar e construir conhecimento junto com os alunos.

Já a professora de ALE chamou atenção para a necessidade de dar espaço igual a todas as manifestações culturais dentro da instituição, e não impor aquela que melhor convém, segundo desejos pessoais, pois existe, antes de tudo, uma obrigação ética, moral e social que o educador precisa ter ao escolher os conteúdos que serão ministrados, tentando não enviesá-los segundo suas escolhas pessoais de vida.

Sabendo que a escola sempre colocou os saberes numa ordem hierárquica colonial, a Lei 10.639/03 vem justamente para tentar corrigir os impactos

causados por uma educação eurocêntrica, pois entende que os saberes da história e cultura afro-brasileira e africana foram negados, não tiveram o lugar devido, sua voz foi silenciada por muitos anos, assim como sua contribuição para formação da nossa sociedade, do nosso país. Portanto já passou da hora de falar sobre racismo, discriminação, desigualdades étnico-raciais, para avançar rumo a uma educação emancipadora (Professor B, Diário de campo).

A falta de formação para tratar das questões étnico-raciais e da cultura africana também apareceram como obstáculos para seu ensino, uma vez que muitos docentes nunca tinham estudado a respeito e não possuíam domínio necessário do tema para dialogar com seus alunos, tampouco para construir metodologias e planejamentos de aulas acerca do assunto. Por isso, os docentes muitas vezes escolhem abordar somente o racismo e não ir muito além nesse terreno desconhecido, que gera insegurança e medo ao dar aula. Não desconsiderando a importância de trabalhar o racismo nas aulas, mas reduzir a Lei nº 10.639/03 a isso não a contempla em sua totalidade, pois deixa de fora, esquecidos desse cenário, o conhecimento sobre a história e a cultura africana, o reconhecimento e a valorização das personalidades negras símbolos de luta e resistência, as causas das desigualdades sociais e étnico-raciais no Brasil, entre outras questões. Mesmo o racismo apresenta inúmeras vertentes que também devem ser trabalhadas no contexto escolar: racismo estrutural, racismo religioso, racismo ambiental, racismo institucional (Sousa; Brussio, 2023).

O que falar do tempo escolar, esse que direciona as atitudes, os planejamentos, os corpos e o processo de ensino aprendizagem? Tudo no contexto educacional gira em torno do relógio, ditando implicitamente as regras, já que a escola está organizada segundo *Khrónos*¹ (Kohan,2018). No entanto, foi imprescindível encontrar outros tempos, ir na direção deles para tornar possível planejamentos e práticas interdisciplinares. Nesse sentido, o projeto demandou passos para além de *Khrónos*, pois não podíamos deixar passar as oportunidades, nem tampouco limitar nossas experiências.

Fomos confrontados inúmeras vezes por fatores temporais que necessitamos administrar, por exemplo: algumas reuniões não puderam acontecer com a participação de todos ou tiveram que ser remarçadas, pois os professores precisavam

¹ *Khrónos* significa o tempo como número do movimento segundo o antes e o depois: “[...] o que já passou é o passado, o porvir é o futuro, a soma de todos os movimentos é tempo, é *khrónos*” (Kohan, 2018, p. 300).

“cobrir” aulas de docentes que faltaram, outros tinham papel para confeccionar, além de ter que auxiliar e cumprir demandas da equipe de gestão. Muitas vezes também precisamos conversar sobre o projeto fora dos dias pré-estabelecidos, aproveitando as oportunidades que surgiam durante as confraternizações, antes e depois dos horários de aula, além da comunicação via mensagens telefônicas.

O tempo destinado ao projeto interdisciplinar, que parecia curto, insistia em reduzir-se ainda mais. O momento de planejamento necessitava ser dividido a fim de englobar as reuniões, mas como fazer isso se a todo instante o que se vê é uma escassez, uma falta de tempo adequado para planejamentos de qualidade? Os encontros só podiam ocorrer às quintas-feiras, das 7 às 12, contudo era também o momento para atender demandas externas, preencher pautas, planejar aulas para as outras turmas para as quais lecionamos etc. Logo, a falta de tempo emergiu como uma pedra no caminho. Mas é verdade que não há novidade na afirmação, visto que a “falta de tempo” para planejar ações, dispor de encontros e produzir conhecimento em grupo é um fator corriqueiramente apontado pelos professores como um grande problema a ser encarado atualmente (Cruz *et al.*, 2022).

Como seria bom ter mais tempo para nos debruçarmos e dedicarmos às leituras sobre a temática do projeto, poderemos compartilhar nossas ideias e interpretações, ampliarmos o olhar acerca do que foi lido em comunhão com o outro. Não tenho dúvida de que isso enriqueceria e melhoraria as práticas docentes desenvolvidas durante o projeto interdisciplinar “A África nas brasilidades”. Apesar da diversidade de materiais bibliográficos que selecionamos e organizamos na pasta do projeto, não conseguimos apreciar e estudá-los devidamente. Eu e alguns colegas fizemos o esforço para lê-los em outras ocasiões, pelo interesse na temática abordada, mas as discussões a respeito foram mais rápidas, sem aprofundarmos já que o tempo dentro da escola era escasso para isso.

Tal situação foi abordada durante uma formação na Jornada de Planejamento Pedagógico como um problema enfrentado pela maioria dos profissionais que atuam nas escolas da rede estadual do Espírito Santo: os professores não leem, distanciam-se cada vez mais das leituras do campo educacional, estagnaram e aderiram ao modismo da instantaneidade causada pelas redes sociais. Como recurso de defesa, os/as docentes contra-argumentaram que a vida é corrida, visto que trabalham de 40

a 60 horas semanais e o estado não fornece tempo apropriado para dedicação intelectual que as leituras demandam, tampouco ajudam adequadamente àqueles que conseguem inserir-se nos cursos de mestrado e doutorado. Ao que tudo indica, pode não haver interesse em formar professores intelectuais, embora queiram cobrar e exigir que haja profissionais leitores, empenhados e com desejo de realizar as formações que a Secretaria de Educação oferece.

Mais adiante, próximo ao período de intervenções, a escola encaminhou um bilhete (APÊNDICE A) informando sobre a realização do projeto, deixando aberto o espaço de diálogo àqueles que sentissem a necessidade de esclarecer dúvidas acerca da iniciativa. Nesse momento, algumas famílias se fizeram presentes, interessadas em conhecer melhor o projeto, outras queriam saber exatamente quais conteúdos seriam ensinados e seus objetivos. Durante as intervenções, cujos temas tratavam da intolerância religiosa e das histórias dos orixás, pais se manifestaram veemente contrários à participação de seus filhos nessas aulas, alegando que tais discussões iam na direção contrária de seus ensinamentos, dos valores e dos costumes que sua religião pregava. Inclusive alunos relataram que foram proibidos de ir à escola nos dias dessas aulas por conta da temática abordada.

Como modo de organizar o trabalho de pesquisa-intervenção e como a elaboração do projeto foi um dispositivo importante de reflexões, mobilização e colaboração docente, o apresentamos na íntegra em uma seção única, a seguir.

5 PROJETO INTERDISCIPLINAR: A ÁFRICA NAS BRASILIDADES

O presente projeto emergiu dos diálogos realizados entre os docentes da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo acerca da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio do país. Muito tempo se passou desde a vigência da lei, mas infelizmente pouco tem sido feito nas instituições de ensino para consolidar o que é estabelecido legalmente. Procurando reverter esse cenário, um grupo de professores se uniu para trabalhar a temática da cultura africana e afro-brasileira em suas aulas sob uma ótica interdisciplinar, através de intervenções pedagógicas significativas e enriquecedoras. É importante ressaltar que as práticas educacionais africanas foram ignoradas e “esquecidas” durante muito tempo no nosso país, havendo uma grande difusão e imposição da educação europeia desde a chegada dos portugueses no Brasil (Nogueira, 2020). Logo, é urgente e necessário que haja uma aprendizagem crítica acerca da cultura africana, de respeito à igualdade de direitos étnico-raciais e à diversidade. As intervenções foram realizadas entre os meses de julho a novembro de 2023.

Considerando a relevância e a pertinência do tema para todos da escola, pensamos que o trabalho interdisciplinar pode constituir-se como eixo central de práticas e intervenções docentes capazes de abrir caminhos promissores para aprendizagens significativas e transformadoras, além de ser uma grande oportunidade de formação para toda a equipe. A interdisciplinaridade possui várias definições, porém este projeto terá como base o conceito proposto por Ivani Catarina Fazenda, a saber:

Interdisciplinaridade é um termo utilizado para caracterizar a colaboração existente entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência (exemplo: Psicologia e seus diferentes setores: Personalidade, Desenvolvimento Social etc.). Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando a um enriquecimento mútuo (Fazenda, p. 73, 2011).

Desse modo, pensar a união entre disciplinas não se reduz a eliminar as barreiras entre elas, mas principalmente retirar as barreiras entre as pessoas, de modo que os profissionais da escola busquem alternativas para se conhecerem mais e melhor, troquem experiências entre si, sejam humildes diante da limitação do próprio saber, envolvam-se e comprometam-se em projetos comuns, voltados para uma prática de

trabalho científico, profissional, de construção coletiva do conhecimento (Fazenda, 1994 *apud* Libâneo, 2011).

Nesse sentido, cabe destacar que a escola precisa rever suas funções, abandonando métodos e técnicas pedagógicas que desconsideram o contexto cultural, social e histórico dos alunos. Assim, essa instituição deve promover uma educação emancipadora, justa e preocupada com o desenvolvimento integral dos sujeitos,

[...] ampliando o desenvolvimento das potencialidades humanas, provendo os meios cognitivos e afetivos para os alunos alcançarem autonomia, liberdade, capacidade de participação e intervenção na realidade social. Nessa visão, a escola é uma das mais importantes instâncias de democratização da sociedade e de promoção de inclusão social, cabendo-lhe propiciar os meios da apropriação dos saberes sistematizados constituídos socialmente, como base para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e a formação da personalidade. Considera-se, ademais, que a escola recebe sujeitos em sua diversidade social e cultural e, assim, faz-se necessário ligar os conteúdos escolares às práticas socioculturais e institucionais (e suas múltiplas relações) nas quais os alunos estão inseridos (Libâneo; Silva, 2020, p. 221).

Este trabalho pretendeu assegurar uma formação reflexiva e crítica, ampliando os olhares acerca da história e cultura africana, bem como suas influências nas brasilidades. Para isso, tivemos como ponto de partida as diversidades sociais e culturais existentes no contexto escolar, que, de acordo com Libâneo e Silva (2020, p. 823) “[...] pode ser entendida como conjunto das diferenças, desde que estas sejam tomadas histórica e concretamente”.

O projeto tem como título *A África nas brasilidades*, porque visa desvelar e apresentar o quanto há de África em nós, brasileiros, sua presença nos costumes, nas tradições, na música, na culinária, na dança, enfim, na cultura brasileira em sua totalidade. Cabe ressaltar que o termo “brasilidade” “[...] é um modo característico e mesmo específico de ser do povo brasileiro, resultado de sua história e da forte miscigenação social e cultural ocorridas (Barros, 2009, p. 19). Assim, conforme afirma DaMatta (1984 *apud* Vargas, 2007) pode haver um Brasil, com muitas brasilidades, que o redefinem e o constroem. Elas são baseadas em dados quantitativos ou em dados sensíveis e qualitativos, da cultura, da tradição e da religiosidade (Vargas, 2007, p.136). Portanto é necessário refletir e reconhecer que o negro influenciou a vida e a cultura brasileira sob várias dimensões (ética, estética, artística, social e religiosa).

5.1 OBJETIVOS

Dentre os objetivos propostos no projeto, destacam-se:

- a) compreender a influência da cultura africana na constituição do povo brasileiro, a fim de resgatar e valorizar as relações étnico-raciais existente em nosso país;
- b) respeitar as diferenças, desconstruindo ideias, comportamentos discriminatórios e excludentes, promovendo com isso uma cultura de respeito e igualdade racial;
- c) desenvolver estratégias para combater e superar o racismo existente na sociedade brasileira, a partir de uma educação antirracista.
- d) conhecer a história da África e dos afrodescendentes brasileiros numa perspectiva positiva, que faça um resgate cultural e histórico desse país, da ancestralidade, religiosidade, organização política e do tráfico de escravos do ponto de vista dos escravizados;
- e) vivenciar os jogos e as brincadeiras de matriz africana, reconhecendo essas práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos;
- f) experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico-cultural;
- g) desconstruir os padrões eurocêntricos difundidos na sociedade e na educação que reforçam os estereótipos negativos em relação à cultura negra, promovendo discussões, debates, rodas de conversa sobre o tema, priorizando a reflexão e a análise crítica dessas questões;
- h) promover a inclusão e o reconhecimento das diversidades existentes na escola, contribuindo para a conscientização, respeito e acolhimento das diferentes formas de ser e vivenciar o mundo.

5.2 CONTRIBUIÇÕES DAS DISCIPLINAS

a) Arte

A disciplina de Arte teve como norte em suas aulas a influência da cultura africana na constituição da identidade brasileira sob o viés da expressão musical e visual. Tendo como ponto de partida o repertório de Naná Vasconcelos, as obras de Adriana Varejão

e Angélica Dass. Adriana Varejão criou suas próprias tintas a óleo baseadas em tons de pele, no trabalho denominado “Polvo Portraits”, com o objetivo de problematizar e trazer à tona questões como miscigenação, colonialismo e “cor da pele”. Já a artista Angélica Dass, realizou a obra intitulada “*Humanae (work in progress)*”, onde enfatiza a importância de acolher e apreciar as diferenças entre os corpos, sem se esquecer que somos todos humanos. Esta disciplina também fomentou uma proposta de letramento racial, ensinando às crianças sobre a existência de diferentes culturas, etnias e raças, mostrando como essas diferenças podem impactar as relações sociais e a vida em comunidade.

Quadro 3 – Sugestões de materiais para as aulas de Arte

MATERIAIS	REFERÊNCIAS
Exposição Polvos (Adriana Varejão)	https://www.consueloblog.com/adriana-varejao-cria-o-espetacular-polvo/ https://www.youtube.com/watch?v=v2EvbiZ_EMc&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=18
Entrevista com Adriana Varejão	https://www.youtube.com/watch?v=NQinZVCSQwg&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=20
Somos todos <i>humanae</i> : Angelica Dass	https://www.youtube.com/watch?v=kcYKRNbW_iv
Música ser diferente é normal (Gilberto Gil e Preta Gil)	https://www.youtube.com/watch?v=NKu3HrWiLiY

b) Educação Física

Já a disciplina de Educação Física partiu do ensino de jogos e brincadeiras de matriz africana, destacando seu significado e sua importância para a cultura do nosso país. Houve ainda atividades lúdicas relacionadas com as aulas dos demais docentes, visando à integração dos conteúdos trabalhados. O racismo também foi tema das aulas de Educação Física, principalmente aqueles sofridos por atletas negros em diversas modalidades esportivas, a fim de promover uma educação antirracista, em que sejam valorizadas e respeitadas as diferenças, sejam elas raciais, étnicas ou de gênero.

Quadro 4 – Sugestões de materiais para as aulas de Educação Física

MATERIAIS	REFERÊNCIAS
Brincadeira Guerreiros Nagô	https://www.youtube.com/watch?v=MIAvVKAKy0A&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=9
Reportagens acerca do preconceito contra as mulheres no esporte	https://ge.globo.com/outros-esportes/noticia/mulheres-no-esporte-o-tabu-e-a-historia-por-tras-da-pouca-representatividade-feminina.ghml

MATERIAIS	REFERÊNCIAS
	https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/07/jogadora-de-13-anos-sofre-preconceito-em-torneio-de-futebol-no-rio.ghtml
Reportagens sobre o racismo no esporte: Olimpíadas de 1968	https://www.youtube.com/watch?v=eqAvGuE3bal&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=62 https://www.youtube.com/watch?v=opOphJhg0XU&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=61
Reportagem sobre os ataques racistas sofridos pelo jogador Vinicius Junior	https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/24/racismo-contra-vinicius-junior-veja-tudo-sobre-o-caso.ghtml
Campanha de conscientização contra o racismo	https://www.youtube.com/watch?v=kSxfom_eRYk&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=2
10 Brincadeiras de matriz africana	https://www.youtube.com/watch?v=0Hq8o4XxgLS
Música África: Palavra Cantada	https://www.youtube.com/watch?v=QjimRDk9kti

c) Ensino Religioso

A disciplina de Ensino Religioso discorreu sobre os conceitos e os valores que atravessam a diversidade cultural presente no Brasil, enfatizando questões como, a igualdade racial, a ancestralidade, a distinção entre raça e etnia, a valorização das diferenças e a identidade brasileira. Ressalta-se que o material de apoio utilizado nessa disciplina foi a cartilha intitulada: *Igualdade racial na Serra: história e identidade negra I*, um projeto realizado pela Secretaria Municipal de Educação da Serra e organizado por Hileia Araujo de Castro.

Sugestão de bibliografia para as aulas:

<https://www.serra.es.gov.br/arquivo/1542721057859-volume-1.pdf>

d) Aprofundamento em Leitura e Escrita (ALE)

Essa disciplina desenvolveu um trabalho direcionado à leitura de livros infantis que abordam a cultura africana e afro-brasileira de maneira crítica e reflexiva. As aulas foram realizadas através de rodas de leitura e contação de histórias, com debates e atividades escritas acerca do livro estudado. Ao fim desse processo, houve uma proposta avaliativa interdisciplinar para os alunos criarem seus próprios livros com histórias relacionadas ao que aprenderam nas disciplinas envolvidas no projeto.



Quadro 5 – Sugestões de obras literárias para as aulas de ALE

LIVROS	REFERÊNCIAS
O pequeno príncipe preto	https://www.coisasdaprofessoraraquel.com/2021/09/livro-o-pequeno-principe-preto-baixar.html
Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!	http://atempa.org.br/wp-content/uploads/2018/11/CADA-UM-COM-SEU-JEITO-CADA-JEITO-%C3%89-DE-UM-.pdf
Que cor é a minha cor?	https://www.colegioequipejf.com.br/site/uploads/arquivos_conteudo_aluno/4928/1605496521KflogeuF.pdf
Zumbi o pequeno guerreiro	https://drive.google.com/file/d/1wNilgm1fpd9SkwXuRIFbL1ADFelJC6X/view

e) História

Por fim, o professor de História, a partir de uma pedagogia decolonial, teve como diretriz o ensino da participação dos negros na edificação da história e da cultura brasileira, a partir dos olhares daqueles que foram escravizados durante séculos. A Pedagogia Decolonial “[...] define-se como um conjunto de Pedagogias que trabalham a ancestralidade, a identidade, os conhecimentos, as práticas e as civilizações excluídas do pensamento único europeu (Gallindo; Silva, 2019, p. 7). A partir dessa

perspectiva, a disciplina fez um recorte histórico sobre a Igreja de Queimados, relatando a importância de Chico Prego na construção do local, bem como sua luta pela liberdade. Como evento de culminância do projeto, foram organizadas visitas ao Museu Capixaba do Negro (Mucane), localizado no Centro de Vitória/ES. Outro ponto interessante tematizado nas aulas foram as comunidades quilombolas e o significado dos quilombos, inclusive o professor também pensou em levar os estudantes a uma das comunidades localizadas no Espírito Santo, mas, devido à distância, não foi possível.



Quadro 6 – Sugestões de materiais para as aulas de História

MATERIAIS	REFERÊNCIAS
Cartilha especial – Escola de Elisas educação antirracista	https://71ea9690-b2ee-4ab0-9050-469311e94180.filesusr.com/ugd/5c29bc_ae9208735a1044daaf440b1e8d613eda.pdf
Documentário sobre Chico Prego	https://www.youtube.com/watch?v=cib9N-GPPCo&list=PLKFJITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=27&t=466s
Documentário - Queimado: a luta pela liberdade	https://www.youtube.com/watch?v=3f9glXrb9OI&t=19s

6 QUEBRA-CABEÇA INTERDISCIPLINAR: O TODO E AS PARTES

A seguir, apresento a sequência das atividades interdisciplinares realizadas entre os meses de julho a novembro de 2023. Todas as aulas de Educação Física nas turmas de 4º ano são desenvolvidas em horários subsequentes, isto é, duas aulas seguidas, totalizando 110 minutos semanais. Desse modo, no Quadro 7 abaixo, as aulas e o número total de horas correspondentes são apresentados.

Quadro 7 – Intervenções pedagógicas interdisciplinares de Educação Física

AULAS	CONTEÚDOS/TEMAS	OBJETIVOS
Aulas 1 e 2	Brincadeira Resistência - a representação dos quilombos como símbolo de luta e resistência dos escravizados	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar a brincadeira Resistência a fim de compreender a representatividade dos quilombos para os escravizados; - identificar as diferentes formas de luta e resistência dos escravizados; - respeitar e ajudar os colegas adotando atitudes solidárias e prestativas durante a realização das atividades.
Aulas 3 e 4	Variações da brincadeira Guerreiros Nagô – Por que não escravos de Jó?	<ul style="list-style-type: none"> - Entender os sentidos e significados existentes na canção Guerreiros Nagô; - vivenciar os jogos e as brincadeiras de matriz africana reconhecendo essas práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos; - recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, brincadeiras e jogos de matriz africana, adequando-as aos espaços públicos disponíveis.
Aulas 5 e 6	Brincadeira africana: Amarelinha africana	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar e fruir brincadeiras e jogos de matriz africana, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural; - cooperar e colaborar com os colegas permitindo a participação ativa de todos os envolvidos;
Aulas 7 e 8	Brincadeiras africanas: Matacuzana e Labirinto	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar, desfrutar, apreciar diferentes brincadeiras e jogos de matriz africana valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo; - vivenciar os jogos e brincadeiras de matriz africana reconhecendo estas práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos; - respeitar e ajudar os colegas adotando atitudes justas, solidárias e prestativas durante a realização das atividades.
Aulas 9 e 10	Brincadeiras africanas: Bankoya (cobra) e Terra-mar	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar, desfrutar, apreciar diferentes brincadeiras e jogos de matriz africana valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

AULAS	CONTEÚDOS/TEMAS	OBJETIVOS
		<ul style="list-style-type: none"> - vivenciar os jogos e brincadeiras de matriz africana reconhecendo estas práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos; - respeitar e ajudar os colegas adotando atitudes justas, solidárias e prestativas durante a realização das atividades.
Aulas 11 e 12	Brincadeiras africanas: Jogo de tabuleiro Mancala https://www.youtube.com/watch?v=2gMW2SSUbGI&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=41&t=17s	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a história e as regras do jogo Mancala; - experimentar, desfrutar, apreciar diferentes brincadeiras e jogos de matriz africana valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo; - agir com autonomia e criatividade na confecção do tabuleiro de Mancala; - respeitar e ajudar os colegas adotando atitudes justas, solidárias e prestativas durante a realização das atividades.
Aulas 13 e 14	Brincadeiras africanas: Jogo de tabuleiro Mancala	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a história e as regras do jogo Mancala; - experimentar, desfrutar, apreciar diferentes brincadeiras e jogos de matriz africana valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo; - agir com autonomia e criatividade na confecção do tabuleiro de mancala; - respeitar e ajudar os colegas adotando atitudes justas, solidárias e prestativas durante a realização das atividades.
Aulas 15 e 16	O racismo no esporte - O racismo no futebol; https://www.youtube.com/watch?v=8z23WocuPmA - Olimpíadas de 1968 https://www.youtube.com/watch?v=eqAvGuE3bal&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=62 - Racismo: conhecer para combater https://www.youtube.com/watch?v=E_BjYPOE3aq&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=57	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as formas de produção dos preconceitos nos esportes, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes; - desenvolver estratégias para combater e superar o racismo existente nos esportes a partir de uma educação antirracista; - respeitar as diferenças, desconstruindo ideias, comportamentos discriminatórios e excludentes, promovendo com isso uma cultura de respeito e igualdade racial.
Aulas 17 e 18	- O racismo contra Vinicius Junior: uma análise crítica para condutas antirracistas fantástico VINÍCIUS JR e outros brasileiros na Espanha vídeo completo (youtube.com) Jogador Vinicius Jr. sofre injúria racial na TV espanhola - Jornal Nacional (16/09/2022) (youtube.com) Atividade avaliativa sobre o tema	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender as diferentes formas de manifestação do racismo estabelecendo nexos com os relatos das aulas anteriores; - desenvolver estratégias para combater e superar o racismo existente na sociedade brasileira, a partir de uma educação antirracista; - respeitar as diferenças, desconstruindo ideias, comportamentos discriminatórios e excludentes, promovendo com isso uma cultura de respeito e igualdade racial.

AULAS	CONTEÚDOS/TEMAS	OBJETIVOS
Aulas 19 e 20	A corrida do privilégio: reflexões acerca da desigualdade racial <u>Desigualdade Racial no Brasil - 2 minutos para entender!</u> (youtube.com)	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir criticamente sobre a desigualdade racial a fim de entender suas causas e seus impactos nos indivíduos; - participar da dinâmica “corrida do privilégio” buscando perceber como a desigualdade racial é manifestada ali; - reivindicar e buscar alternativas justas, solidárias e políticas para combater a desigualdade racial.
Aulas 21 e 22	Encontre os pares (brincadeira com balões) Jogo da memória (que a nossa ancestralidade não caia no esquecimento)	<ul style="list-style-type: none"> - Encontrar e formar os pares das palavras e frases que estão dentro dos balões para lembrar e visitar os conteúdos aprendidos durante o projeto interdisciplinar; - valorizar e reconhecer as heranças africanas que constituem o Brasil a fim de ressignificá-las culturalmente e socialmente.
Aulas 23 e 24	Continuação da aula anterior- construção do jogo da memória	<ul style="list-style-type: none"> - Agir com autonomia e criatividade na confecção do jogo da memória; - respeitar e ajudar os colegas adotando atitudes justas, solidárias e prestativas durante a realização das atividades. - valorizar e reconhecer as heranças africanas que constituem o Brasil a fim de ressignificá-las culturalmente e socialmente.
Aulas 25 a 28	Confecção dos livros sobre a temática do projeto interdisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar histórias sobre a temática étnico-racial com a finalidade de resgatar e valorizar a história e cultura africana; - dar visibilidade a cultura afro-brasileira e africana, trazendo à tona assuntos sobre a ancestralidade, costumes, crenças e outras heranças de matriz africana; - conscientizar, respeitar e acolher as diferentes formas de ser e vivenciar o mundo; - adotar condutas de conscientização e respeito as diferenças, sejam elas raciais, étnicas ou de gênero; - criar histórias que desenvolvam e incentivem a erradicação do racismo existente na nossa sociedade.

Fonte: Dados produzidos pelos/pelas estudantes e professora pesquisadora (2023).

O Quadro 8 apresenta as intervenções pedagógicas das demais disciplinas envolvidas no projeto interdisciplinar realizadas entre julho e novembro de 2023. No que diz respeito à quantidade de aulas ministradas, são divididas da seguinte forma: História (3 aulas semanais – 165 minutos); Arte e Aprofundamento em Leitura e Escrita (2 aulas semanais – 110 minutos); Ensino Religioso (1 aula semanal – 55 minutos). Os conteúdos e as intervenções foram discutidos coletivamente; além disso, os vídeos utilizados como materiais de apoio nas aulas também foram frutos de pesquisa e análises conjuntas. Tais ações ajudaram a ampliar os olhares acerca dos conteúdos

de cada disciplina e aprender mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira no viés interdisciplinar.

Esse exercício foi essencial para compreender que o ato de planejar não precisa ser uma ação isolada, mas conjunta e colaborativa, oferecendo a possibilidade de crescimento e desenvolvimento dos alunos e professores, no intuito de permitir que a escola evolua como instituição social ativa, participativa e crítica (Moreira, 2009). Para mim, como professora de Educação Física, esse planejamento conjunto foi um ponto facilitador para pensar e organizar as primeiras brincadeiras das aulas, de maneira que a interdisciplinaridade estivesse presente também na prática e na vivência dos alunos, sem, contudo, afastá-los do objeto de conhecimento dessa disciplina.

Quadro 8 – Intervenções pedagógicas das demais disciplinas envolvidas no projeto interdisciplinar

ARTE	HISTÓRIA	ENSINO RELIGIOSO	ALE
Autorretrato a partir dos conceitos de “Identidade” e “Igualdade Racial”. Reflexões acerca da temática “Lápis cor de pele. Atividade diagnóstica.	A luta dos africanos e de seus descendentes: os quilombos	Definição de raça e etnia. Vídeo explicativo sobre os conceitos estudados https://www.youtube.com/watch?v=vvb6qXZ9vzw&t=113s	Leitura e atividades sobre o livro <i>Zumbi: o pequeno guerreiro</i>
A percussão do artista Naná Vasconcelos e suas influências africanas. Percussão corporal e o instrumento musical Berimbau. Apreciação da canção “Batuque nas águas” e do disco 4elementos.	A luta dos africanos e de seus descendentes: os quilombos	Discussão e reflexão sobre racismo e igualdade racial a partir do vídeo assistido (campanha contra o racismo do programa <i>Criança Esperança</i>) https://www.youtube.com/watch?v=kSxfom_eRYk&list=PLKFjITaM47zziW6udnVaop7XiTWyfKkZ&index=2	Continuação da aula anterior: Leitura e atividades sobre o livro <i>Zumbi: o pequeno guerreiro</i>
Influências africanas e afro-brasileiras no Brasil relacionadas ao conceito de “intolerância religiosa”. Ilustração da <i>Lenda? O sopro sagrado de Olorum</i> .	A luta dos africanos e de seus descendentes: as comunidades quilombolas Áfricas do Brasil - Série de Reportagens - Band Notícias - ep 01 (youtube.com)	Texto, atividades e discussões sobre a ancestralidade e identidade; https://www.youtube.com/watch?v=v7kaB4ARXP4	Roda de leitura: <i>Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!</i> Diálogo com perguntas norteadoras sobre o livro; Atividade: Qual é o seu jeito?

ARTE	HISTÓRIA	ENSINO RELIGIOSO	ALE
<p>Apreciação do documentário <i>Queimado, luta pela liberdade</i>, de Rogério Moraes. Tematização do conceito de racismo.</p>	<p>A luta dos africanos e de seus descendentes: as comunidades quilombolas</p>	<p>Continuação da aula anterior: Texto e atividades sobre a ancestralidade e identidade</p>	<p>Ficha de leitura sobre o livro <i>Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!</i>.</p> <p>Atividade: Construa uma nova capa para o livro.</p>
<p>As relações entre a obra <i>Humanae, Work in Progress</i>, de Angélica Dass, e a obra <i>Polvo Portraits</i>, de Adriana Varejão, a partir dos conceitos “igualdade racial”, “raça” e “etnia”.</p>	<p>Dá África para o Brasil: o Brasil e os afro-brasileiros</p>	<p>A herança cultural africana</p> <p>Roda de conversa: Como você percebe a influência da cultura africana na sua vida?</p>	<p>Contaçõ de história: <i>O pequeno príncipe preto</i>;</p> <p>- Caça palavras sobre o livro;</p>
<p>Identificar, diferenciar e desconstruir formas de racismo: Institucional, estrutural e recreativo.</p>	<p>Dá África para o Brasil: a mão de obra africana</p>	<p>Valorização das diferenças: Ser diferente é normal. Análise da letra da música “Ser diferente é normal”, de Gilberto Gil.</p>	<p><i>O pequeno príncipe preto</i> e a Baobá;</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=czVQF1jFXPo</p> <p>Hora da história: <i>A lenda do baobá</i>;</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=GrFxlJp7hgw</p> <p>História da árvore Baobá;</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=zYc7bjvzPOo</p>
<p>A música como elemento expressivo e de resistência. Apreciação da canção “BlackBird” do The Beatles, e <i>Ser diferente é normal</i>, do artista Gilberto Gil.</p>	<p>- O combate ao racismo</p>	<p>Texto no caderno: <i>Nossas diferenças são riquezas!</i></p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=vYTzbrlBcSg</p>	<p><i>Ubuntu: Um conto africano</i>, adaptado por Sílvia Moral e ilustrado por Cecilia Moreno;</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=vugUQNwYIn8&t=325s</p>
<p>A criação do mundo na perspectiva iorubá e seus orixás</p> <p><u>CRIACIONISMO IORUBÁ</u> (youtube.com) – versão adaptada pelo docente</p> <p><u>Hino aos Orixás com a pureza das crianças pela liberdade religiosa</u> (youtube.com)</p>	<p>Ausência do professor por motivos de saúde</p>	<p>Intolerância religiosa: é preciso falar para tentar derrotar!</p> <p>Cordel – tolerância religiosa (Bráulio Bessa)</p> <p><u>(68) Tolerância religiosa – Bráulio Bessa - YouTube</u></p> <p><u>A VIOLÊNCIA contra religiões AFRO - Canal Preto</u> (youtube.com)</p>	<p>Estudo e análise do cordel <i>Respeite o meu axé, que eu respeito o seu amém</i> (Bodão Ferreira)</p>

ARTE	HISTÓRIA	ENSINO RELIGIOSO	ALE
<p>A temática étnico-racial: escrevendo histórias e resgatando memórias</p> <p>Início da confecção dos livros e do jogo da memória (uma construção conjunta de alunos e professores)</p>	<p>A temática étnico-racial: escrevendo histórias e resgatando memórias</p> <p>Confecção dos livros e jogo da memória</p>	<p>A temática étnico-racial: escrevendo histórias e resgatando memórias</p> <p>Confecção dos livros e jogo da memória</p>	<p>A temática étnico-racial: escrevendo histórias e resgatando memórias</p> <p>Confecção dos livros e jogo da memória</p>
<p>Visita ao Museu Capixaba no Negro (Mucane).</p>	<p>Visita ao Museu Capixaba no Negro (Mucane).</p>	<p>Visita ao Museu Capixaba no Negro (Mucane).</p>	<p>Visita ao Museu Capixaba no Negro (Mucane).</p>

Fonte: Dados produzidos pelos professores envolvidos no projeto interdisciplinar (2023).

As reuniões e os estudos coletivos abriram horizontes e portas para se pensar uma educação do ponto de vista da reciprocidade e da aprendizagem mútua, da colaboração e do enriquecimento de ideias com vistas a avançar e melhorar nossas práticas docentes. No entanto, como mencionado anteriormente, tal exercício não é uma tarefa fácil no cenário que atuamos, então é de se valorizar essa tentativa do grupo. Junto dela, vivenciamos outras dificuldades que exigiram esforços e continuidade da parceria empregada até então, principalmente no momento das intervenções e dos replanejamentos.

Para se pensar o todo, juntando as partes (disciplinas), de modo que se encaixassem e formassem os objetivos traçados, demandou-se um engajamento que alguns não conseguiram seguir igualmente para alcançá-los. Assim, transversalizar as ações docentes para enxergar o todo foi um desafio maior a ser superado. Pensamos a interdisciplinaridade no âmbito abstrato, acreditando que as intervenções dariam conta de concretizá-la, porém recaímos na disciplinaridade sem perceber.

Como dar conta de tal empreitada num contexto cuja direção vai no sentido oposto das práticas coletivas, das junções de aulas, da transversalidade do ensino e da integração entre disciplinas? Isso tornou os momentos das intervenções outro grande obstáculo a ser encarado, uma vez que incorremos no erro de manter a segregação e a compartimentalização das disciplinas, ainda que todas estivessem dialogando com

a temática étnico-racial. Os feudos disciplinares continuavam a existir, o quebra-cabeça ainda estava com as partes desencaixadas.

“Quebrar a cabeça”, movimentar as peças e tentar várias vezes até que haja o encaixe adequado, são tarefas diante das quais a interdisciplinaridade nos colocou durante as intervenções, todavia nem todos manifestaram vontade e interesse de mudar, considerando que o grupo deixou transparecer o desânimo e a falta de engajamento. Agora que o todo existiu no âmbito das ideias, ele poderia ser concretizado e as partes encaixadas, mesmo que o resultado fosse uma caricatura daquela abstração idealizada. Hooks (2017, p. 267) pode explicar esse desânimo e a falta de força para mudar, visto que

[...] pelo fato de nossas instituições educacionais investirem tanto no sistema de educação bancária, os professores são mais recompensados quando seu ensino não vai contra a corrente. A opção por nadar contra a corrente, por desafiar o *status quo*, muitas vezes tem consequências negativas.

Ainda assim, o desejo de transgredir permeia as ações e os envolvimento dos sujeitos escolares. A batalha é uma constante, ao menos para aqueles que insistem em lutar para alcançar uma educação como prática de liberdade, que preza o pensamento crítico e intercâmbio dialógico (Hooks, 2017). Essa vontade fez com que continuássemos tentando, incentivando e dando as mãos uns aos outros a fim de prosseguir. Seguimos adiante, com limitações e entregas diferentes ao propósito, mas dispostos a nos enxergar como partes capazes de formar o todo e não deformá-lo. Afinal nos comprometemos em lutar por uma sociedade mais justa e antirracista e, para isso, nos dedicamos e procuramos fazer o melhor, aprendendo coletivamente, crescendo profissional, intelectual e moralmente, com erros e acertos, sem nunca deixar de tentar.

Depois de muito “quebrar a cabeça”, entendemos que a interdisciplinaridade se mostra nas reuniões, nas contribuições recíprocas, nos momentos de diálogos que abrem o olhar do outro e fazem enxergar com lentes diferentes. Compreendendo também que a interdisciplinaridade não permeou todas as intervenções, pois ora foram paralelas, ora transversais, ora disciplinares, ora interdisciplinares e, quem

sabe, até transdisciplinares²! Uma maneira de não se perder nesse caminho e desfazer os feudos disciplinares existentes foi ampliar e complexificar o espectro pedagógico das matérias de ensino, dando continuidade à prática docente do outro sem causar a ruptura na aprendizagem que o sinal e a troca de aula impõem. Isso não significa ignorar seu objeto de conhecimento, mas trazê-lo para a aula gradualmente, respeitando o processo de transição dos saberes, a fim de que seja mais contínuo do que fragmentado nas nossas práticas.

[...] Ah, o ritmo das aulas. Toca a campainha, é hora de pensar português. Toca a campainha, é hora de parar de pensar português e começar a pensar matemática. Toca a campainha, é hora de parar de pensar matemática e começar a pensar geografia. E assim por diante. O ritmo e a fragmentação das aulas estão em completo desacordo com tudo o que sabemos sobre o processo de pensamento. Não é possível dar ordens ao pensamento para que ele pare de pensar numa coisa numa certa hora e comece a pensar em outra (Alves, 2004, p. 55).

Eis então um desafio e tanto: pensemos no todo primeiro antes das partes, deixemos de separar, passemos a juntar. As partes só farão sentido quando relacionarem-se com a totalidade formando um todo significativo (Alves, 2004). Fica então a esperança de que a interdisciplinaridade seja uma via para que isso se concretize, já que ela busca uma reconexão ou religação com o todo, articulando-se com ele na sua complexidade e riqueza, em todas as suas implicações, pois o todo contém sempre algo mais que a soma das partes (Trindade, 2008, p.72).

² Coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral, destina-se a um sistema de nível e objetivos múltiplos — há coordenação com vista a uma finalidade comum dos sistemas (Jantsch *apud* Fazenda, 2011, p. 68).

7 AS “ÁFRICAS” NO BRASIL: O COMEÇO MARCADO POR LUTA E RESISTÊNCIA

A seção 7 e a seção 8 deste trabalho serão destinadas à análise e à discussão das intervenções pedagógicas realizadas na EEEFM Maria Penedo, que fizeram parte do projeto interdisciplinar *A África nas brasilidades*. Para uma melhor organização, a primeira parte versará sobre as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física e o processo dialógico dessa disciplina com as demais práticas das outras. Destaco que não haverá detalhamento e descrição de todas as aulas apresentadas no Quadro 7, pois vamos dar ênfase àquelas atividades que estabeleceram interação e troca mútua com as demais disciplinas, almejando alcançar a interdisciplinaridade. Apesar do esforço para atingir esse objetivo, recaímos no aspecto disciplinar nesse primeiro instante, pois todos os docentes trabalharam seus conteúdos paralelamente tendo como tema central as questões étnico-raciais. Ressalto que o produto desta dissertação apresenta mais detalhadamente as intervenções no campo da Educação Física, norteadas pelos jogos e pelas brincadeiras africanas e pelo tema o racismo nos esportes.

Já a seção 8 parte do momento em que a interdisciplinaridade assumiu o protagonismo nas nossas ações, mostrando-se como uma via próspera, abrindo horizontes para práticas direcionadas a uma educação antirracista. Penso que nesta segunda análise, após os replanejamentos e as mudanças propostas nos encontros, as disciplinas conseguiram transversalizar, conversar e interagir mais diante das trocas, dos embates e das reflexões coletivas. Desse modo, discorreremos sobre as atividades realizadas pelos docentes, em que houve continuidade das aulas. Reitero, portanto, que todas essas ações tiveram como alicerce uma educação antirracista, obstinada a lutar contra toda e qualquer forma de racismo.

A primeira intervenção de Educação Física no âmbito interdisciplinar promoveu uma ponte com o conteúdo que os alunos já estavam estudando na disciplina de História, a saber, “o período colonial” e o “regime escravocrata”. O professor dessa disciplina recomendou pensarmos nesse processo de escravização, de luta e de resistência dos povos africanos que vieram para o nosso país forçadamente. Ele sugeriu iniciar os debates com os alunos a partir desse ponto. Além disso, houve um consenso do grupo

de que os alunos entenderiam melhor as questões étnico-raciais se, *a priori*, consolidassem a aprendizagem acerca do continente africano e a escravização do seu povo.

Isso posto, mencionei uma brincadeira que aprendi no meu curso de pós-graduação, que caminhava nessa direção, cujo objetivo era fugir do pegador e ter como campo de proteção uns círculos que desenhamos no chão. Tínhamos que escrever dentro dos desenhos nomes de países africanos, como também poderíamos salvar os colegas realizando algum movimento da capoeira. Foi então que meus colegas mencionaram que esses círculos poderiam representar os quilombos e os estudantes os nomeariam. Já o pegador era representado pela figura do capitão do mato. O movimento da capoeira — a expressão cultural do povo africano —, como símbolo da resistência e proteção, desempenhava o papel da luta contra essa captura.

A fim de complementar as ideias apresentadas e interagir com elas, a professora de ALE decidiu começar suas intervenções pela leitura do livro *Zumbi: o pequeno guerreiro*, pois agregava conhecimento a essa proposta inicial. Ensino Religioso, por sua vez, resolveu trabalhar os conceitos de raça e etnia contidos na cartilha *Igualdade racial na Serra* (Castro, 2016). Na sequência, o professor de Arte quis realizar um diagnóstico, sugerindo que os alunos elaborassem um autorretrato, tecendo uma crítica sobre o “lápiz cor de pele”, já que mais à frente tematizaria as obras de Angélica Dass e Adriana Varejão³.

Comecei a aula perguntando aos alunos o que sabiam sobre o continente africano e o processo de escravização que diversos povos desse território sofreram. Alguns mencionaram que estudaram sobre isso nas aulas de História, outros disseram que os escravos eram castigados, ficavam presos nas senzalas e viviam em condições horríveis. Nesse instante, um aluno se pronunciou: “*Não é certo dizer escravo, o professor ensinou que o correto é falar escravizado*”. Pontuei então que sua afirmação estava correta, já que os povos africanos não nasceram “escravos”, não escolheram essa condição; ao contrário, foram forçados a isso e escravizados pelos portugueses.

³ Angélica Dass é uma fotógrafa brasileira criadora de *Humanae work in progress*, uma coleção de retratos que revelam a diversidade de cores humanas, muito além da escala Pantone. Já Adriana Varejão é a artista plástica que criou uma série de pinturas intituladas *Polvo Portraits, fruto da pesquisa* que desenvolveu ao longo de mais de 15 anos acerca da representação das cores de pele dos brasileiros e da maneira ambivalente como se define raça no Brasil.

A discussão continuou com colocações a respeito do continente africano e percebi que as falas, por vezes, direcionavam-se ao continente como país, pois ainda não havia domínio e clareza a respeito do aspecto geográfico. A ideia de continente não pareceu algo fácil à compreensão deles.

Após esse momento inicial, projetei um mapa do continente africano a fim de que o conhecessem melhor. Nessa ocasião, uma aluna mostrou-se surpresa quando descobriu na aula de História que o Egito ficava na África e que era um país muito rico. Seus colegas concordaram e afirmaram que também ficaram perplexos em saber que na África não existia somente pobreza e miséria. Isso demonstra que a visão colonialista, eurocêntrica e midiática, apesar de continuar perpetuando suas ideologias no chão da escola, agora tem deparado com profissionais engajados (Hooks, 2017), dispostos a desmitificar e pensar criticamente a partir do decolonialismo. “Uma proposta descolonizada fabrica as condições para o diálogo entre culturas, convivência e partilha coletiva com o diferente, questionando a existência de culturas particulares autênticas” (Neira, 2011 *apud* Neira, 2019, p. 51).

Imagem 10 – Conhecendo o continente africano



Fonte: Acervo da autora (2023).

Mais adiante, fiz alguns questionamentos: os povos africanos vieram para cá sem resistir? Como resistiram? Que papel os quilombos tiveram nessa luta? Quais costumes e crenças trouxeram do seu lugar de origem?

*Muitos africanos morreram porque não queriam ser escravizados, morreram de doenças e maus tratos, lutaram para não ir e para proteger uns aos outros (Estudante C, 4 M01);
 Eles eram fortes e guerreiros (Estudante D, 4 M01);
 Eles sabiam mexer com a terra, com o plantio (Estudante E, 4º M01);
 Vi no filme que eles gostavam de dançar em roda, jogar capoeira (Estudante F, 4º M01);
 Os quilombos eram lugares onde se sentiam protegidos, livres da escravidão (Estudante G, 4º M01).*

Nas falas dos alunos, foi perceptível notar a bagagem de conhecimentos que trouxeram daquilo que aprenderam nas aulas de História, o que facilitou seu envolvimento e sua participação nas discussões que antecederam a vivência da brincadeira. Além disso, alguns estabeleceram relações com filmes a que assistiram acerca da temática, destacando a todo instante o sofrimento e a luta dos povos africanos contra a escravização. Enfatizaram ainda o papel dos quilombos a partir do livro que estavam lendo na disciplina ALE: *Zumbi o pequeno guerreiro*.

Foi então que apresentei e expliquei a brincadeira, propondo que voltassem no tempo e se imaginassem como escravizados, tentando lutar e resistir para escapar da crueldade e castigos sofridos. Na sequência, após dialogar com eles, fiz as seguintes indagações:

- Se fugirmos, para onde vamos?
- *Para os quilombos.*
- Então precisamos construir os quilombos, faremos isso desenhando círculos no chão do pátio, em seguida escolheremos um nome para eles.
- Estamos fugindo de quem?
- *Dos portugueses.*
- Os portugueses, os grandes fazendeiros, mandavam os capitães do mato caçarem os escravizados e castigá-los. Precisamos então de alunos para serem os capitães do mato [tive dificuldades de achar voluntários para função, certamente porque é uma figura que representa a maldade].
- Se eles capturarem algum de nós, o que faremos?
- Vamos fazer um movimento da capoeira (benção ou armada).

Com o cenário pronto, fomos à prática!

Imagem 11 – Os quilomboss



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 12 – Os quilombos



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 13 – Brincadeira Resistência



Fonte: Acervo da autora (2023).

Após a vivência da brincadeira, reuni os estudantes numa roda de conversa para refletirmos conjuntamente sobre os sentimentos e as percepções acerca da atividade proposta. Desse modo, lancei os seguintes questionamentos: o que sentiram ao fugir? Desespero, medo, pânico e tensão: essas foram algumas das respostas. “Vocês acham que os escravizados tiveram sensações semelhantes?”

Com eles foi muito pior, mais assustador porque era de verdade (Estudante D, 4º M02).

Aqui a gente ainda continuou vivendo depois de ser capturado, eles ou morriam ou apanhavam até não aguentar (Estudante E, 4º M02).

Eu nunca ia conseguir viver assim, é horrível! (Estudante H, 4º M02).

Podia ser só brincadeira, não queria que tivesse acontecido de verdade (Estudante J, 4º M02).

A indagação seguinte versou sobre o significado dos quilombos e a experiência de alcançá-los sem ser capturados. As falas evidenciaram sentimentos de alívio, alegria e preocupação na tentativa de salvar o colega. Mais uma vez, os estudantes trouxeram elementos do livro estudado nas aulas de ALE, fizeram colocações a respeito de Zumbi dos Palmares, sua coragem e determinação para lutar em prol da liberdade dos escravizados. Refletimos juntos sobre o medo e a vigília constante para evitar que os quilombos fossem atacados, pois esses territórios eram alvos passíveis de invasão e destruição a qualquer hora, exigindo, portanto, que a comunidade quilombola estivesse sempre alerta e preparada para guerrear.

Ao assumir uma perspectiva de Educação Física Cultural, compreendo ser necessário abordar práticas corporais que foram por muito tempo negligenciadas e ignoradas do cenário educacional (Neira, 2019). É o caso das brincadeiras e dos jogos de matriz africana, porém acho imprescindível contextualizá-las e entender os conhecimentos que os/as estudantes apresentam sobre a temática. Portanto, a atividade proposta objetivou trabalhar alguns saberes fundamentais que serviriam de base para os passos seguintes.

Ressalto que adotar essa perspectiva exigiu de mim adentrar um terreno desconhecido, pois tive que estudar e aprender sobre jogos e brincadeiras de matriz africana, fiz formações e cursos *online* para aperfeiçoar meu trabalho. Infelizmente na minha graduação não tive contato com disciplinas que tratavam do tema, ou seja, o problema da educação eurocêntrica atinge as universidades também, quiçá a formação inicial dos/as professores/as. Chamo atenção para a necessidade de discussões que critiquem a colonialidade do saber no ensino superior, com a finalidade de repensar e reavaliar suas grades curriculares visando à interculturalidade, que, segundo Oliveira e Candau (2010, p. 27),

[...] não é compreendida somente como um conceito ou termo novo para referir-se ao simples contato entre o ocidente e outras civilizações, mas como algo inserido numa configuração conceitual que propõe um giro epistêmico capaz de produzir novos conhecimentos e outra compreensão simbólica do mundo, sem perder de vista a colonialidade do poder, do saber e do ser. A interculturalidade concebida nessa perspectiva representa a construção de um novo espaço epistemológico que inclui os conhecimentos subalternizados e os ocidentais, numa relação tensa, crítica e mais igualitária.

Sabe-se que a lei por si só não prepara, nem capacita os docentes para ações decoloniais. Na escola onde atuo, praticamente 97% dos profissionais relataram não ter domínio e segurança para abordar os assuntos propostos na Lei nº 10.639/03, uma vez que não receberam nem na escolarização básica, nem no curso superior ensino voltado à temática étnico-racial. Comigo não foi diferente.

Os momentos de diálogo com os demais professores do projeto ajudaram e ampliaram minha visão acerca da história e cultura africana. Tive a grata sorte de conviver com profissionais que estavam estudando sobre isso em suas pesquisas e na pós-graduação, de modo que seus olhares melhoraram os meus olhares e juntos nos capacitamos para aperfeiçoar nossa prática docente. Esse intercâmbio e partilhas de saberes (Hooks, 2017) me auxiliaram muito nas intervenções.

Não quero que meus alunos apenas pratiquem uma brincadeira de matriz africana, quero antes de tudo que eles entendam o que é a palavra “africana”. Desse modo, não adianta aprender uma brincadeira de Moçambique sem conhecer minimamente que país é esse, que costumes e tradições permeiam a prática, porque o jogo é assim e o que representa dentro dessa cultura.

Para sair da ignorância devo buscar conhecimento acerca do que desejo ensinar. Não quero somente assistir a vídeos sobre jogos de matriz africana e aplicá-los aos meus estudantes, nós merecemos mais, almejamos mais. Se for para repetir e reproduzir a cultura, não necessitamos de professores/as. O saber ultrapassa a mera reprodução do que está posto (Saviani, 1999) e das regras a dominar. Podemos e devemos ir além. Minha intenção é caminhar na direção de uma educação engajada que exige um estado de abertura radical no processo de ensino aprendizagem, “[...] em que alunos e professores comemoram sua capacidade de pensar criticamente e se dedicar à práxis pedagógica” (Hooks, 2017, p. 267).

A dificuldade foi ainda maior na medida em que deveria ultrapassar o aspecto disciplinar, esforçar-me para dialogar e promover uma interação da Educação Física com os demais campos de saberes. Nesse instante, o medo invadiu meus pensamentos, fiquei temerosa de não conseguir alcançar tal objetivo. De acordo com Fazenda (2011, p.32),

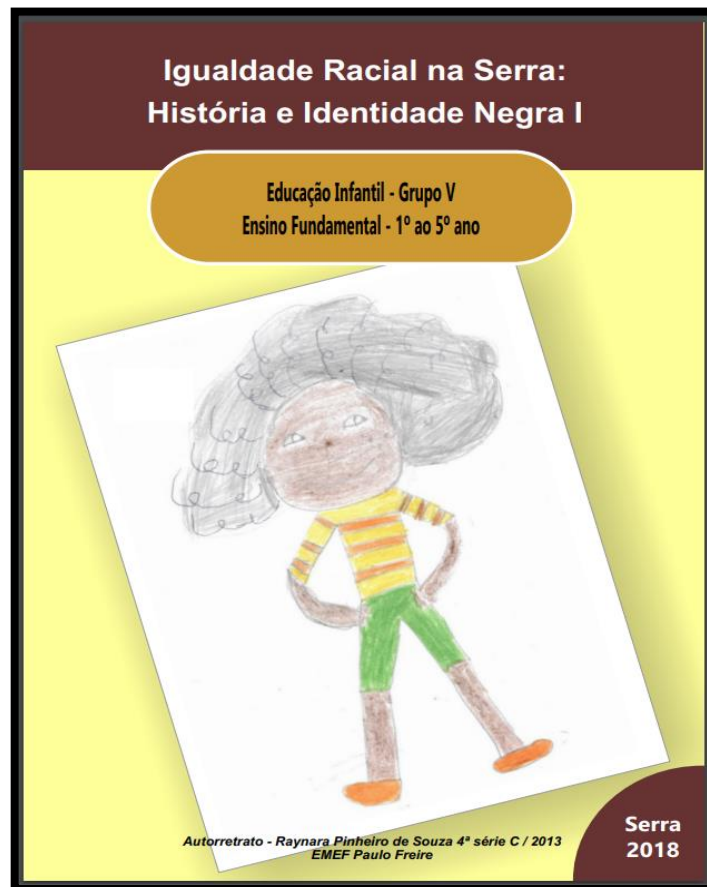
[...] a atitude interdisciplinar nos ajuda a viver o drama da incerteza e da insegurança. Possibilita-nos dar um passo no processo de libertação do mito do porto seguro. Sabemos quanto é doloroso descobrirmos os limites de nosso pensamento. Mas é preciso que o façamos.

Certamente o receio ocorreu porque ainda estou acostumada a pensar apenas na minha matéria de ensino, uma via mais fácil e menos tortuosa. Na escola, estamos habituados em nos mantermos presos aos nossos feudos disciplinares, pois transgredir essa lógica torna-se perigoso, doloroso e difícil (Hooks, 2017). É como se cada disciplina tivesse posse exclusiva de determinados conteúdos e ninguém mais pudesse tematizá-los. O fato de não possuir graduação em História, Geografia ou Matemática não significa que estou impedida e proibida de abordar certos temas dessas disciplinas em minhas aulas, desde que tenham relação e interajam com meu objeto de ensino, mas, é claro, isso exige responsabilidade, atenção e cautela. Portanto, torna-se imprescindível estudar, pesquisar, buscar conhecimentos e dialogar com meus colegas de profissão para podermos aprender e “desaprender” juntos, experimentar juntos, errar juntos, acertar juntos e nos realizar juntos.

Na sequência, ao estudar a cartilha da Prefeitura da Serra⁴ sobre igualdade racial nos apropriamos das propostas ali presentes, porque a consideramos um material rico que aborda diferentes conteúdos relacionados à temática étnico-racial, auxiliando nos planejamentos e nas intervenções pedagógicas das diferentes disciplinas.

⁴ Esta cartilha foi organizada pela coordenadora de estudos étnico-raciais da Prefeitura da Serra: Hiléia Araújo de Castro. Ela contou com a ampla participação dos professores da rede, responsáveis pela escrita e construção conjunta do material, que foi fruto de muita tensão e de uma vitória do Movimento Negro atuante na Secretaria de Educação da Serra.

Imagem 14 – Cartilha desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação da Serra



Fonte: [Castro \(2016\)](#).

Um dos temas presentes nessa cartilha versa sobre uma brincadeira chamada Guerreiros Nagô, popularmente conhecida como Escravos de Jó. Achei interessante e pertinente discutir a prática com os alunos; assim como nós, muitos a conheciam com outro nome. Numa conversa inicial, perguntei aos alunos o que sabiam sobre a brincadeira Escravos de Jó. Imediatamente eles mencionaram que se tratava de uma atividade onde todos cantavam uma música e faziam movimentos com uma pedrinha na roda, outros cantaram a canção, mas não compreendiam muito bem seu objetivo.

A partir dos relatos, decidi mostrar um vídeo sobre a brincadeira e em seguida chamei atenção para a letra da canção. Apresentei-lhes então a versão contida na cartilha sobre isso, observando seus olhares de espanto e surpresa diante de mais uma tentativa de suprimir as manifestações culturais de um povo através de punições e castigos. E mais: que foram amplamente difundidas e praticadas por nós até os dias atuais, sem sequer nos darmos conta disso. Desse modo, sugeri que os estudantes cantassem a cantiga, jogando uma bola para cada participante numa roda,

executando o que se pedia na canção e, ao final, deveriam correr para os quilombos tentando fugir do capataz. Assim, houve uma continuidade da aula anterior, só que, dessa vez, o objetivo era não ser atingido pela bola que o capitão do mato tentava arremessar contra eles. Se isso acontecesse, era necessário agachar-se e aguardar o colega salvá-lo com algum movimento da capoeira.

Imagem 15 – Assistindo ao vídeo sobre a brincadeira Guerreiros



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 16 – Vivência da brincadeira Guerreiros Nagô



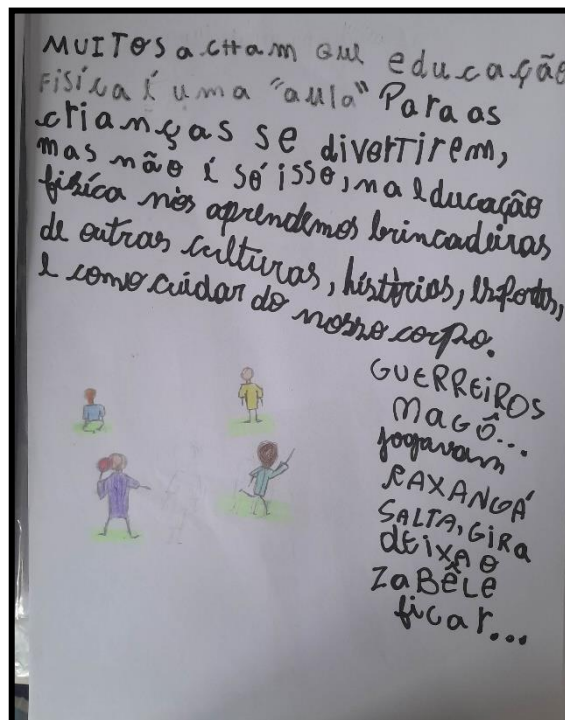
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 17 – Vivência da brincadeira Guerreiros Nagô



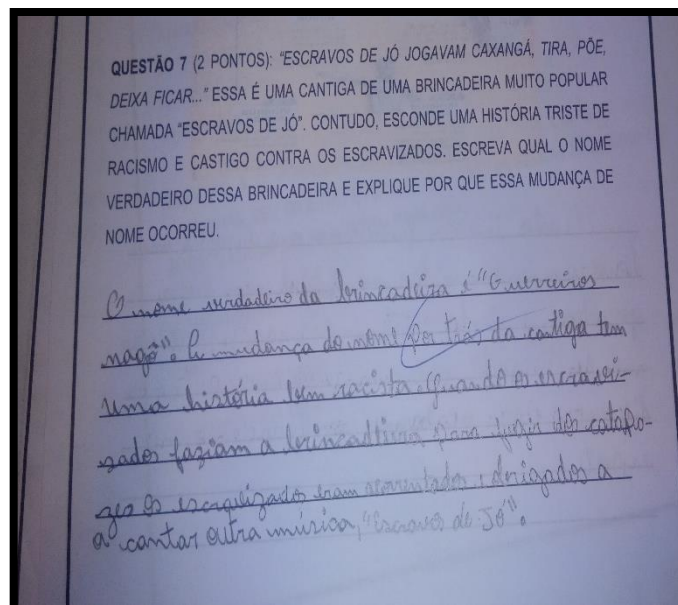
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 18 – Registro avaliativo: ilustração da brincadeira Guerreiros Nagô



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 19 – Questão discursiva sobre a brincadeira Guerreiros Nagô



Fonte: Acervo da autora (2023).

Posteriormente os alunos realizaram duas atividades avaliativas sobre a prática vivenciada: uma ilustração da brincadeira Guerreiros Nagô e um registro escrito apontando a relação dessa brincadeira com o racismo e o regime escravocrata. Esse foi um movimento importante para os estudantes refletirem e compreenderem como

ocorreu o processo de escravização no nosso país, a luta e a resistência do povo negro contra essa opressão. Além disso, contribuiu para entenderem melhor a influência da cultura africana nas brasilidades, através das experiências lúdicas experimentadas durante as aulas de Educação Física.

Considero que as primeiras intervenções pedagógicas do projeto trouxeram contribuições importantes para a aprendizagem e a reflexão acerca da resistência e da luta dos escravizados contra um regime cruel ao qual foram obrigados a sujeitar-se para conseguir sobreviver. Sabe-se que, apesar dos esforços para exterminar a cultura e história africana aqui no Brasil, seu povo resistiu e lutou incansavelmente para mantê-la viva. Os quilombos representaram um grande exemplo disso.

Para alcançar “pensamentos de fronteiras”, tornando possível outras formas de pensar, diferente da lógica eurocêntrica hegemônica (Oliveira; Candau, 2010), houve um esforço mútuo dos docentes envolvidos no projeto rumo a uma pedagogia decolonial, na tentativa de lançar um outro olhar para a história do Brasil construído a partir das africanidades. De acordo com Oliveira e Candau (2010, p. 24), “[...] a decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber”. Portanto, as práticas educacionais alinhadas com essa perspectiva precisam questionar, problematizar e ressignificar a história da África e dos afro-brasileiros, bem como de outros povos e culturas que sofreram com o apagamento e a inferiorização impostos pelo eurocentrismo, porque é prejudicial para uma sociedade não conhecer a história dos povos que a construíram (Ribeiro, 2019) e também daqueles que tentaram destruí-la.

7.1 POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA AFROCÊNTRICA⁵: AS AFRICANIDADES QUE EXISTEM EM NÓS

As aulas que se seguiram adentraram o universo das brincadeiras de matriz africana, visto que a Educação Física tem uma dívida com essa cultura que sempre foi invisibilizada, ignorada e desconsiderada por muitos de nós da área (Vago, 2022, p.

⁵ Termo utilizado por Tarcísio Mauro Vago no artigo científico intitulado *Uma polifonia da Educação Física para o dia que nascerá: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras*.

5). Essa foi a primeira vez que abordei o conteúdo e queria fazê-lo sem cair em exercício de mera reprodução do que era retratado nas mídias que pesquisei. Meu interesse era fazer uma imersão na cultura africana por intermédio dos seus jogos e suas brincadeiras. Confesso que tive dificuldades de encontrar materiais de estudo com tal proposta. Grande parte do acervo que acessei resumia-se à descrição e à explicação das regras somente. O pouco que consegui aprender nesse processo me mostrou que existem possibilidades ricas e diversificadas para transpassar as fronteiras culturais, apostando num ensino contra hegemônico e polifônico, que tem um vasto mundo para enxergar, vivenciar e acrescentar à nossa Educação Física (Vago, 2022). É tempo de centralizar as práticas corporais que sempre estiveram marginalizadas e esquecidas, ainda há muito o que conhecer e explorar, uma imensidão para desbravar. Que a Educação Física desate os nós e permita-se adentrar os territórios desconhecidos,

[...] porque todas as culturas dos povos que continuam inventando o Brasil importam. Porque todas as culturas latino-americanas importam. Porque todas as culturas do mundo interessam à Educação Física. Alargar fronteiras da Educação Física: do esquecimento cultural ao enriquecimento cultural – um posicionamento político e pedagógico promissor. Polifonia da Educação Física: todas as vozes de todos os corpos de todas as culturas (Vago, 2022, p. 21).

A fim de continuar estabelecendo uma ponte com o que os alunos estavam aprendendo na disciplina de História sobre a chegada dos africanos no Brasil e o regime escravocrata, planejei as aulas seguintes pensando em brincadeiras de países africanos que possuem uma forte ligação com o nosso país e influenciaram diretamente nossa forma de brincar. Esse estreitamento aconteceu justamente porque a maior parte dos escravizados que chegaram aqui vieram de países como Angola, Moçambique, Congo e Nigéria, trazendo suas marcas culturais.

Os primeiros jogos que ensinei são originários de Moçambique (Amarelinha africana, Matacuzana, Labirinto, Terra e mar). Assim como nas aulas anteriores, apresentei um pouco sobre a história desse país e pedi que os estudantes destacassem aquilo que acharam pertinente, bem como as semelhanças desse país com o Brasil. Eles perceberam que Moçambique foi um país colonizado pelos portugueses e permaneceu assim por mais de 400 anos. Também notaram que seu idioma oficial é o português, possui uma ampla extensão de praias, onde seus habitantes vivem principalmente da pesca e da agricultura, além de ser um dos países mais pobres da

África. Chamei atenção para o fato de Moçambique ser rico em recursos minerais, o que pode explicar alguns jogos com pedras, como a Matacuzana. Vale salientar que essa foi uma das brincadeiras que ensinei aos estudantes, por esse motivo destaquei a questão dos recursos minerais existentes no país. Impossível não lhes indagar a respeito da contradição nesse fato: como um país rico em recurso minerais pode estar entre os mais pobres do mundo? Além da Matacuzana, os estudantes também tiveram a oportunidade de conhecer e praticar outras brincadeiras de Moçambique: Amarelinha africana, Labirinto e Terra e mar.

Imagem 20 – Brincadeira Labirinto



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 21– Brincadeira Matacuzana



Fonte: Acervo da autora (2023).

Na primeira aula, expliquei e apresentei a brincadeira Amarelinha africana, uma prática que explora movimentos ritmados ao som de uma canção. Fiquei surpresa com a adesão e a participação de todos os meninos na atividade proposta, pois imaginei enfrentar resistências e preconceitos relacionados às questões de gênero, tratando-se de uma dinâmica que envolve dança. Ao contrário, todos receberam muito bem a brincadeira e praticaram sem manifestar qualquer incômodo. Outro ponto que chamou minha atenção foi que a maioria das alunas conheciam a amarelinha africana através de *youtubers*, mas desconheciam sua origem, já que isso não era tematizado nos vídeos a que assistiram. Curioso ainda notar que elas acreditavam ser uma brincadeira criada pelos próprios *youtubers*.

Imagem 22 – Vivência da brincadeira Amarelinha africana



Fonte: Acervo da autora (2023).

Após a vivência, perguntei se a Amarelinha que jogamos aqui poderia ter alguma ligação com a brincadeira de origem africana, a maioria concordou que sim. Então, a partir disso, fiz algumas colocações sobre a cultura afro-brasileira e que o jogo da Amarelinha africana possivelmente é uma herança deixada pelos escravizados e seus descendentes que viveram aqui. Prossegui explicando que essa brincadeira sofreu mudanças e adaptações no decorrer dos anos, até chegar na Amarelinha praticada e conhecida atualmente por nós, sendo esse o motivo que a torna parte integrante da cultura afro-brasileira, pois existe nela uma intensa relação e influência do jogo de origem moçambicana.

Outro jogo de matriz africana que ensinei foi a Mancala. Pensei na proposta porque os estudantes trouxeram nas aulas anteriores suas visões acerca de um país da África, o Egito. Percebi bastante entusiasmo nas falas, no quanto estavam alegres por conhecer um pouco da história desse país, relatando as curiosidades que viram na outra disciplina. A Mancala é um jogo inventado pelos egípcios e é possível notar diversos elementos culturais desse povo à medida que conhecemos as regras, a história e vivenciamos o jogo. Inicialmente os alunos assistiram a um vídeo explicativo sobre a Mancala, mostrando brevemente cenários e curiosidades do Egito. Logo depois, fizemos uma roda de conversa para discutir os sentidos e os significados dessa prática para os egípcios, suas semelhanças com outros jogos e as possibilidades de experimentá-lo durante as aulas.

Imagem 23 – Estudantes do 4ºM02 assistindo ao vídeo sobre Mancala



Fonte: Acervo da autora (2023).

Por ser um jogo que possui algumas variações, com regras mais complexas para a faixa etária dos alunos, decidi simplificar, adaptar e não seguir todas as orientações estabelecidas no vídeo. Foi um processo trabalhoso, que demandou mais tempo do que previa. Nessas aulas contei com a ajuda do professor de Arte, que auxiliou e orientou os alunos durante a confecção dos tabuleiros. Ele conseguiu dar continuidade àquilo que eu tinha iniciado. Essa parceria foi bem produtiva, os alunos gostaram da dinâmica que propusemos. Além disso, a professora de Matemática, embora não estivesse participando do projeto, demonstrou interesse em ajudar, consegui trocar ideias com ela e ensinar-lhe o jogo. Desse modo, os alunos puderam experimentar e aprender melhor as regras da Mancala nas aulas de Matemática também. Tive devolutivas promissoras por parte dos estudantes e de seus pais, que elogiaram o trabalho, puderam conhecer o jogo e brincar com seus filhos, demonstrando alegria em participar e ajudar nesse processo.

Imagem 24 – Tabuleiro do jogo Mancala confeccionado pelos alunos



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 25 – Tabuleiro do jogo Mancala confeccionado pelos alunos



Fonte: Acervo da autora (2023).

As experiências proporcionadas pelos jogos de matriz africana contribuíram para aprendermos sobre uma nova cultura e como ela se comunica com a nossa. É interessante ainda ver como pode ser expressa através do brincar, quantos elementos e riquezas carregam do seu povo. Conhecer, vivenciar e adentrar o universo dos jogos e das brincadeiras africanas trouxe visibilidade para a cultura negra, tão marginalizada e negligenciada, que a sociedade finge não ver e, muitas vezes, desconsidera até sua existência (Neira, 2023). Tal abordagem “[...] contribui para os nossos estudantes acessarem outros saberes, valorizando outras belezas e repertórios culturais, ampliando e aprofundando os seus conhecimentos” (Cruz, 2023, p. 41,). Na medida em que tematizamos e trazemos à tona os conhecimentos advindos dessa cultura deixamos desabrochar e florescer as africanidades que existem em cada um de nós, que se manifestam diariamente no lúdico, no viver, no dançar e nas mais variadas formas de ser. Nesse sentido, de acordo com Souza (2023, p. 85),

[...] é preciso olhar para a beleza do patrimônio africano para que possamos admirar e, efetivamente, valorizar nossa ancestralidade em todo âmbito social, inclusive reconhecendo a possibilidade desta valorização emergir das aulas de Educação Física.

Portanto, a Educação Física pode e deve exercer esse potencial multicultural que lhe cabe através da cultura corporal, pois existe uma imensidão de brincadeiras, jogos, esportes, danças, lutas a serem conhecidas, vivenciadas, reconstruídas e ressignificadas. Sendo assim, é necessário querer conhecê-las, estudá-las e trazê-las

para as aulas, expandindo o nosso leque de atuação docente, rumo a uma Educação Física polifônica⁶ e antirracista.

⁶ “Uma Educação Física polifônica é aquela que busca contemplar em seu ensino todas as vozes de todos os corpos culturais. [...] rompendo e alargando fronteiras para abrir-se ao aprendizado dessas tantas culturas, deixando-se educar por elas, para então superar as perdas e os empobrecimentos que sua ausência nos programas impôs ao ensino que foi oferecido aos estudantes na escola” (Vago, 2022, p. 5-6)

8 OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DA INTERDISCIPLINARIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

[...] O mundo sim, é estranho, com tanta diversidade
 Ainda não aprendeu a viver em igualdade.
 Entender que nós estamos percorrendo a mesma estrada.
 Pretos, brancos, coloridos
 Em uma só caminhada
 Não carece divisão por raça, religião
 Nem por sotaque, oxente! (Bessa, 2021, p. 112)

O grupo de docentes envolvidos no projeto interdisciplinar fez uma análise mais geral sobre as intervenções iniciais a fim de avaliar o andamento da proposta e replanejar as ações seguintes. Uma primeira crítica apresentada foi a continuidade da segmentação das aulas, trabalhando-se a temática de forma isolada, sem transversalizar e dar foco à interdisciplinaridade. Surgiram então as seguintes indagações: quais mudanças são necessárias para alcançarmos o objetivo interdisciplinar de fato? Como é possível entrecruzar nossas práticas docentes e sair dos feudos disciplinares?

Tornou-se importante lembrar a interdisciplinaridade que almejamos inicialmente na construção do projeto, haja vista que esta terminologia possui diferentes sentidos e significados na literatura. Segundo Fazenda (2011, p.73) a interdisciplinaridade acontece através da “[...] colaboração existente entre disciplinas diversas [...], caracterizando-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando a um enriquecimento mútuo”. Para alcançá-la é necessário interação, eliminação das barreiras disciplinares e pessoais, engajamento, diálogo e compartilhamento de ideias. Embora houvesse um comprometimento do grupo com essas questões, percebemos que o fato de pautarmos nosso ensino sob uma mesma temática, não necessariamente nos fez atingir uma pedagogia interdisciplinar. O estava faltando? Convergir, deixar de lado as práticas disciplinares paralelas, “[...] vencer os limites impostos pelo conhecimento fragmentado e tornar essas fronteiras disciplinares territórios propícios para os encontros” (Trindade, 2008, p. 79).

O cenário para mudança da divergência para convergência e dos desencontros para os encontros centralizou-se na abordagem sobre o racismo, uma vez que todos planejamos aulas onde o assunto aparecia como elemento norteador das nossas

práticas. Eu apresentei para o grupo o livro de Djamila Ribeiro, intitulado: *Pequeno manual antirracista*, li alguns fragmentos para refletirmos coletivamente sobre a questão.

Chegamos assim, a seguinte pergunta: o que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista? O autoquestionamento – fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do que parece ‘natural’ – é a primeira medida para evitar esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros (Ribeiro, 2019, p. 22).

A luz de que precisávamos estava ali, a luta antirracista seria o eixo fundamentador das nossas ações a partir daquele momento, deixamos o monólogo de lado para falarmos uma mesma língua. Ao contrário do que muitos pensam, o racismo não é assunto passado, superado e conhecido na sua totalidade, sem contar que as notícias vistas diariamente provavelmente representam uma parcela bem pequena dos casos de racismo existentes. Por outro lado, sabemos que a escola também reflete e reproduz o que acontece fora dela, já que faz parte da sociedade, logo não está isenta de práticas racistas e preconceituosas. Diante disso, eu e meus colegas percebemos uma grande possibilidade de alcançar a interdisciplinaridade seguindo por esse caminho, além de assumirmos nosso papel social e político frente a uma questão tão séria que precisa urgentemente ser discutida no chão da escola, com a finalidade de “[...] desconstruir o mito da democracia racial; adotar estratégias pedagógicas de valorização da diferença; reforçar a luta antirracista e questionar as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos [...]” (Oliveira; Candau, 2010, p. 32).

Dada a relevância do assunto que gostaríamos de trazer para as aulas, o professor de Arte explicou brevemente os tipos de racismo e pontuou que o grupo precisava entender e ter clareza sobre isso. Ressaltou mais uma vez a necessidade de estudarmos para sairmos do senso comum e do conhecimento raso acerca da temática. Propusemos ao grupo a leitura em conjunto do *Pequeno manual antirracista* como uma ferramenta capaz de ampliar nosso aprendizado sobre o racismo e auxiliar nos planejamentos comuns para darmos prosseguimento ao projeto, pois acreditamos ser imprescindível conhecer, identificar e diferenciar os tipos de racismo existentes tentando encontrar meios eficazes de combatê-lo. O exercício da leitura em grupo foi um rico momento de formação, que expandiu nossa visão e proporcionou reflexões que, sem dúvida, colaboraram para melhoria das nossas práticas docentes.

Uma vez findada a etapa da leitura, tínhamos que desenvolver estratégias através das nossas aulas para combater e superar o racismo existente na sociedade brasileira, bem como possibilitar a desconstrução dos padrões eurocêntricos difundidos na sociedade e na educação que reforçam os estereótipos negativos em relação à cultura negra, promovendo discussões, debates, rodas de conversa sobre o tema, priorizando a reflexão e a análise crítica dessas questões. Por fim, objetivamos promover um ensino inclusivo que abrace as diversidades existentes na escola, contribuindo para a conscientização, o respeito e o acolhimento das diferentes formas de ser e vivenciar o mundo.

Esse exercício colocou “o disciplinar” em segundo plano, já que nossa preocupação central estava nos objetivos a alcançar e na articulação e colaboração a ser feita para concretizá-los. Paramos de pensar no que cada disciplina executaria dentro da temática, para pensar no que todos juntos faríamos em prol da luta antirracista. As aulas, muitas vezes, tornaram-se continuidade uma da outra e, com isso, a ruptura do saber ficou cada vez menos evidente. Nesse sentido, segundo Fazenda (2011, p.88) “[...]o ensino interdisciplinar nasce da proposição de novos objetivos, novos métodos, enfim de uma ‘nova Pedagogia’, cuja tônica primeira seria a supressão do monólogo e a instauração de uma prática dialógica”.

Os trabalhos de algumas disciplinas se entrecruzaram durante as abordagens sobre o racismo, através de conceituações, atividades, contação de histórias, redações e apreciação de vídeos relacionados ao tema. No que tange à disciplina de Educação Física, os estudantes compartilharam os recentes episódios racistas cometidos contra o jogador Vinicius Junior, após o realizamos debates e assistimos a algumas reportagens que tratavam do assunto.

Imagem 26 – Assistindo à reportagem sobre os ataques racistas contra o jogador Vinicius Junior



Fonte: Acervo da autora (2024).

Imagem 27 – Assistindo à reportagem sobre os ataques racista contra o jogador Vinicius Junior



Fonte: Acervo da autora (2024).

Além disso, apresentei aos alunos um protesto que os atletas americanos Tommie Smith e John Carlos fizeram contra a desigualdade racial, nas Olimpíadas de 1968. Apresentei para o debate o momento histórico vivido na época, enfatizando a questão da segregação racial. Os alunos relataram que viam o gesto da mão fechada estendida em *outdoors*, propagandas e na televisão, mas não sabiam o significado; disseram que a aula lhes proporcionou mais esse aprendizado. Um estudante do 4º ano 1 mostrou-se indignado com a situação: *“Não foi nada certo eles serem expulsos porque lutaram contra o racismo.”* Ao passo que outro concordou: *“Verdade, eles só queriam lutar pela paz e uma vida melhor para os negros, sem racismo e separação entre negros e brancos”* (Estudante B, 4º MO3).

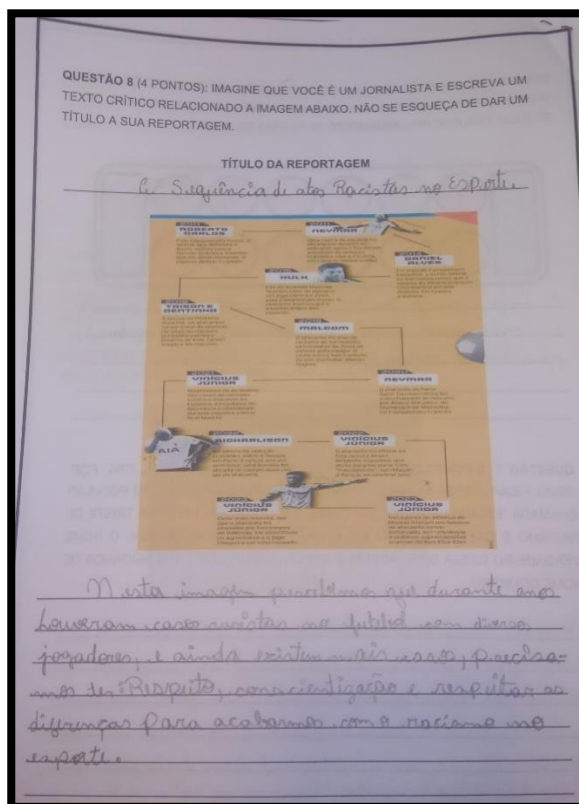
As aulas que versaram sobre os acontecimentos racistas no futebol, principalmente os ataques a Vinicius Junior na Espanha, contaram com a ampla participação dos estudantes, muitos quiseram falar e opinar sobre isso. Um aluno relatou que onde ele treina futebol tem um colega “escurinho” que joga muito bem e já ouviu pessoas o chamando de macaco. Nesse instante, o interrompi e questionei por que falou “escurinho” e não negro, ele respondeu: *“porque falar negro parece pior, mais estranho”*. Aproveitei para perguntar quais alunos da sala concordavam, uns retrucaram dizendo que usam termos como moreninho ou moreno escuro para se referirem às pessoas negras, outro mencionou que seu pai disse que é mais bonito falar mulata do que preta, já que chamar de preto é racismo. Diante dos equívocos

apresentados, resolvi mostrar vídeos sobre expressões e frases racistas presentes no nosso vocabulário, para alertá-los, orientá-los, sensibilizá-los e incentivá-los a combater o racismo estrutural.

[...] Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo. Não tenha medo das palavras 'branco', 'negro', 'racismo', 'racista'. Dizer que uma atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seus sentidos e implicações. A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos — mais grave é não reconhecer e não combater a opressão (Ribeiro, 2019, p. 21-22).

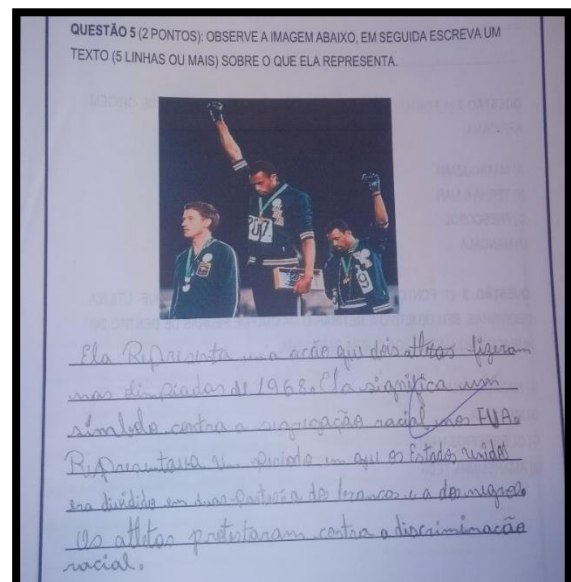
Após os debates acerca do protesto realizado nas Olimpíadas de 1968 e dos casos de racismo contra o jogador Vinicius Junior, elaborei um questionário avaliativo para os estudantes anotarem suas opiniões e compreensões sobre o racismo nos esportes, traçando estratégias para combatê-lo e superá-lo. Solicitei ainda que fizessem uma pesquisa sobre o racismo nos esportes, a ser realizada em casa com a família e registrada em cartazes.

Imagem 28 – Questionário avaliativo sobre racismo nos esportes



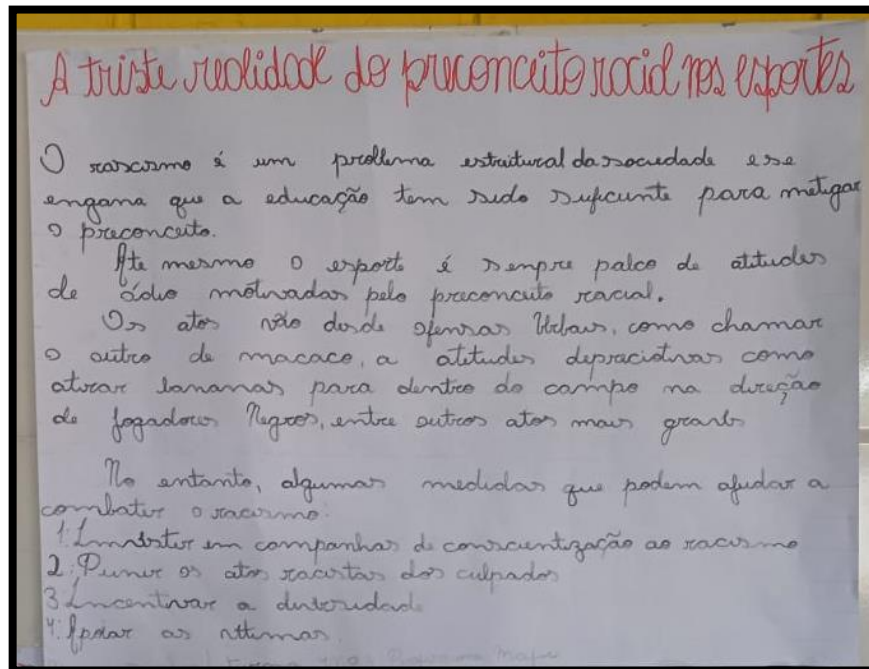
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 29 – Questionário avaliativo sobre racismo nos esportes



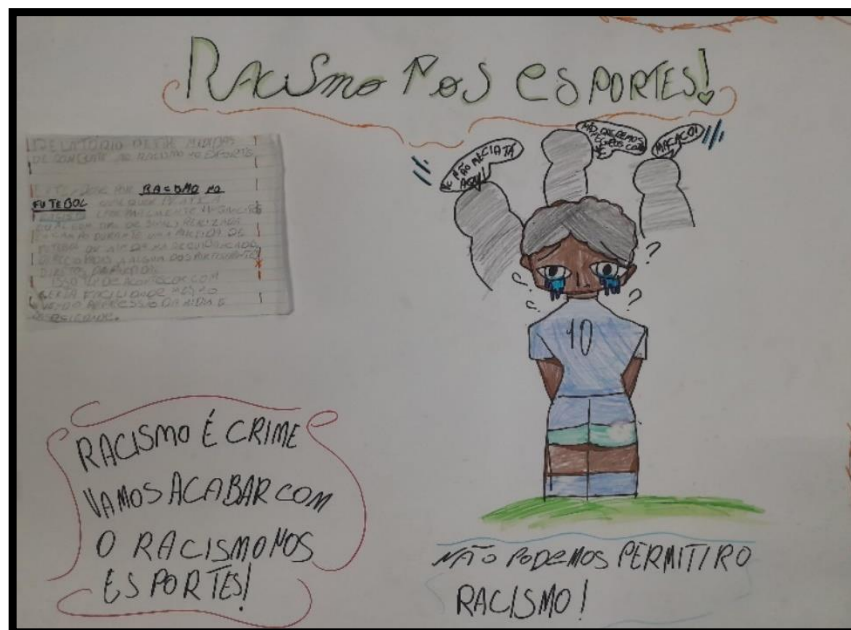
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 30 – Trabalho de Educação Física sobre racismo nos esportes



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 31 – Trabalho de Educação Física sobre racismo nos esportes



Fonte: Acervo da autora (2023).

Esse foi um importante momento para resgatar e retomar aquilo que aprenderam nas outras disciplinas, pois as atividades e debates estabeleceram diversas pontes com os temas trabalhados nestas aulas. O professor de Arte, por exemplo, fez um teste de imagens em que a maioria dos estudantes observou cenas com negros e imediatamente respondeu algo negativo relacionado a elas; já quando viam pessoas

brancas fazendo a mesma coisa mencionavam algo bom. *“Isso é racismo! Um monte de gente aqui da sala também fez isso e nem percebeu”* (Estudante E, 4º M01). Outro aluno contou a história do seu pai, que é negro e sempre sofre racismo: *“Meus colegas lá do condomínio ‘brincam’ dizendo que se apagar a luz não dá para enxergar meu pai, tem que mandá-lo sorrir para descobrir onde está* (Estudante C, 4º M01). Além disso, ele também relatou que o pai já foi abordado por policiais só por ser negro.

Imagem 32 – Teste de imagem (o que você vê?): atividade de disciplina de Arte



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 33 – Teste de imagem (o que você vê?): atividade de disciplina de Arte



Fonte: Acervo da autora (2023).

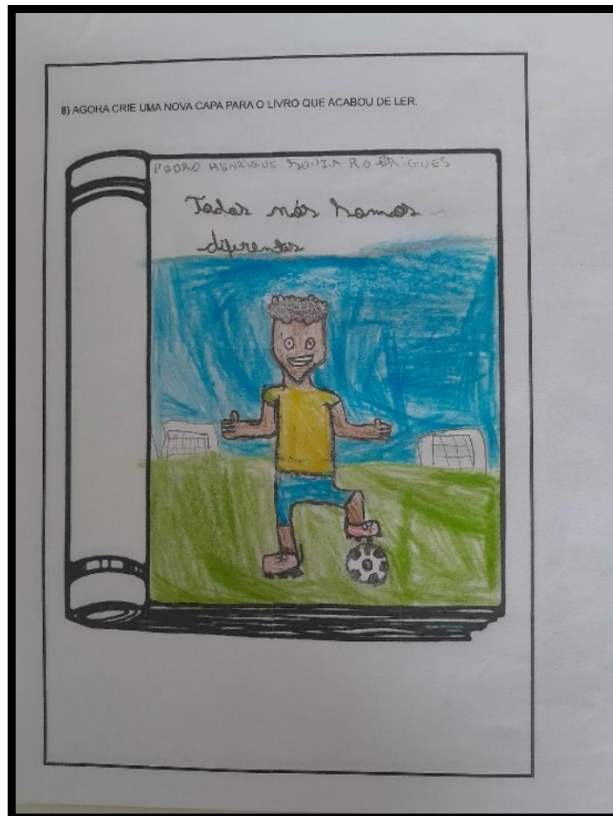
Lembraram ainda a aula de ALE quando leram o livro *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!*, que tematizava a importância de valorizar e respeitar as diferenças. A personagem do livro é negra e sua família é de Luanda, capital de Angola. Uma estudante se identificou com a protagonista da história e relatou ter sofrido preconceito por causa do seu cabelo, quando uma tia se referiu a ele como “sarará”: *“Apenas me dei conta que sofri racismo depois que assisti às aulas sobre isso”*. Foi então que sua colega mencionou uma frase escrita num muro: *“Meu cabelo não é feio, feio é o seu preconceito!”*, completou dizendo que ela deveria responder assim, caso fosse insultada novamente. O livro trabalhado na aula de ALE dá visibilidade às pessoas negras, quebra estereótipos à medida que rompe a visão de que só pessoas brancas são bonitas, prestigiando, reconhecendo a beleza do cabelo natural e as características típicas do povo negro, criando para ele uma nova consciência (Ribeiro, 2019).

Imagem 34 – Releitura da capa do livro *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!*: atividade de ALE



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 35 – Releitura da capa do livro *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!*: atividade de ALE



Fonte: Acervo da autora (2023).

Já a disciplina de Ensino Religioso exibiu um vídeo desenvolvido pelo programa Criança Esperança, numa campanha de conscientização contra o racismo. Em seguida, a docente promoveu um diálogo com os alunos a respeito do que viram e pediu para redigirem uma redação sobre o racismo. Um estudante relembrou esse momento durante a minha aula e fez uma colocação interessante:

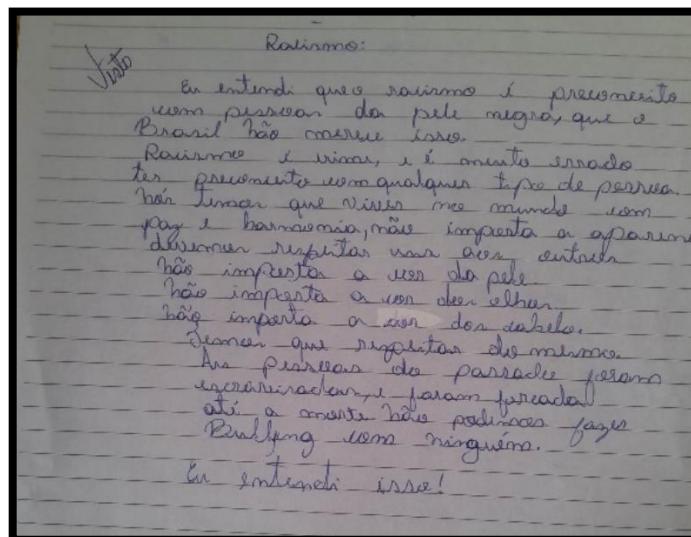
A professora de Ensino Religioso disse que o mais difícil é mudar a cabeça das pessoas racistas, e é verdade, porque as punições, apesar de serem importantes, não estão sendo suficientes para acabar com o racismo - olha o caso do Vini Jr- por exemplo. Se não houver uma mudança na forma de pensar e tratar as pessoas, tentando respeitar e não discriminar, isso sempre vai existir no mundo, sendo que o certo é acabar de vez! (Estudante D, 4º M03, Diário de campo)

Imagem 36 – Vídeo sobre o racismo



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 37 – Redação acerca do que entenderam



Fonte Acervo da autora (2023).

O próximo passo foi apresentar aos alunos uma dinâmica chamada Corrida do privilégio, em que era preciso delimitar uma linha de partida e outras linhas à frente até a demarcação do ponto de chegada. Todos deveriam ouvir instruções relacionadas ao racismo e movimentar-se para frente ou para trás, de acordo com a orientação. Os comandos da atividade foram: *dê um passo para frente se você nunca sofreu preconceito por causa da sua cor de pele; dê um passo para frente se você nunca teve problemas para conseguir amigos ou ser aceito num grupo por causa da cor da sua pele ou do seu tipo de cabelo; se você nunca desejou ter outra cor de pele ou cabelo dê um passo para frente; se nenhum parente seu nunca foi seguido ou abordado por algum policial e segurança somente pelo fato de ser negro dê um passo para frente; se você já ouviu piadas relacionadas a sua cor de pele ou seu tipo de cabelo dê um passo para trás; ande um passo para frente se você nunca sofreu preconceito por causa da sua religião ou por não ter religião; dê um passo para frente se você nunca presenciou nenhum tipo de racismo nos ambientes que frequenta.*

Imagem 38 – Corrida do privilégio



Fonte: Acervo da autora (2023).

Na sequência, questionei por que alguns alunos conseguiram alcançar a linha de chegada primeiro que outros, imediatamente responderam que era por causa do racismo e do preconceito. Notaram que muitos ali já sofreram com a discriminação racial, o que provocou sentimentos de tristeza, surpresa e comoção. Uma aluna ficou abalada e chorou ao fim da dinâmica, de modo que precisei intervir e solicitar que tentasse se acalmar, pedindo que uma amiga a acompanhasse até o pátio. Os demais estudantes mostraram-se solidários diante do acontecido, aproveitei a situação para discutir suas percepções acerca daquilo. Um dos alunos disse que achou muito triste

ver o sofrimento de seus colegas, que o racismo era algo muito sério e perigoso. “*A gente estudando todos os dias sobre preconceito, racismo e nem percebemos direito que isso acontece conosco e com quem está do nosso lado*” (Estudante A, 4º M03, Diário de campo). Acrescentei que nós também temos atitudes racistas muitas vezes sem nos darmos conta disso, que é preciso ficarmos atentos a nossas falas e ações. Quando a aluna retornou para aula, perguntei se ela gostaria de manifestar o que sentiu, ela então fez um relato emocionado dizendo que a atividade trouxe lembranças muito ruins que aconteceram na vida dela por causa do racismo, como no dia que foi agredida por uma criança na educação infantil por causa da sua cor de pele. Encerrou com a seguinte frase: “*o que senti não dá para explicar só falando*” (Estudante H, 4º M03, Diário de campo).

Isso indica que a estratégia adotada na aula possibilitou experimentar corporalmente o racismo, algo doloroso, difícil, mas necessário. Exercer a empatia causou incômodo, inquietude, raiva, melancolia, sofrimento e mudou algumas maneiras de pensar e agir diante do racismo. Confesso que me questioneei diversas vezes se realmente deveria ter realizado a dinâmica, porque fui tomada pela preocupação de gerar traumas e conflitos psicológicos danosos aos estudantes. Por outro lado, me perguntei: será que deixar as feridas raciais adormecidas e esquecidas é o melhor caminho? Será que não falar sobre o racismo e suas consequências desastrosas vai contribuir para erradicar esse problema? Será que somente as palavras dão conta de explicar um fenômeno tão complexo como o racismo? E mais: será que todos vão compreender o racismo da mesma maneira? Será que eu, não sendo negra, posso ensinar e debater com meus alunos acerca do racismo tal qual uma professora negra faria? Quando lidamos com um tema tão sensível, existem receios, medos e inseguranças constantes, pois um erro metodológico ou conceitual pode provocar ruínas e problemas difíceis de serem solucionados.

Além disso, me vi ocupando o lugar de uma professora chata, insistente, repetitiva, aquela que incomoda, porém que não desiste de assumir e levantar a bandeira antirracista, mesmo não sendo negra e não experimentando na pele a injustiça e a injúria racial, mesmo com todos os obstáculos hegemônicos colocados pela branquitude, frequentemente contaminada pelo conservadorismo e elitismo religioso. Ainda não sou capaz de afirmar se minhas práticas são de fato antirracistas e

tampouco tenho respostas às minhas indagações, contudo pretendo seguir obstinada em lutar por uma educação multicultural, contra-hegemônica e decolonial porque acredito no seu potencial transformador, libertador e conscientizador.

Cabe ressaltar que essa aula foi uma via provocativa para pensar e refletir sobre os privilégios que acompanham a branquitude a fim de que não sejam naturalizados e considerados pelo viés meritocrático (Ribeiro, 2019). Assim, mesmo num cenário ideal, em que os indivíduos saem do mesmo local, o racismo, a desigualdade social e outras manifestações de preconceito tornam-se grandes obstáculos para que todos atravessem a linha de chegada no mesmo grau de paridade. Destaca-se ainda que os negros escravizados, mesmo após a abolição, nunca conseguiram sequer estar no mesmo patamar dos brancos, pois a sua cor de pele já os colocava num lugar de inferioridade, com menos direitos.

Infelizmente, numa sociedade racista, o branco sempre vai estar à frente do negro apenas por ser branco. Logo, devemos compreender que lugar ocupamos nesse país de privilégios, pois “[...] perceber-se é algo transformador. É o que permite situar nossos privilégios e nossas responsabilidades diante de injustiças contra grupos sociais vulneráveis” (Ribeiro, 2019. p. 32-33). A turma constatou, através da atividade proposta, que o racismo e outras formas de preconceito ainda estão muito presentes atualmente. Procurei reforçar que todos possuem um papel importante para combater e ter posicionamentos antirracistas, mirando uma sociedade mais justa e igualitária. Finalizei meu discurso enfatizando a importância deles ensinarem e difundirem os aprendizados conquistados durante o projeto, com o objetivo de conscientizar mais pessoas em prol dessa causa e quem sabe assim reduzir o mal provocado pelo racismo”.

Num movimento dialógico, os professores de Arte, Ensino Religioso, História e ALE também ampliaram as discussões, ensinando sobre o racismo e suas variações, evidenciando a influência da herança cultural africana na nossa história, nas nossas identidades e nos modos de vida. Realizaram-se análises das atitudes e falas cotidianas em que o racismo está presente, sendo muitas vezes naturalizado no meio em que vivemos, desvelando assim ações discriminatórias e intolerantes. Houve ainda momentos que exploramos a importância do respeito às diversidades (étnicas, raciais,

religiosas, de gênero), da busca por uma sociedade mais justa e igualitária, preparada para enfrentar e lutar contra toda forma de opressão, de violência e injustiça.

O esforço coletivo pedagógico para contemplar aquilo que a Lei nº 10.639/03 prega reiterou ainda mais a relevância de colocá-la em prática efetivamente nas escolas, porque ainda presenciamos, vivenciamos e perpetuamos a discriminação racial, a intolerância religiosa, a exaltação e a valorização exacerbada dos estereótipos eurocêntricos, além de naturalizarmos a hierarquia e a superioridade da branquitude sobre a negritude. Portanto, segundo Ribeiro (2019, p. 42),

[...] um ensino que valoriza as várias existências e que referencia positivamente a população negra é benéfico para toda sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre os seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades.

Penso que as ações interdisciplinares assumiram seu protagonismo de forma mais direta quando os estudantes iniciaram a confecção dos livros com a temática étnico-racial. Fizeram os cartazes para exposição na escola, construíram o jogo da memória e visitaram o Museu Capixaba do Negro, porque todas as disciplinas envolveram-se igualmente nesse processo, conhecendo, partilhando, trocando experiências e saberes mutuamente, rompendo as barreiras e oportunizando encontros proficientes. “[...] E, nesse encontro, juntos, misturando nossos métodos, misturando nossos objetivos, mesclando tudo isso, acabamos criando um modo próprio de voar. E nascem as interdisciplinas” (D'Ambrosio *apud* Miranda, 2008, p. 115). No próximo tópico, apresentarei mais detalhadamente esses trabalhos, destacando as opiniões e criando condições para o reconhecimento do lugar de fala⁷ a todos aqueles que participaram efetivamente do projeto interdisciplinar *A África nas brasilidades*. Também veremos adiante as avaliações e as reflexões sobre o que foi construído durante o projeto, bem como os impactos, as marcas e os aprendizados conquistados pelo caminho.

⁷ Segundo Ribeiro (2019, p.35), o conceito de lugar de fala discute justamente o *locus* social, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com suas experiências em comum. É isso que permite avaliar quanto determinado grupo — dependendo de seu lugar na sociedade — sofre com obstáculos ou é autorizado e favorecido.

8.1 A *ÁFRICA NAS BRASILIDADES* SOB O PONTO DE VISTA DA INTERDISCIPLINARIDADE

Nas últimas reuniões realizadas, pensamos em retomar os conteúdos ensinados, elaborando atividades de revisão sobre o que foi estudado e debatido até aquele instante. Analisamos também como seria a dinâmica para confecção dos livros, já que precisariam ser construídos durante as aulas de todas as disciplinas. Nesse momento final, o professor de Arte teve que deixar o projeto para assumir a função de diretor escolar, indo para outra instituição de ensino. Esse docente concluiu sua participação com êxito, abordando o tema da liberdade religiosa com os alunos e retratando brevemente o criacionismo Iorubá e seus orixás. As professoras de Ensino Religioso e ALE o auxiliaram, realizando o debate sobre intolerância religiosa em suas aulas. Destaco que o docente precisou enfrentar muitos obstáculos para abordar o assunto, desde a discordância por parte da gestão escolar, passando pela rejeição de alguns pais, que agiram com retaliação impedindo que os filhos frequentassem as aulas, até a reprovação de outros professores da escola que julgavam problemático e desnecessário trabalhar isso com os alunos. Tais atitudes já sinalizam o quanto é sensível e difícil desenvolver qualquer tema relacionado às religiões de matriz africana dentro dos sistemas educacionais.

Propus ao grupo que fizéssemos uma análise de tudo que foi trabalhado durante o projeto para selecionarmos os assuntos de maior relevância e assim tentar esquematizar um jogo da memória com esses temas. Minha ideia era elaborar um documento com imagens de elementos estudados e frases relacionadas a elas. No jogo, os alunos precisariam encontrar os pares (frases e suas imagens correspondentes). A partir desse levantamento, eu e a professora de Ensino Religioso construímos as cartas para os alunos recortarem e criarem o jogo da memória. Os demais docentes auxiliaram as crianças nesse processo durante as aulas. A partir dessa ideia, decidi realizar uma atividade com balões, colocando uma carta dentro deles, a fim de que os alunos localizassem os pares. Entreguei um balão para cada estudante e lancei desafios que precisariam fazer antes de estourarem e pegarem as cartas. Em seguida, prossegui tentando orientá-los sobre a confecção do jogo da memória.

Desse modo, as intervenções transversalizaram ainda mais, ultrapassando as barreiras do sistema disciplinar, pois as práticas exigiram atitudes colaborativas e contínuas que se transformaram num entrelaçamento de ações e reflexões, completando o todo interdisciplinar. Nessa dialética, nos auxiliamos e auxiliamos nossos alunos na busca por saberes que se completam, o que exige constantemente abertura e reconhecimento das suas limitações para buscar no outro o que lhe falta e oferecer o que se tem (Tavares, 2008), oportunizando trocas e experiências significativas para o processo de ensino aprendizagem.

Imagem 39 – Confecção do jogo da memória



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 40 – Confecção do jogo da memória



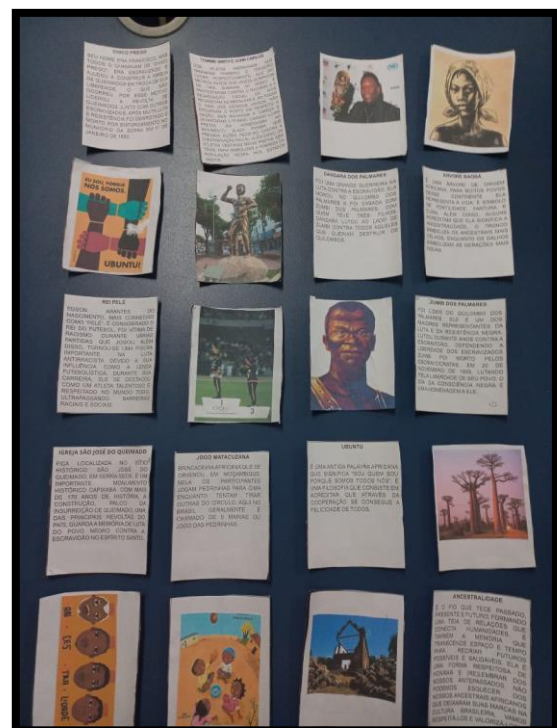
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 41 – Alunos brincando com o jogo da memória



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 42 – Cartas do jogo da memória



Fonte: Acervo da autora (2023).

Outro momento muito valioso mostrou-se no processo de confecção dos livros, em que os alunos foram os autores e criaram suas histórias a partir das temáticas apresentadas nas aulas, além de ilustrar e fazer a montagem do material. Esse processo contou com a mediação de todos os docentes envolvidos no projeto, que contribuíram e auxiliaram elucidando dúvidas, esclarecendo conceitos, analisando os elementos textuais, ilustrativos e ajudando com dicas para melhoria nas criações. Essa ocasião demandou cumplicidade, abertura, cooperação, desapego disciplinar, diálogo, desconstrução de hierarquias curriculares e ressignificação do processo de ensino-aprendizagem, alcançando progressos nas relações interpessoais, uma vez que “[...] é necessário estabelecer o diálogo de forma contínua, com os pares iguais a nós e com os diferentes para consolidar a prática de ver, ouvir, falar, problematizar e agir, num exercício permanente do nosso ‘vir-a-ser’, do nosso ‘tornar-se’” (Freire, 1992 *apud* Tavares, 2008, p. 136).

Imagem 43 – Confecção de livros sobre a temática racial



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 44 – Confecção de livros sobre a temática racial



Fonte: Acervo da autora (2023).

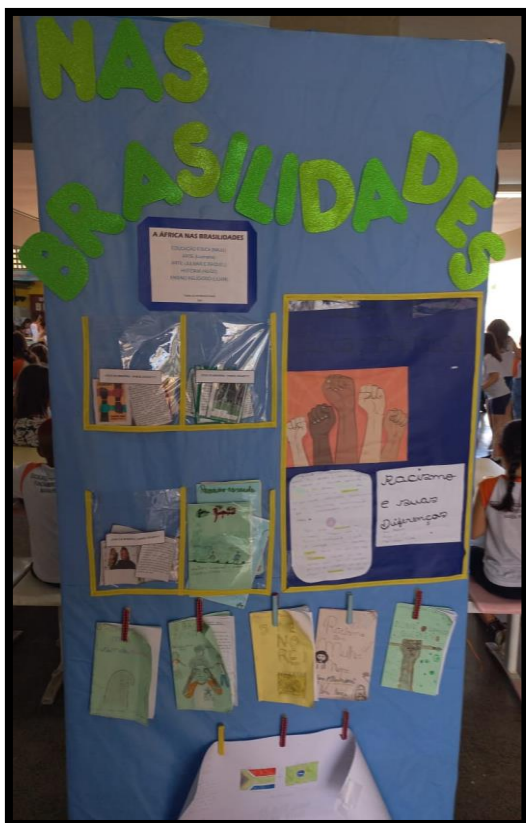
Imagem 45 – Livros confeccionados pelos alunos



Fonte: Acervo da autora (2023).

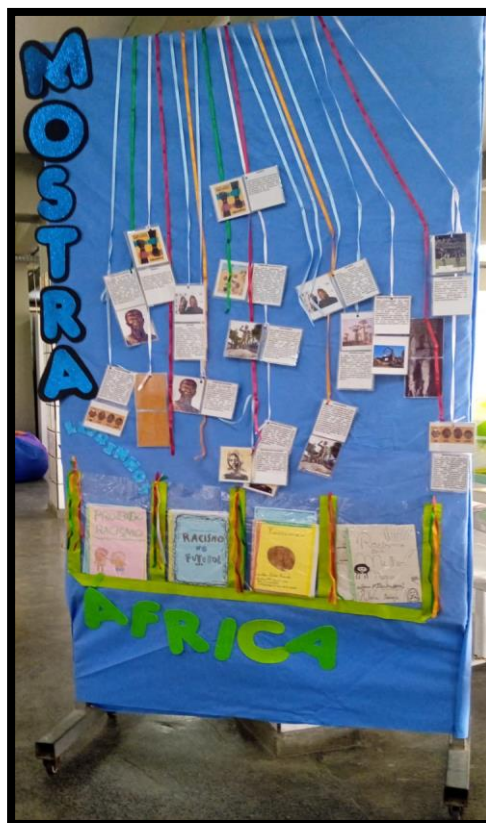
Os dois últimos encontros do grupo destinaram-se aos eventos de culminância do projeto interdisciplinar, como a ornamentação da escola para exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes. Também realizamos os ajustes necessários para a visita ao Museu Capixaba do Negro (Mucane), escrevendo os bilhetes de autorização e nos reunindo com a direção a fim de ajustar as questões dos lanches e do transporte, bem com a acessibilidade e os acompanhantes dos alunos com deficiência. Precisamos ainda nos reunir com o setor pedagógico para orientá-los em relação ao passeio e conseguir os materiais necessários a montagem dos murais. Além disso, pedi aos professores que relatassem como foi a experiência de participar do projeto, destacando os pontos positivos e negativos que ocorreram nesse processo. Fiz o mesmo convite aos alunos, que deixassem suas impressões acerca do trabalho interdisciplinar, dizendo se gostaram ou não, pontuando seus motivos.

Imagem 46 – Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos durante o projeto interdisciplinar *A África nas brasilidades*



Fonte: Acervo do autor (2023).

Imagem 47 – Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos durante o projeto interdisciplinar *A África nas brasilidades*



Fonte: Acervo do autor (2023).

A visita ao museu também foi uma experiência muito rica que ampliou nosso conhecimento acerca da cultura africana e afro-brasileira. Fomos recebidos por um profissional que orientou e explicou as exposições presentes no local. Ele nos apresentou a história de Maria Verônica da Paz, mulher negra, médica, idealizadora do museu e militante do Movimento Capixaba do Negro. Aprendemos ainda sobre algumas personalidades negras importantes na formação social e cultural do Espírito Santo que contribuíram na arte, literatura, música e política do nosso estado. Conhecemos quadros artísticos relacionados às religiões de matriz africana, que retratavam os orixás, além da mostra *Iconografia*, do artista capixaba Starley, composta por pinturas de trabalhadores negros capixabas (Marcos das Graças Hipólito e Juliana Maria Ribeiro da Silva) feitas nos muros do local. O museu possui uma biblioteca especializada com um grande acervo voltado à literatura africana e afrodescendente, dando visibilidade às obras de autores negros do nosso país e estado. O espaço também conta com uma sala de instrumentos musicais africanos,

como o agogô, o berimbau e o afoxé. Esse evento contribuiu para fortalecer e expandir nossos aprendizados sobre a temática étnico-racial.

Imagem 48 – Visita ao Museu Capixaba do Negro



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 49 – Visita ao Museu Capixaba do Negro



Fonte: Acervo da autora (2023).

Posteriormente convidamos os estudantes para manifestarem suas opiniões sobre a visita ao Mucane, destacando os pontos positivos e negativos do local. A maioria dos alunos gostaram muito da sala de instrumentos, das pinturas e das obras de arte. Em contrapartida, eles reclamaram de não haver espaço adequado para lancharem e de não conseguir visitar todos as salas, pois algumas estavam fechadas. Também demonstraram incômodo com as falas rápidas e difíceis do guia. Relataram ainda desconforto porque havia áreas que estavam desorganizadas e “bagunçadas”.

8.2 A ÁFRICA NAS BRASILIDADES SOB OS OLHARES DE SEUS PROTAGONISTAS

Adiante apresento na íntegra as avaliações e as análises feitas por meus colegas docentes, participantes e colaboradores do projeto *A África nas brasilidades*, que só foi possível de ser concretizado porque eles aceitaram seguir nessa jornada de práticas educativas interdisciplinares juntamente comigo. Essa trajetória exigiu muito esforço, diálogo, empatia, amizade, solidariedade e aprendizado.

Imagem 50 – Docentes participantes do projeto interdisciplinar *A África nas brasilidades* (Raquel, Lilian, Maria Julia e Julmar)



Fonte: Acervo da autora (2023).

a) Com a palavra: a professora de Aprofundamento em Leitura e Escrita

O processo interdisciplinar, por articular várias áreas do conhecimento, permite que os estudantes mergulhem em experiências diversas no campo da aprendizagem. Arelado à transversalidade, levando os projetos para o planejamento, a escola sai do modelo tradicional de educação e entra no universo das metodologias ativas, experiências que ajudam os estudantes a desenvolverem suas habilidades, melhorar a comunicação e a oratória, a despertar a criatividade, desenvolver senso crítico e assim pensar a partir de outros pontos de vista, favorecendo a interação entre o diverso existente na escola.

*É necessário que haja um engajamento da equipe escolar para um resultado satisfatório, como se deu no Projeto *A África nas brasilidades*, que apresentou reflexões importantes e talvez inéditas aos estudantes e a alguns professores da nossa escola também, pois apresentou aspectos culturais importantes do nosso país oriundo das raízes africanas, que por vezes é “apagado” dos planejamentos docentes, ficando “presos” a uma educação eurocêntrica. Acredito que isso seja resultado da insuficiência de formação continuada e/ou pelo próprio preconceito existente, pela*

falta de informação e interesse. O projeto veio ao encontro do modelo de educação antirracista tão comentado, estudado, “provocado” e mais ainda: necessário contra ações discriminatórias e racistas.

Além dos aspectos culturais para a formação e os costumes do povo brasileiro, o projeto destacou personalidades negras de grande relevância no contexto social e cultural do Brasil, quebrando certos estereótipos e apresentou literaturas que nas palavras da professora e escritora Kiusam de Oliveira (2020), “[...] tem permitido que crianças negras se valorizem como tal”. Com o engajamento da equipe e o interesse dos estudantes, o trabalho findou com uma bonita exposição das atividades desenvolvidas para deleite de toda a comunidade escolar.

Desse modo, almejo, no horizonte desse trabalho, que se fortaleça a identidade dos estudantes e o convívio respeitoso da diversidade cultural existente no espaço escolar. Desejo também que haja outras propostas interdisciplinares atreladas a uma educação antirracista, contribuindo para a redução de atitudes racistas e discriminatórias na nossa escola (relato escrito pela Professora Maria Raquel Souza Krull).

b) Com a palavra: a professora de Ensino Religioso

O projeto A África nas brasilidades me proporcionou muito aprendizado da cultura africana e afro-brasileira, enriquecendo meu repertório docente, e mostrou várias possibilidades para lecionar, com parceria, diálogo e aprendizado mútuo. O fato de trabalhar temas relacionados ao racismo, à intolerância religiosa e à valorização das diversidades contribuíram para um processo de ensino-aprendizagem transformador, quebrando paradigmas e ultrapassando as barreiras impostas tanto pela escola quanto pela comunidade, evidenciando que ainda existe um enorme abismo para alcançarmos a equidade racial, social, étnica ou de gênero.

A temática étnico-racial pode e deve ser trabalhada em todas as disciplinas, pois somos educadores e precisamos nos posicionar politicamente diante disso, mas é necessário ter coragem, sair da zona de conforto, sermos humildes e reconhecermos que temos limitações epistemológicas, por isso precisamos buscar novos conhecimentos e aprender com os nossos pares. O projeto exigiu muito engajamento por parte da equipe, só que não tivemos tempo de qualidade para planejarmos e nos

reunirmos, além de não termos formação adequada sobre a temática, porém, apesar das dificuldades, acho que houve um avanço nas nossas formas de ensinar. Com certeza conseguimos deixar marcas positivas em nós e nos alunos. Ficou a esperança de juntos tentarmos lutar por uma sociedade menos racista e intolerante (Relato escrito pela professora Lilian Margarete Bernardino Galazzi).

c) Com a palavra: o professor de Arte

O projeto interdisciplinar A África nas brasilidades foi uma excelente iniciativa da professora Maria Julia, tendo semeado ideias que visam fortalecer a prática de uma educação integral e emancipadora, reconhecendo, explorando e valorizando o potencial criativo e transformador que emerge nas relações entre aluno e escola. Orientado por uma pedagogia decolonial, em defesa de uma escola antirracista, caminhando a contrapelo de uma educação tecnicista e mecanizada, o projeto valorizou as relações humanas, estimulou a formação continuada de professores e provocou a equipe gestora da instituição em busca de equidade. Visou com isso à garantia de direitos para aprender sobre a cultura africana e afro-brasileira, conseguindo estreitar laços entre escola e comunidade e fortalecendo uma cultura de paz.

Reconheço nesse projeto um grande avanço em direção à abordagem da temática étnico-racial, mérito da pesquisadora e de seus colaboradores, mas, também da rede estadual de ensino do Espírito Santo, que, por uma feliz coincidência, publicou o Caderno orientador para a educação das relações étnico-raciais no Espírito Santo (Pereira; Silva; Angelo, 2023). Esse material foi socializado pela coordenadora pedagógica da escola, justamente no período que estava previsto iniciarmos as demandas do projeto. Variáveis que extrapolam a governabilidade da escola estiveram presentes durante toda a execução do trabalho e foram conduzidas de forma sábia e segura pela pesquisadora e por nós, seus parceiros. Tentamos romper e superar com maestria todas as barreiras encontradas, sem perder a qualidade. Sinto-me lisonjeado por ter participado e contribuído para o projeto A África nas brasilidades. Creio que tem um potencial enorme para além dos muros da escola da EEEFM Maria Penedo e acredito que todos os envolvidos, direta ou indiretamente, levarão consigo para sua trajetória.

Atuo como docente de Arte das séries iniciais da EEEF Maria Penedo desde 2015 e sou representante dos professores no Conselho da escola desde 2018, consigo identificar inúmeros entraves para o sucesso de um projeto interdisciplinar. A começar, mais de 90% dos professores atuantes em sala de aula possuem regime de trabalho em caráter temporário, o que impacta negativamente na continuidade dos trabalhos realizados. Não ter estabilidade no emprego limita o potencial de expressão profissional no âmbito pedagógico, tendo em vista já ter ouvido inúmeros relatos de professores temerem constantemente a cessação ou a não renovação de seu contrato. Embora haja respaldo e suporte da legislação vigente, abordar temas que relacionem a diversidade cultural, artística e religiosa sempre foi muito desafiador para nós, professores, principalmente para aqueles que atuam diretamente com o segmento do Ensino Fundamental I. Já ouvi diversas vezes colegas de profissão temerem o próprio desemprego e por isso não tematizavam qualquer assunto que gerasse polêmica aos olhos de uma sociedade intolerante. Recordo-me que, na Jornada de Planejamento Pedagógico, enfatizei para toda a equipe escolar a relevância de garantir o ensino da história da África e dos afro-brasileiros assegurada pela Lei nº 10.639/03 e inseri-la no plano de ação da escola. Nesse momento, fui interrompido pela gestora da instituição, que rejeitou a ideia sob a justificativa de que o tema era muito complexo para ser ensinado nas séries iniciais, afirmando ainda que a comunidade não receberia bem a iniciativa.

O tema é complexo e perpassa por múltiplas variáveis, como a formação dos professores, o currículo, as políticas públicas educacionais, entre tantos outros. Com experiência de aproximadamente 14 anos na Educação Básica, reitero que somente a legislação vigente não assegura aquele que mais se expõe: o professor. Pela minha trajetória, considero já ter atingido maturidade e conhecimentos necessários para conduzir e mediar o tema, entretanto faltava-me estímulo. Conhecendo sobre os prováveis entraves e desgastes ao assumir algumas posturas, encontrei no projeto a motivação que faltava para seguir em frente. Seria preciso agir com muita destreza com alunos, professores, equipe gestora e comunidade escolar, pois o assunto, apesar de relevante, ainda é tabu para maior parte das pessoas. Como professor de Arte, já experimentei diversas situações em que me senti exposto e vulnerável por defender o que a legislação orienta e assegura. Não há como negar que a sociedade, de forma generalizada, é intolerante e racista, e as nossas instituições de ensino são

reflexos dela. Na maior parte das vezes, os professores se expõem e basta uma má condução por parte da escola para gerar feridas eternas na vida desses profissionais.

O fato de não estar sozinho nessa empreitada me trouxe segurança para aprofundar o tema da cultura africana, abordando sua influência nas músicas, nas religiosidades e nas ancestralidades. Foram momentos que proporcionaram grandes aprendizados, trocas de experiências e muita colaboração. Durante a execução do projeto, uma professora veio até mim para dizer que seguia a religião Umbanda, mas nunca teve coragem de falar isso dentro da escola, nem com seus colegas mais próximos. Para minha surpresa, ela declarou que me ver trabalhando sobre o tema com os alunos a ajudou no enfrentamento de seus próprios medos. Em outra Jornada de Planejamento Pedagógico (JPP), essa docente mencionou um dos ritos que praticava como umbandista, mostrando-se entusiasmada e livre para manifestar-se sobre o assunto. Ressaltou ainda que era uma escolha pessoal e que jamais levaria isso para sala de aula como forma de doutrinação, que seus alunos sequer tinham conhecimento da sua religião, porém ela afirmou que achava importante ter professores com a mesma coragem que eu para tematizar a existência das religiões de matriz africana, a fim de diminuir a ignorância acerca disso, possibilitando atitudes mais respeitadas e tolerantes, desconstruindo preconceitos. Esse debate me fez acreditar que o projeto estava trilhando um caminho muito relevante.

Sempre faço questão de pontuar nos encontros do JPP que a escola é laica e que não estamos ali para catequizar ou instruir os estudantes a seguir uma religião ou outra. Entendo que nossa função é social e política, portanto, não há espaço para doutrinações e difusão de ideologias. Faço isso consciente, porque infelizmente esse laicismo está longe de acontecer no ambiente educacional. Acredito que o projeto deu um pontapé inicial para construção de uma educação antirracista, pois o tema foi abordado de maneiras diversas, respeitando a compreensão e o tempo de cada aluno, estimulando a experiência e o olhar sensível para o “eu” e o “outro”, tendo empatia para dialogar, respeitar e ajudar o próximo. Em outras palavras: andamos juntos, construímos juntos, lutamos juntos, ensinamos e aprendemos juntos! E viva o ubuntu⁸!

⁸ *Ubuntu* (pronuncia-se ubúntu) é uma antiga palavra africana com origem na língua Zulu, cujo conceito exprime a crença na comunhão que conecta toda a humanidade: sou o que sou graças ao que somos todos nós.

Percebi que o mesmo tema abordado por diferentes professores, diferentes olhares, diferentes metodologias contribuiu grandemente para que os estudantes se apropriassem do assunto, resultando em aulas mais reflexivas e colaborativas. O cenário começou a mudar quando construímos aulas conjuntamente, nós com os estudantes. Reconheço que foram necessárias diversas adaptações e replanejamento das práticas pedagógicas, mas fiquei orgulhoso porque era um sinal de que os alunos estavam interagindo, estavam sendo provocados, portanto, não estavam inertes ou indiferentes. A sensação de sufocamento pelas demandas burocráticas é um consenso entre os professores e muitas vezes torna-se um obstáculo para pensar em aulas mais significativas, pois o próprio sistema tende a quantificar ao invés de qualificar.

Durante o segundo trimestre, trabalhei diretamente a ideia de intolerância religiosa, de respeito às diversidades e às influências africanas no Brasil. Foi necessário sensibilizar antes de apresentar conceitos e assim foi feito durante o decorrer o trimestre. Em vários momentos, precisei desapegar-me da minha disciplina, pois tinha que compreender o todo e só depois as partes, para assim atingir os objetivos propostos. Houve muitas experiências marcantes nesse processo: algumas eu já tinha me preparado emocionalmente para lidar, mas outras confesso ter sido pego de surpresa. Um dos casos que mais me surpreendeu foi ouvir um aluno dizer que sua mãe o orientou a não realizar a ilustração de uma atividade por trazer elementos da cultura africana (os orixás). Nesse caso, a própria família solicitou a instituição uma reunião comigo para esclarecer o motivo por que, segundo os responsáveis, eu estaria dando “aula de religião” ao invés de Arte. Nos reunimos por mais de uma hora para conversar e esclarecer os fatos. Num outro momento, uma aluna me relatou que a família não queria que ela frequentasse minhas aulas apenas por ter trazido uma lenda africana que fala sobre “orixás”.

Durante as aulas de Arte, os estudantes foram sentindo-se confortáveis e com mais propriedade para se manifestar sobre casos de intolerâncias, inclusive relatando que eles presenciaram, sentiram e manifestaram sem mesmo se dar conta. Uma aluna disse que a mãe não gostava da estátua de Iemanjá na praia de Jardim Camburi por tratar-se de coisa do “capeta”. Outro continuou o raciocínio, falando que respeitava a opinião dos outros, mas acreditava que algumas coisas eram do “diabo” e que isso

não era ofensivo. A mediação, nesse caso, promoveu a reflexão do próprio estudante tendo reconhecido em sua colocação elementos ligados à intolerância e preconceito. Então questioneei: se “diabo” é o que há de pior em sua crença, como você se sentiria se outras pessoas dissessem o mesmo acerca de sua religião? Logo, ele foi capaz de chegar a uma conclusão razoável.

Por fim, uma das intervenções que mais me impactou foi quando adaptei o teste de imagens, que tratava do racismo estrutural. Os próprios estudantes notaram que tinham práticas racistas e intolerantes sem perceber. Acho que todos conseguiram aprender e diferenciar os tipos de racismo. O trabalho interdisciplinar fortaleceu meus laços com os estudantes e com toda equipe docente, além de valorizar e me dar mais motivação para buscar práticas educativas que visem à transformação social.

Mesmo não tendo participado da culminância do projeto, porque precisei assumir a direção numa outra escola, afirmo que a semente semeada já está dando frutos, inclusive penso em levar o que foi desenvolvido durante essas aulas para o local que estou gerindo atualmente. Gostaria de estabelecer uma parceria entre escolas estaduais, que valorizasse e desse visibilidade às produções significativas de alunos e professores, numa troca mútua (relato do professor Julmar Barroso da Fonseca).

Os estudantes das turmas de 4º ano da escola EEEFM Maria Penedo também se destacaram como os grandes protagonistas deste trabalho. Eles não só fizeram esse projeto acontecer, como também deram beleza e “vida” a ele. Foi uma caminhada em que professores e alunos estiveram lado a lado, construindo conhecimentos juntos, com humildade para reconhecer as fragilidades e falhas docentes, dispostos a aperfeiçoar e modificar nossas práticas pedagógicas nesse processo. Penso que o projeto interdisciplinar *A África nas brasilidades* transformou a relação entre professor e aluno, na medida em que rompeu uma lógica hierárquica, em que só uma pessoa detém o conhecimento e os educandos precisam ocupar o lugar de sujeitos passivos, silenciados e vazios (Freire, 2022).

Os discentes estavam tão acostumados a essa lógica que, no início do projeto, suas participações foram tímidas, quase não se ouviam vozes para indagar, contra-argumentar e acrescentar ideias ao que era apresentado. Nas reuniões, alguns docentes reclamaram dessa apatia e falta de participação, sendo provocados pelo

professor de Arte a refletirem sobre os motivos para tais comportamentos, o que nos levou a pensar sobre nossas práticas pedagógicas e metodológicas. Tal exercício precisa ser realizado diariamente, pois, quando enxergamos nossos erros e pensamos nas nossas ações cotidianas, tentamos encontrar soluções para alterá-las ou aperfeiçoá-las, abrimos caminhos para mudanças acompanhadas de progressos significativos. Portanto, “[...] independente de classe, raça, gênero ou posição social, sem a capacidade de pensar criticamente sobre o nosso ser e nossa vida ninguém seria capaz de progredir, mudar, crescer e [aprender]” (Hooks, 2017, p. 266).

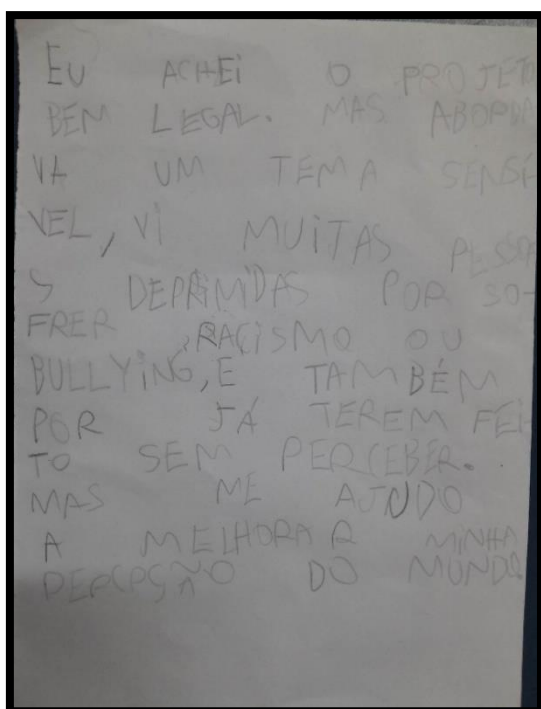
O incômodo e a inquietude tomaram conta do ambiente, porque é doloroso perceber que a passividade e o desinteresse dos alunos pode ser consequência de uma educação bancária (Freire, 2022), muitas vezes propagada através das nossas próprias aulas. Aliás, não vamos aqui culpabilizar os docentes por aderirem a esse tipo de proposta, vamos antes chamar atenção para o fato de que o sistema educacional está impregnado de concepções bancárias de ensino, verticalizadas e antidialógicas. Queríamos apenas fazer o exercício de nos ajudar e pensar coletivamente em maneiras de mudar isso, caminhando na direção de uma educação libertadora⁹ (Freire, 2022). Entendemos, portanto, que o passo inicial para a mudança perpassa pelas análises dos erros metodológicos e pelas constantes reavaliações acerca das nossas práticas pedagógicas. Justamente os educandos nos ajudam nessa empreitada de reflexão sobre nosso exercício docente.

Assim, necessitamos lançar um olhar atento sobre nossos alunos, escutá-los, trazê-los para perto, deixá-los participar e construir a aula conosco. Então o planejamento que fizemos através do projeto era o começo apenas, pois ainda passaria por inúmeras mudanças e pela colaboração direta dos nossos alunos. Aquela preocupação relacionada ao desinteresse e à apatia dos estudantes durante as aulas transformou-se num desejo de fazer diferente e pensar maneiras de torná-las mais interessantes junto com eles. Frequentemente acabamos ficando presos aos nossos planos, com receio de mudar o programa predeterminado. E quando ocorre um desvio do que havia sido estabelecido anteriormente, a crise se instaura porque não

⁹ É uma educação que rompe os esquemas verticais característicos da educação bancária, realiza-se como prática da liberdade, superando a contradição entre o educador e os educandos. Nesse sentido, ao realizar a a problematização dos homens em sua relação com o mundo, tal concepção afirma a dialogicidade e se faz dialógica a todo momento (Freire, 2022).

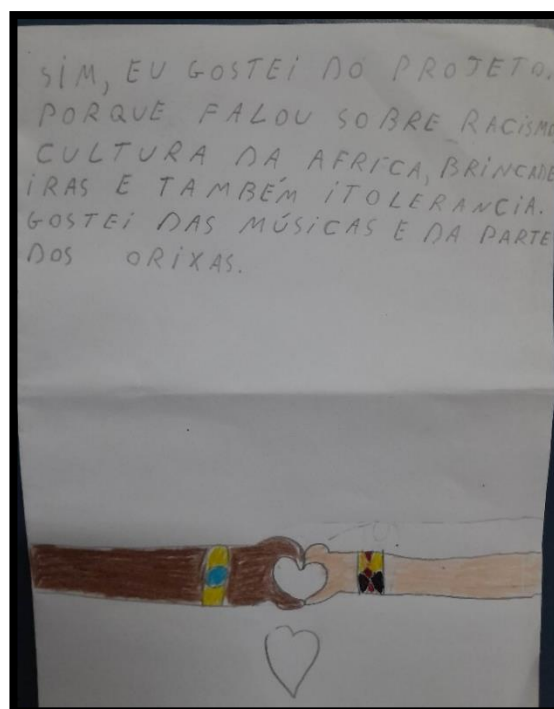
conseguimos passar todo material (Hooks, 2017), porém precisamos entender que tal ideia torna-se um obstáculo para uma educação que almeja ser libertadora, haja vista que isso não é garantia de um aprendizado significativo. A participação ativa dos estudantes e suas contribuições para o projeto fortaleceram e estreitaram nossas relações, além de abrir possibilidades para um processo de ensino-aprendizagem mais democrático e dialógico. Nossos alunos foram os grandes protagonistas dessa história, então foi imprescindível permitir que expressassem o sentido e o significado da África nas suas brasilidades. Desse modo, pedimos que eles registrassem numa folha suas impressões acerca do projeto, apresentando os argumentos para embasar suas ideias. Optamos pelo sigilo de suas identidades, então solicitamos que não escrevessem seus nomes, embora alguns tenham preferido se identificar. Nossa finalidade era deixá-los mais à vontade para se manifestarem, sem medos ou receios de sofrerem retaliações por suas declarações. Seguem algumas dessas respostas:

Imagem 51 – Resposta dos alunos à pergunta:
Você gostou do projeto *A África nas brasilidades*? Por quê?



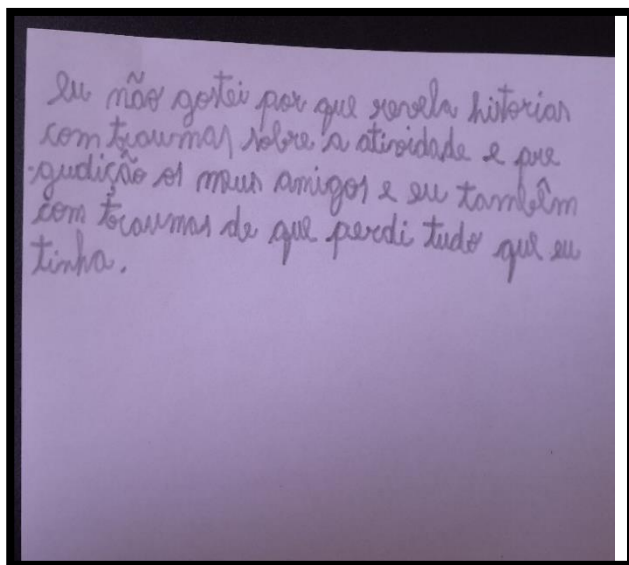
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 52 – Resposta dos alunos à pergunta:
Você gostou do projeto *A África nas brasilidades*? Por quê?



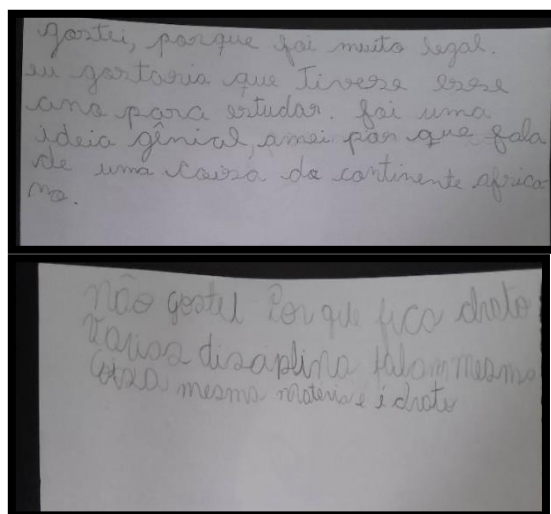
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 53 – Resposta dos alunos à pergunta:
Você gostou do projeto *A África nas brasilidades*?
Por quê?



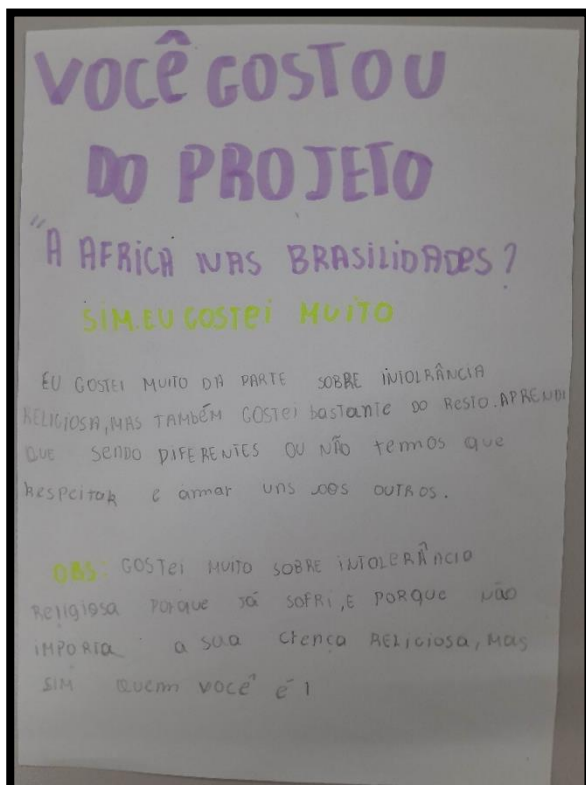
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 54 – Resposta dos alunos à pergunta: Você gostou do projeto *A África nas brasilidades*? Por quê?



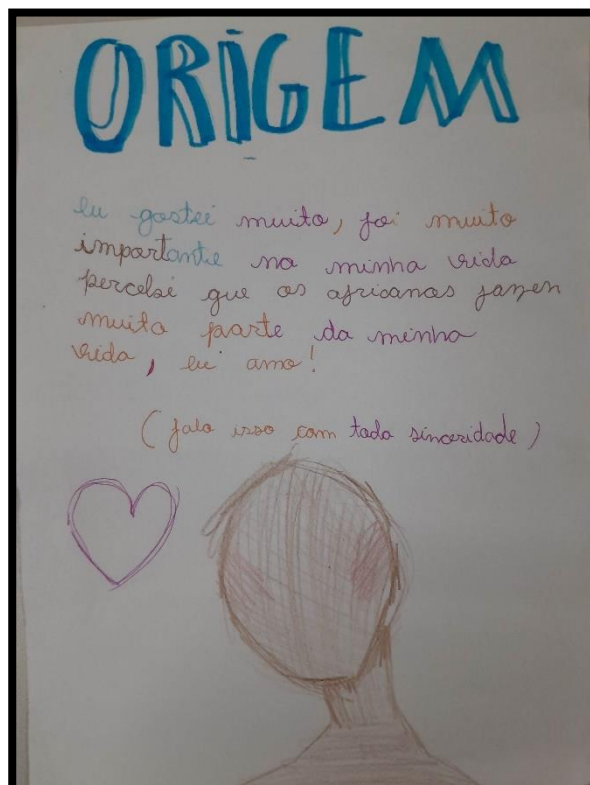
Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 55 – Resposta dos alunos à pergunta:
Você gostou do projeto *A África nas brasilidades*? Por quê?



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 56 – Resposta dos alunos à pergunta:
Você gostou do projeto *A África nas brasilidades*? Por quê?



Fonte: Acervo da autora (2023).

Após a leitura e análise desse material, notamos que a maioria dos estudantes demonstraram satisfação, alegria e construíram experiências positivas no decorrer do

projeto interdisciplinar, porém outros relataram sofrimento, tensão, tédio e não gostaram de que as disciplinas abordassem sempre o mesmo assunto. As reflexões sobre os sentimentos de tristeza apresentados nos levaram a acreditar que provavelmente foram despertados nas aulas cujo tema centrou-se no racismo e suas consequências. A atividade “corrida do privilégio”, realizada na aula de Educação Física, por exemplo, causou muita comoção, trouxe à tona mágoas, angústias e dores que podem ter marcado negativamente a vivência neste trabalho.

Tais relatos, ao contrário de nos desmotivar, despertou em nós a vontade de tentar compreender melhor o potencial e as fragilidades das nossas práticas educativas neste projeto, bem como os impactos e as marcas que deixaram em todos os envolvidos. Além disso, até mesmo nós, docentes, por vezes demonstramos cansaço, com a sensação de estarmos sendo repetitivos ao ensinar sobre um mesmo assunto durante tanto tempo. Nesses instantes, fomos invadidos pela fadiga, pelo esgotamento mental e pela ausência de criatividade para planejar e pensar em metodologias que tornassem as aulas mais atrativas, diferenciadas e dinâmicas. Logo, é plenamente compreensível o relato do aluno sobre ser “*chato várias disciplinas falando a mesma coisa*”. Por outro lado, ficamos satisfeitos porque mais de 90% dos estudantes gostaram e aprovaram o projeto interdisciplinar *A África nas brasilidades*. Tal devolutiva positiva mostra que o nosso esforço conjunto para construir este trabalho interdisciplinar trilhou caminhos prósperos para repensar e reelaborar o processo de ensino-aprendizagem, embasado na construção de uma prática pedagógica e de uma Educação Física comprometida com a vida, com as diferenças e com a luta antirracista.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posso iniciar minhas reflexões finais afirmando que o trabalho interdisciplinar que resultou no projeto *A África nas brasilidades* mudou significativamente meu modo de ser professora, de pensar os currículos e as formações docentes, de planejar e construir relações dentro da escola, enfim, mudou meu olhar acerca da educação. Nunca havia abordado em minhas aulas os jogos e as brincadeiras de matriz africana; infelizmente, com tristeza, digo que nem as conhecia. Após os estudos cheguei à conclusão de que, no meu percurso escolar, do Ensino Fundamental ao Superior, não tive acesso a uma educação multicultural e decolonial, pois faltaram vivências e conhecimentos tanto acerca da história e cultura africana, quanto de outras culturas invisibilizadas pela hegemonia europeia.

Atentei-me ainda ao fato de que, se não fosse um trabalho interdisciplinar, provavelmente teria ficado restrita a pesquisar e conhecer somente as brincadeiras e os jogos de matriz africana. Desse modo, a interdisciplinaridade abriu fronteiras, ampliou meu leque de atuação, promoveu diálogos e debates ricos e relevantes para repensar minha prática docente a fim de participar efetivamente do projeto *A África nas brasilidades*. Ressalto que essa experiência exigiu confrontar os métodos de ensino tradicionais e hierárquicos presentes na escola, uma vez que rompeu as barreiras do particular, do solitário, dos feudos disciplinares, da competitividade, do comodismo, da inércia e da passividade, para dar lugar ao coletivo, à parceria, à colaboração, à interação, ao diálogo, à abertura, à humildade e à ousadia para transgredir. A tarefa não foi fácil, porque nos comprometemos e assumimos uma interdisciplinaridade para além da junção e justaposição de disciplinas. Nossa responsabilidade era de estabelecer trocas recíprocas, colaborar, dialogar e aproximar saberes sem deixar de lado as particularidades de cada área, visando a um progresso mútuo. A palavra que definiu bem esse processo foi ENCONTRO: encontro de saberes, encontro de práticas, encontro de ideias, encontro educativo, encontro de encontros (Schwartz, 2007).

Diversas perguntas e questionamentos atravessaram esse processo: como ser interdisciplinar quando a escola se torna um obstáculo para isso? Essa instituição acaba sendo um local em que as exigências burocráticas e as demandas são muitas,

o tempo de planejamento para um ensino de qualidade é irrisório e a única preocupação parece ser com o desenvolvimento cognitivo no processo de ensino-aprendizagem. Como abordar a temática étnico-racial sem formação para isso? Como enfrentar uma sociedade racista e intolerante através de atos educativos? Como ser um docente com práticas pedagógicas antirracistas? Como abordar a história e a cultura africana desvelando aquilo que, durante anos, manteve-se esquecido, marginalizado e invisibilizado? À medida que tentamos elucidar tais questionamentos, através de estudos e debates, avançamos e conseguimos pouco a pouco derrubar os obstáculos que apareciam. Foi uma jornada cheia de erros, acertos, dúvidas, tensões, medos, embates, fraquezas, mas sobretudo de aprendizados.

Ressalto que assumir uma educação decolonial requer mudanças nas ações e posturas docentes frente ao processo de ensino-aprendizagem.

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores — em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade — temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única forma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para professores não brancos quanto para os brancos. A maioria de nós aprendemos a ensinar imitando esse modelo. Como consequência, muitos professores se perturbam com as implicações políticas de uma educação multicultural, pois têm medo de perder o controle da turma caso não haja um modo único de abordar um tema, mas sim modos múltiplos e referências múltiplas (Hooks, 2017, p, 51).

Considero ser importante questionar, repensar e analisar nossa prática docente a fim de compreender o que é preciso para ingressarmos verdadeiramente numa educação antirracista, contribuindo assim para a erradicação do preconceito, das discriminações, do racismo, da manutenção de estereótipos, numa luta coletiva para criticar, combater e banir qualquer situação pautada nesses princípios. Almeja-se, dessa forma, alcançar a equidade racial, o respeito às diferenças e a valorização da cultura africana e afro-brasileira.

O projeto *A África nas brasilidades* esteve desde o início preocupado e destinado a se orientar por uma educação antirracista através da interdisciplinaridade, rompendo a fragmentação, o preconceito, a descontextualização e o eurocentrismo, presentes nos currículos e no cotidiano escolar. Escolhemos seguir pela interdisciplinaridade por acreditarmos ser uma via embasada na reciprocidade, na aprendizagem mútua, na

colaboração, no enriquecimento de ideias e saberes com vistas a avançar e melhorar nossas práticas docentes, bem como todo o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, nesses momentos exercitamos nosso desapego, nossas atitudes cooperativas, nossa disposição e nossa coragem para desaprender, romper práticas dogmáticas, rotineiras, conservadoras e autoritárias. Exercemos assim a humildade, a reflexão crítica sobre o conhecimento e sobre nossas ações pedagógicas a fim de construí-las e transformá-las conjuntamente (Tavares, 2008).

Abordar a temática étnico-racial num viés interdisciplinar, com a participação efetiva de todos (educadores, estudantes, comunidade) oportunizou vivências e experiências novas com o saber, facilitando a aquisição de conhecimentos acerca da história e da cultura africana e afro-brasileira. A partir disso, tentamos construir conjuntamente espaços democráticos e dialógicos, que dessem visibilidade às diversidades, às diferenças, às crenças e às culturas marginalizadas.

Por vezes, recaímos em práticas que se distanciaram da dinâmica interdisciplinar à medida que algumas aulas aconteceram de maneira paralela, com todos abordando o mesmo assunto, cada um preso no seu feudo disciplinar, porém as reuniões serviram para nos alertar do que estava acontecendo, elas permitiram a reflexão sobre as nossas ações coletivamente, objetivando mudar de direção e transversalizar nossos saberes. Tal atitude, no entanto, pleiteou uma visão do todo antes das partes, caso contrário, as peças não se encaixariam no quebra-cabeça. Portanto, o olhar para a totalidade requer solidariedade didática, construção coletiva, colaboração e união visando transformar o ato educativo num laço para além do disciplinar.

Reitero que a interdisciplinaridade é uma das possibilidades para se pensar uma educação pautada na coletividade e na troca de experiências entre diferentes áreas de conhecimento, contudo existem outras práticas pedagógicas embasadas nesses ideais que também podem contribuir para novas maneiras de se pensar e fazer a educação. Este trabalho abordou uma via que acreditamos ser potente e transformadora para o processo de ensino-aprendizagem, porém que esbarra em diversos obstáculos para se concretizar. Aqui retratamos como ocorreu dentro do contexto educacional em que atuamos, portanto não pretendemos apresentar “fórmulas” e prescrições universais de como realizar um projeto interdisciplinar antirracista. Tampouco queremos desqualificar outras práticas docentes (individuais

ou coletivas) que acontecem no chão da escola, pois sabemos que existem professores engajados e preocupados com um ensino diferenciado, de qualidade, que pode ser construído conjuntamente (alunos, docentes, gestores e comunidade).

Essa e tantas outras práticas educacionais renovadoras demonstram que a escola pública pode estar comprometida com um ensino de qualidade, libertador e crítico, que prepara os sujeitos para agir efetivamente como cidadãos, empenhados em lutar e reivindicar por mudanças sociais, políticas e educacionais. Além disso, essa instituição tem potencial para oferecer uma formação integral aos sujeitos que dela fazem parte. Tal afirmação não é fruto apenas da minha jornada docente durante esses anos, mas da caminhada que percorri desde aluna, quando iniciei o meu Ensino Fundamental nas escolas públicas de Vitória/ES. Sem dúvida, muitas mudanças já aconteceram e outras tantas ainda estão por vir, pois existem docentes, profissionais e alunos com ousadia para transgredir, questionar e mostrar que a escola pública não precisa ser sinônimo de desvalorização, de precariedade, de sucateamento, de pobreza e de ensino de má qualidade.

Registro aqui perguntas que necessitam urgentemente de ações como respostas: até quando a Educação Básica e Superior vai continuar negligenciando as tantas culturas, povos e histórias inferiorizadas e massacradas pelo eurocentrismo? Quantos conhecimentos deixaremos de lado, deixaremos de aprender e, conseqüentemente de ensinar nas escolas pela ausência de formação adequada para isso? Precisaremos de mais 20 anos para que a lei 10.639/03 saia do papel e se concretize efetivamente em todas as instituições de ensino?

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas para a realização deste trabalho, penso que tudo valeu a pena, porque juntos tentamos e nos comprometemos com a mudança do cenário social atual, que ainda é muito permeado por preconceitos, intolerância e manutenção do *status quo*. Cada prática e atividade desenvolvida mirou a conscientização frente ao racismo, a busca pelo respeito e a redução de atitudes discriminatórias que machucam, ofendem e adoecem a sociedade. Almejamos com isso “[...] transformar nossa escola em um território de equidade e respeito; um espaço adequado à formação de cidadãos [críticos e engajados na luta antirracista]” (Cavalleiro, p.7), que dê cada vez mais visibilidade às culturas esquecidas, apagadas e inferiorizadas pelo eurocentrismo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: ARS Poética, 1994.
- ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.
- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- ANDRADE, Raphael Rodrigues de; CAMPOS, Luís Henrique Romani de; COSTA, Heitor Victor Veiga da. Infraestrutura escolar: uma análise de sua importância para o desempenho de estudantes de escolas públicas. **Ci. & Tróp.**, Recife, v. 45, n. 1, p. 159-190, 2021. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov45n1\(2021\)art9](https://doi.org/10.33148/cetropicov45n1(2021)art9).
- BAGNARA, Ivan Carlos; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Educação física escolar: política, currículo e didática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.
- BESSA, Bráulio. **Poesia com rapadura**. Fortaleza: Cene editora, 2017.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providência. Brasília, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Educar na diversidade**. 3. ed. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2006.
- CAVALLEIRO, Eliane. Prefácio. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na Educação: repensando nossa escola**. 6. ed. São Paulo: Editora Selo Negro, 2001. p. 7-10.
- CHAUI, Marilena. **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática**. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- CRUZ, Alessandro Marques da. Brincadeiras africanas e afrobrasileiras. In: NEIRA, Marcos Garcia (org.). **Escrevivências da Educação Física Cultural**. São Paulo: FEUSP, 2023. v. 4. p. 32-56. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1188/1086/4083>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- CRUZ, Cristiane Bremenkamp *et al.* Gestão coletiva, temporalidades e transversalidades nos processos formativos de professores. **Educação**, Santa Maria, v. 42, p. 1-24, 2022.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade e ideologia**. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FRAGA, Alex Braga; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Afazeres da Educação Física na escola**: planejar, ensinar, partilhar. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 61. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 82. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GARRIDO, Elsa. Desafios à pesquisa que o professor faz sobre sua prática. *In*: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa (org.). **Pesquisa-ensino**: a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 105-122.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Indicadores educacionais compostos por Taxa de Aprovação, SAEB e IDEB por escola e rede de ensino**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 12 jul. 2024.

KOHAN, Walter Omar. A escola como experiência: entrevista com Walter Omar Kohan. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 1, p. 298-304, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2297/685>. Acesso em: 12 jul. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MIRANDA, Marília Gouveia de. Sobre tempos e espaços da escola: do princípio do conhecimento ao princípio da socialidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 639-651, 2005.

MIRANDA, Raquel Gianolla. Da interdisciplinaridade. *In*: FAZENDA, Ivani (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.. p. 113-124.

MOREIRA, Carlos Evandro (org.). **Educação Física Escolar**: desafios e propostas. 2.ed. São Paulo: Fontoura, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural**: inspiração e prática pedagógica. 2. ed. São Paulo: Paco, 2019. Disponível em: [Home - Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar - FEUSP/CNPq](http://www.fisicaescolar.org.br/). Acesso em: 7 dez. 2023.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012.

O PENSADOR, Gabriel. Estudo errado. *In*: O PENSADOR, Gabriel. **Ainda é só o começo**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1995. CD. Faixa 6.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010.

PAYSAN, Tatiana. Condomínios formam Valparaíso. **A Gazeta**, Vitória, p.1, 4-5, 12 jun. 2006.

PENTEADO, Heloísa Dupas. Pesquisa-ensino e a formação de professores. *In*: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa (org.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 45-70.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 32. ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Dermeval. Natureza e especificidade da Educação. **Em Aberto**, Brasília, a. 3, n. 22, p. 1-6, jul./ago. 1984.

SCHNEIDER, Omar; BUENO, José Geraldo Silveira. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 23-46, 2005.

SCHWARTZ, Yves, O trabalho se modifica. *In*: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). **Trabalho e ergologia: conversas sobre atividade humana**. Tradução de Jussara Brito *et al.* Niterói: EdUFF, 2007. p. 23-47.

SERRA (Município). **Projeto político-pedagógico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo**. Secretaria Municipal de Educação, 2022.

SOARES, Carmen Lucia *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SOUSA, Janayna Alves de; BRUSSIO, Josenildo Campos. Racismo estrutural no Brasil: a luta por uma sensibilidade do mundo decolonial. **Odeere**, Bahia, v. 8, n. 1, p. 264-284, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/11658>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SOUZA, Anna Carolina Carvalho de. Tematizando práticas afro diaspóricas no ensino remoto. *In*: NEIRA, Marcos Garcia (org.). **Escrevivências da Educação**

Física Cultural. São Paulo: FEUSP, 2023. v. 4. p. 74-85. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1188/1086/4083>. Acesso em: 7 dez. 2023.

TAVARES, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências. *In*: FAZENDA, Ivani (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 65-83.

TRINDADE, Dirce Encarnacion. A interdisciplinaridade na contemporaneidade — qual o sentido? *In*: FAZENDA, Ivani (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p, 135-146.

VAGO, Tarcísio Mauro. **A Educação Física na escola:** para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

VAGO, Tarcísio Mauro. Uma polifonia da Educação Física para o dia que nascerá: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras. **Pensar a prática,** Goiás, v. 25, p. 1-26, 2022.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.** Campinas: Papyrus, 2004.

REFERÊNCIAS DO PROJETO INTERDISCIPLINAR A *ÁFRICA NAS BRASILIDADES*

10 BRINCADEIRAS africanas. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Folclore Brasileiro Lendas – Léo Machado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Hq8o4XxgLs>. Acesso em: 15 maio 2023.

A HISTÓRIA do gesto dos Panteras Negras na Olimpíada de 1968. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Outro Lado da História. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eqAvGuE3bal&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=62>. Acesso em: 15 maio 2023.

ADRIANA Varejão, defining Color as Language with “Polvo”. [S. l.: s. n.]. 2014. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Blouin Artinf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NQinZVCSQwg&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVao7XiTWyfKKZ&index=20>. Acesso em: 12 maio 2023.

BARROS, João de Deus Vieira. **Imaginário da brasilidade em Gilberto Freyre.** 2. ed. São Luis: EDUFMA, 2009.

BLOCKER, Consuelo Paschoalato. **Adriana Varejão cria o espetáculo Polvo!** Disponível em: <https://www.consueloblog.com/adriana-varejao-cria-o-espetacular-polvo/>. Acesso em: 12 maio 2024.

CAPIXABAS D’Luta: Chico Prego. Vitória: Secretaria Especial da Cultura, 2022. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cib9N->

[GPPCo&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=27&t=466s](https://www.gppco.org.br/list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=27&t=466s). Acesso em: 12 maio 2023.

CASTRO, Hileia Araújo (org.). **Igualdade racial na Serra**: história e identidade negra I. Serra: Secretaria Municipal de Educação da Serra, 2016. Disponível em: <https://www.serra.es.gov.br/arquivo/1542721057859-volume-1.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

DASS, Angelica. Somos todos Humanæ. São Paulo: [s. n.]. Publicado pelo canal TEDxTalks. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kcYKRNbW_iw. Acesso em: 12 maio 2023.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** Ilustração de Sandra Beatriz Lavandeira. Campo Grande: Alvorada, 2012. Disponível em: <http://atempa.org.br/wp-content/uploads/2018/11/CADA-UM-COM-SEU-JEITO-CADA-JEITO-%C3%89-DE-UM-.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

DIVERSIDADE étnico-racial e infâncias (versão para crianças). Paraná: [s. n.], 2020. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal EducaPlay. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MIAvVKAKy0A&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaoP7XiTWyfKKZ&index=9>. Acesso em: 15 maio 2023.

FARIA, Lívia. Mulheres no Esporte: o tabu e a história por trás da pouca representatividade feminina. Texto disponibilizado em 10 mar. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/outros-esportes/noticia/mulheres-no-esporte-o-tabu-e-a-historia-por-tras-da-pouca-representatividade-feminina.ghtml>. Acesso em: 12 maio 2023.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade e ideologia. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. Ilustração de Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. Disponível em: <https://www.coisasdaprofessoraraquel.com/2021/09/livro-o-pequeno-principe-preto-baixar.html>. Acesso em: 28 jul. 2024.

GALLINDO, Lucione Santiago; SILVA, Auxiliadora Maria Martins da. Pedagogia Decolonial – Kanteatro: prática de uma educação antirracista. **Revista Semana Pedagógica**, Recife, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2019.

GAMA, Priscila; LORIANO Luana. **Escola de Elisás**: educação antirracista. Vitória: [s. n.], 2023. Disponível em: https://71ea9690-b2ee-4ab0-9050-469311e94180.filesusr.com/ugd/5c29bc_ae9208735a1044daaf440b1e8d613eda.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

GILBERTO Gil e Preta fazem dueto. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal FN O Dia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NKu3HrWiLiY>. Acesso em: 12 maio 2023.

JOGADORA de 13 anos sofre de preconceito em torneio de futebol no Rio. Texto disponibilizado em 7 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal->

nacional/noticia/2022/07/07/jogadora-de-13-anos-sofre-preconceito-em-torneio-de-futebol-no-rio.ghtml. Acesso em: 12 maio 2023.

KAYODÊ. **Zumbi, o pequeno guerreiro**. Ilustrações de Edmilson Q. Reis. São Paulo: Quilombhoje, 2009. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1wNilgmlfpd9SkwXuRIFbIL1ADFeJJC6X/view>. Acesso em: 13 maio 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos; SILVA, Eliane. Finalidades educativas escolares e escola socialmente justa: a abordagem pedagógica da diversidade social e cultural. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, p. 816-840, ago. 2020.

NOGUEIRA, Arlindo Pereira. Desafios e possibilidades da implementação da lei 10.639/2003: um estudo numa escola pública de Capistrano-Ceará. **Revista Brasileira de Educação Básica**, Belo Horizonte, ano 5, n. 17, p. 1-10, maio/set. 2020.

OLIMPÍADAS 1968: Panteras Negras. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Outro Lado da História. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=opOphJhg0XU&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaoP7XiTWyfKKZ&index=61>. Acesso em: 12 maio 2023.

PEREIRA, Andréa Guzzo; SILVA, Valquiria Santos; ANGELO, Vitor Amorim de. (org). **Caderno orientador para a educação das relações étnico-raciais no Espírito Santo**. Vitória, ES: Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo, 2023.

QUEIMADO: a luta pela liberdade. Vitória: Mister Filmes., 2021. 1 vídeo (30 min). Direção: Rogério Moraes. Publicado pelo canal Filme Queimado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3f9glXrb9OI&t=19s>. Acesso em: 15 maio 2023.

RACISMO contra Vinicius Junior: veja tudo sobre o caso. Texto disponibilizado em 24 maio 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/24/racismo-contra-vinicius-junior-veja-tudo-sobre-o-caso.ghtml>. Acesso em: 30 maio 2023.

RODA africana: as melhores brincadeiras da Palavra Cantada. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Palavra Cantada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QjlmRDk9ktI>. Acesso em: 15 maio 2023.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?** Desenhos de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. Disponível em: https://www.colegioequipejf.com.br/site/uploads/arquivos_conteudo_aluno/4928/1605496521KfloqueuF.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.

UMA GRANDE LIÇÃO das nossas crianças sobre o racismo. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Leonardo Castro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kSxfom_eRYk&list=PLKFjITaM47zztiW6udnVaop7XiTWyfKKZ&index=2. Acesso em: 14 maio 2023.

VARGAS, Everton Vieira. **O legado do discurso**: brasilidade e hispanidade no pensamento social brasileiro e latino -americano. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

APÊNDICE A – BILHETE ENTREGUE À COMUNIDADE SOBRE O PROJETO INTERDISCIPLINAR “A ÁFRICA NAS BRASILIDADES”



A EEEFM Maria Penedo inicia o projeto “**A África nas brasilidades**” com os estudantes de 4º ano do Ensino Fundamental. Esse projeto faz parte do Plano de Ação da escola, e foi produzido pelos professores baseado da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio do país.

Caso a família necessite de mais informações sobre o projeto, pode consultar a equipe pedagógica da escola.

Atenciosamente,
Equipe Pedagógica



APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS RESPONSÁVEIS PELOS ESTUDANTES DOS 4º ANOS

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Universidade Federal
do Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) seu(a) filho(a) _____, está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de mestrado: **A Educação Física na perspectiva interdisciplinar: proposta para o ensino fundamental**, que será realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo, situada na Avenida Guarapari, s/n – Valparaíso – Serra/ES, CEP 29165-791, telefone de contato: (27) 3241-8370. A pesquisa será desenvolvida entre os meses de março a agosto de 2023 pela professora-pesquisadora Maria Julia Nunes de Britto, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), do polo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com a matrícula 2022130684, sob a orientação do Prof. Dr. Ueberson Ribeiro Almeida. Maria Julia Nunes de Britto (CPF 119.177.044-80) é servidora da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo, no município da Serra, com o número funcional 3791130.

A pesquisa tem como objetivo apontar as possibilidades e limitações que envolvem o planejamento de Educação Física numa ótica interdisciplinar. Além de tentar construir uma proposta interdisciplinar que envolva a Educação Física e as disciplinas de Arte, História, Ensino religioso, Alfabetização e Letramento (ALE). Utilizaremos os princípios metodológicos da pesquisa-ensino, realizando reuniões, debates críticos e planejamentos coletivos entre professores e gestores da escola, bem como intervenções pedagógicas coletivas com os alunos das turmas de 4º ano. A coleta dos dados feita durante as intervenções e reuniões será através de registro em diário de campo, gravação de áudios, vídeos, fotografias, portfólios e documentos escritos.

Acreditamos que este trabalho promoverá uma reflexão crítica e um debate capaz de repensar e reestruturar os planejamentos interdisciplinares e colaborativos que acontecem na escola, contribuindo para a melhoria da Educação e da Educação Física. Além disso, espera-se que haja mudanças no processo de ensino aprendizagem e nas práticas pedagógicas, tornando-as mais significativas e inovadoras.

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Toda pesquisa com seres humanos também envolve riscos, como a divulgação de informações, invasão de privacidade, divulgação de dados confidenciais, interferência na vida e na rotina dos sujeitos, desconforto, constrangimento ou alteração de comportamento durante as gravações de áudio e vídeo. Entre os meios adotados para amenizar possíveis incômodos estão os constantes diálogos para sanar as questões vividas de modo a considerar as opiniões, interesses e expectativas dos participantes da pesquisa.

Garantiremos o sigilo e privacidade daqueles que não autorizarem o uso de imagem e voz. Segundo a resolução 466/12 é garantido ao participante o direito a buscar indenização em caso de dano decorrente da pesquisa, será garantido ~~ainda~~ o ressarcimento em caso de despesa para participação na pesquisa.

O termo será impresso em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as suas páginas pela professora-pesquisadora e pelo responsável pelo estudante, o qual ficará com uma via constando o telefone/e-mail da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação da criança, agora ou a qualquer momento.

Caso necessite de esclarecimentos sobre a pesquisa, o contato poderá ser feito com a professora-pesquisadora: Maria Julia Nunes de Britto, (27) 999780885, e e-mail: majunbs@gmail.com. Se quiser fazer alguma denúncia ou se houver alguma intercorrência na pesquisa, você poderá acionar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras que fica no Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais, sala 07, Campus Universitário de Goiabeiras - Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória - ES, CEP: 29060-970. Tel: (27) 3145-9820. Email: cep.goiabeiras@gmail.com.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE CONSENTIMENTO** e estou de ~~ac~~ em liberar o estudante a participar do estudo, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. **Autorizo também o uso de sua imagem e voz sem ônus para a pesquisadora, com o único objetivo de uso em sua dissertação e fins acadêmicos.**

Responsável pelo Participante (Assinatura)

Professora-pesquisadora (Assinatura)

Serra/ES, _____ de _____, _____.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS DOCENTES DA EEEFM MARIA PENEDO

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Universidade Federal
do Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: **A Educação Física na perspectiva interdisciplinar: proposta para o ensino fundamental**, que será realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Penedo, situada na Avenida Guarapari, s/n – Valparaíso – Serra/ES, CEP 29165-791, telefone de contato: (27) 3241-8370. A pesquisa será desenvolvida entre os meses de março a agosto de 2023 pela professora-pesquisadora Maria Julia Nunes de Britto, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) do polo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com a matrícula 2022130684, sob a orientação do Prof. Dr. Ueberson Ribeiro Almeida. Maria Julia Nunes de Britto (CPF 119.177.044-80) é servidora da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo, no município da Serra, com o número funcional 3791130.

A pesquisa tem como objetivo apontar as possibilidades e limitações que envolvem o planejamento de Educação Física numa ótica interdisciplinar. Além tentar construir uma proposta interdisciplinar que envolva a Educação Física e as disciplinas de Arte, História, Ensino religioso, Alfabetização e Letramento (ALE). Utilizaremos os princípios metodológicos da pesquisa-ensino, realizando reuniões, debates críticos e planejamentos coletivos entre professores e gestores da escola, bem como intervenções pedagógicas coletivas com os alunos das turmas de 4º ano. A coleta dos dados feita durante as intervenções e reuniões será através de registro em diário de campo, gravação de áudios, vídeos, fotografias, portfólios e documentos escritos.

Acreditamos que este trabalho promoverá uma reflexão crítica e um debate capaz de repensar e reestruturar os planejamentos interdisciplinares e colaborativos que acontecem na escola, contribuindo para a melhoria da Educação e da Educação Física. Além disso, espera-se que haja mudanças no processo de ensino aprendizagem e nas práticas pedagógicas, tornando-as mais significativas e inovadoras.

Toda pesquisa com seres humanos também envolve riscos, como a divulgação de informações, invasão de privacidade, divulgação de dados confidenciais, interferência na vida

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



e na rotina dos sujeitos, desconforto, constrangimento ou alteração de comportamento durante as gravações de áudio e vídeo. Entre os meios adotados para amenizar possíveis incômodos estão os constantes diálogos para sanar as questões vividas de modo a considerar as opiniões, interesses e expectativas dos participantes da pesquisa.

Caso o(a) Sr.(a) aceite fazer parte desta pesquisa, saiba que os gestores e professores da escola EEEFM Maria Penedo deverão participar das reuniões, planejamentos e debates, que acontecerão no período de abril a agosto de 2023, sendo avisadas com, no mínimo, 10 dias de antecedência. Já os professores das disciplinas de Arte, História, Ensino Religioso, Alfabetização e Letramento (ALE) das turmas de 4º ano deverão participar também das intervenções práticas coletivas, quando houver necessidade, ressaltando que esses dias serão decididos antecipadamente pelo grupo durante os planejamentos. No que tange o envolvimento dos professores de Educação Física da EEEFM Maria Penedo, sua participação será unicamente através de conversas a fim de entender as dificuldades para planejar suas aulas numa perspectiva interdisciplinar, registradas através de áudio e no diário de campo, isso ocorrerá no mês de abril de 2023, o participante terá a liberdade para escolher dois dias deste mês para o debate.

A qualquer momento, antes, durante ou após sua participação coloco-me à disposição para esclarecimento sobre eventuais dúvidas que possam surgir com a pesquisa. A participação é voluntária e sua recusa em fazer parte dela não lhe provocará nenhum dano ou punição. Você poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Tendo direito a buscar indenização em caso de danos decorrentes da pesquisa. Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa, será garantido o sigilo e a privacidade de sua participação. Para participar não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração.

Se o(a) senhor(a) se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos e benefícios, convido(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor(a) e a outra com o professor-pesquisador.

Caso necessite de esclarecimentos sobre a pesquisa, o contato poderá ser feito com a professora-pesquisadora: Maria Julia Nunes de Britto, (27) 999780885, e e-mail: majunbs@gmail.com. Se quiser fazer alguma denúncia ou se houver alguma intercorrência na pesquisa, você poderá acionar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras que fica no Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais, sala 07, Campus Universitário de Goiabeiras - Av. Fernando Ferrari,

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



514, Vitória - ES, CEP: 29060-970. Tel: (27) 3145-9820. Email: cep.goiabeiras@gmail.com.
Garantiremos o sigilo e privacidade daqueles que não autorizarem uso de imagem e voz.
Segundo a resolução 466/12 é garantido ao participante o direito a buscar indenização em caso de dano decorrente da pesquisa, além do ressarcimento em caso de despesa para participação na pesquisa.

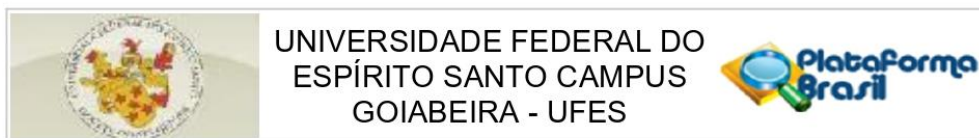
Participante

Cargo/função ocupada

Professora pesquisadora

Serra/ES, ____ de _____ 2023

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68158623.3.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.013.986

Apresentação do Projeto:

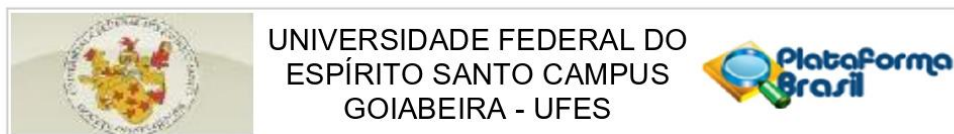
O projeto de pesquisa busca compreender as possibilidades e limitações do planejamento de Educação Física sob a ótica interdisciplinar e colaborativa, procurando desenvolver uma proposta de projeto interdisciplinar envolvendo esta disciplina no Ensino Fundamental. Parte-se do entendimento que o diálogo entre os saberes desenvolvidos na escola através da interdisciplinaridade e colaboração contribui para uma melhoria no processo de ensino

aprendizagem, para o desenvolvimento integral do aluno e impacta diretamente na qualidade da educação. Assim, pensar a Educação Física numa perspectiva interdisciplinar não é achar que ela servirá de “muleta” para que as outras disciplinas atinjam seus objetivos, mas que haverá uma ação conjunta e colaborativa de todos os envolvidos no processo, sem se afastar de seus objetos de conhecimento, ao contrário, achando os pontos de interseção entre eles. Trata-se de uma intervenção, realizada no contexto do mestrado profissional, em uma escola de ensino fundamental do município de Serra/ES.

Objetivo da Pesquisa:

Apontar as possibilidades e limitações que envolvem o planejamento de Educação Física numa ótica interdisciplinar. Além disso, pretende-se construir uma proposta interdisciplinar que envolva a Educação Física e as disciplinas de Arte, História, Ensino religioso, Alfabetização e Letramento (ALE).

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.013.986

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos apresentados são aqueles inerentes às pesquisas nas ciências humanas e sociais e estão relacionados à divulgação de informações, invasão de privacidade, divulgação de dados confidenciais, interferência na vida e na rotina dos sujeitos, desconforto, constrangimento ou alteração de comportamento durante as gravações de áudio e vídeo, medo, timidez, vergonha, estresse, risco relacionados a divulgação de imagem ou quebra

de anonimato e riscos físicos inerentes às aulas de Educação Física. Entre os meios adotados para amenizar possíveis incômodos estão os constantes diálogos e respeito às opiniões, interesses e expectativas em relação à participação dos alunos, professores e gestores da escola. Além de buscar garantir o sigilo em relação às respostas dos participantes, as quais serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos. Benefícios: espera-se que a pesquisa possibilite transformações nas práticas e intervenções docentes, e que isso impacte diretamente no processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais significativo, colaborativo e criativo tanto para os professores quanto para os alunos do contexto onde a proposta será realizada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa vinculada ao Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF). O objeto de estudo é pertinente ao escopo do Mestrado Profissional e está circunscrito a uma proposta de intervenção pedagógica, no contexto do ensino médio, em que a Educação Física será ofertada em articulação com outras disciplinas do currículo, para isso, mobiliza a pesquisa-ensino como perspectiva metodológica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

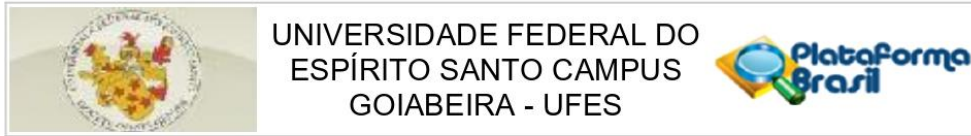
O protocolo de pesquisa apresenta dois modelos de TCLE, um direcionado aos professores/gestores e outro direcionado aos responsáveis legais pelo menores participantes, assim com o TALE para os participantes menores de idade, que são estudantes do ensino médio. Em todos os termos os participantes são informados sobre os objetivos da pesquisa, sua justificativa, procedimentos, riscos e benefícios, direitos e garantias, além de contatos para sanar eventuais dúvidas ou para denunciar eventuais intercorrências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto apto a iniciar a sua fase de produção dos dados com os participantes.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.013.986

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2080506.pdf	22/03/2023 10:47:10		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_versao_final_com_anexos.pdf	15/03/2023 15:11:30	MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	15/03/2023 15:09:25	MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	01/02/2023 14:08:59	MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS	Aceito
Outros	carta_de_anuencia.pdf	01/02/2023 14:08:40	MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_responsaveis.pdf	01/02/2023 14:08:19	MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale_alunos.pdf	01/02/2023 14:07:27	MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	01/02/2023 13:47:28	MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITORIA, 20 de Abril de 2023

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com

Página 03 de 03



INFORMAÇÕES DO DOCUMENTO
Documento capturado em 05/05/2023 (HORARIO DE BRASÍLIA - UTC-3)
por MARIA JULIA NUNES DE BRITTO DOS SANTOS (PROFESSOR B - 10065506348 - SEDU - GOVES)
Valor Legal: CÓPIA AUTENTICADA ADMINISTRATIVAMENTE | Natureza: DOCUMENTO DIGITALIZADO
Conferência: CONFERIDO COM DOCUMENTO ORIGINAL EM SUPORTE PAPEL.

A disponibilidade do documento pode ser conferida pelo link: <https://e-docs.es.gov.br/4/2023-6NK79K>

ANEXO B – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA SEDU



CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que a realização da pesquisa intitulada “**A Educação Física na perspectiva interdisciplinar: proposta para o Ensino Fundamental**”, realizada por **Maria Julia Nunes de Brito**, sob o CPF 119.177.047-80, nas dependências da(s) unidade(s) abaixo listada(s), está autorizada mediante entrega de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 68158623.3.0000.5542.

Unidades em que a pesquisa será desenvolvida: EEEFM Maria Penedo.

Vitória, 05 de junho de 2023.

VITOR AMORIM DE ANGELO
Secretário de Estado da Educação

ASSINATURA

Documento original assinado eletronicamente, conforme MP 2200-2/2001, art. 10, § 2º, por:

VITOR AMORIM DE ANGELO
SECRETARIO DE ESTADO
SEDU - SEDU - GOVES
assinado em 05/06/2023 16:34:37 -03:00



INFORMAÇÕES DO DOCUMENTO

Documento capturado em 05/06/2023 16:34:37 (HORÁRIO DE BRASÍLIA - UTC-3)
por VITOR AMORIM DE ANGELO (SECRETARIO DE ESTADO - SEDU - SEDU - GOVES)
Valor Legal: ORIGINAL | Natureza: DOCUMENTO NATO-DIGITAL

A disponibilidade do documento pode ser conferida pelo link: <https://e-docs.es.gov.br/d/2023-32RZRL>